10 anos

revista Barbante

VOL. X - Nº 50 - 29 DE NOVEMBRO DE 2022
ISSN 2238-1414

BARBANTINHA
Caderno especial escrito por crianças
Página 172

Palavras aos leitores e às leitoras

Chegamos na edição de número 50 e parece até que a Barbante faz cinquenta séculos de existência nas suas mais diversas lutas, incertezas, perdas, abandonos e muita vontade de vencer! Continuar produzindo literatura de qualidade para o mundo e trazendo o mundo da literatura para as nossas páginas é o que desejamos sempre! Obrigada aos nossos colaboradores por esta edição tão especial! Obrigada por estarem conosco em um trabalho grandioso e que muito nos anima a cada edição. Que venha a edição de número 100, 150, 200... e por aí seguimos!

Neste volume, a Barbante conta com as ilustrações da nossa querida fotógrafa Elza Francisco que traz a natureza com uma beleza singular no clique da sua máquina e no seu olhar encantado de poeta da imagem.

As seções desta edição estão distribuídas em Artigos, Cartuns, Cartas, Contos, Crônicas, Fábulas e Poemas. Temas e olhares variados dão a este número um caráter bem abrangente e especial, em tempos em que se faz tão necessário capturar todas as possíveis esperanças de um mundo melhor.

Além da contribuição de diversas pessoas nas seções citadas, contamos com a presença de nossos colunistas fixos: Araceli Otamendi, Márcia Batista Ramos, Rosa Regis e Rosângela Trajano. Nossa gratidão a vocês por caminharem com a Barbante.

A nossa gratidão a todos que colaboram com a revista Barbante criando um laço afetivo de amor e cuidado entre autores que buscam fazer da literatura um meio de aproximar pessoas nos mais diferentes lugares com a alegria e solidariedade de quem escreve por amor e se dedica à arte da escrita com singularidade e maestria.

A Barbante apresenta, também, mais um número da sua irmã caçula, Barbantinha, um caderno especial escrito por crianças do mundo inteiro com ilustrações e textos! Nesta edição, crianças do estado de São Paulo, Santa Catarina e outras cidades do Brasil. Convidem as crianças para participarem mensalmente desse caderno encantador e cheio da beleza de mundos imaginários aos quais só as crianças conseguem chegar!

Agradecemos aos/às nossos/as colaboradores/as e desejamos uma bela leitura a vocês,

Rosângela Trajano

Samuel de Mattos

Artigos

OS NOVOS ESPAÇOS DA LITERATURA PROPICIADOS PELA CULTURA DIGITAL

THE NEW SPACES OF LITERATURE PROPICIATED BY THE DIGITAL CULTURE

PIOVESAN, Cleusa[1]

Resumo:
Este artigo discorre sobre a nova modalidade de divulgação das produções literárias, a internet, por meio de redes sociais, Academias Virtuais de Literatura, Saraus Literários, lives, enfim, a interação propiciada pelo advento da tecnologia e pela quantidade de gêneros textuais surgidos nesse meio, bem como o surgimento da escrita colaborativa. Para abordar esses tópicos, e a performance e a importância da cultura digital na divulgação da produção dos autores, fundamentei-me em Barthes (1987-2005-2007); Chartier (2002); Blanchot (2005) e Beigui (2001), que fomentam discussões sobre as fronteiras da Literatura e o lugar do texto literário e sua função social: a comunicação.

Palavras-chave: Cultura digital; Produções literárias, Performance, Escrita colaborativa.

Abstract:
This article discusses the new way of disseminating literary productions, the internet, through social networks, Virtual Academies of Literature, Literary Sausages, lives, in short, the interaction provided by the advent of technology and the amount of textual genres that emerged in this medium., as well as the emergence of collaborative writing. To address these topics, and the performance and the importance of digital culture in the disseminating the authors' production, I based myself on Barthes (1987-2005-2007); Chartier (2002); Blanchot (2005) and Beigui (2001), who encourage discussions about the boundaries of Literature and the place of literary text and its social function: communication.

Keywords: Digital culture; Literary productions, Performance, Collaborative writing.

Introdução

É fato inegável que a tecnologia é viciante. Os bebês já são atraídos por uma tela de tevê ou de celular, antes de ter consciência sobre qualquer outro fato de suas vidas. Eles já vêm ao mundo com o *chip* da tecnologia ativado, e desde muito cedo as crianças têm uma habilidade em manusear aparelhos eletrônicos, com os quais muitos adultos apresentam dificuldades de lidar. Sendo assim, a cultura digital tem seu espaço garantido e atinge internautas de todas as idades, fazendo com que surjam, a cada dia, novos gêneros textuais, para atender às necessidades comunicativas dos falantes/leitores, reais ou virtuais, inseridos no mundo da tecnologia.

O novo espaço da Literatura, os ambientes virtuais, divulgados amplamente pelos *sites* e pelas redes sociais, corroboram com a função essencial de qualquer texto, seja literário ou informativo; efetivar a comunicação, propiciar interação, seja de forma oral, verbal, não verbal, ou, como está ocorrendo, virtual, bem como apresenta uma identidade cultural, uma representação do contexto sócio-histórico do país. A possibilidade de comunicação é infinita, prova disso é o surgimento de, cada vez mais, gêneros textuais, representando a necessidade de os indivíduos se expressarem, a partir de sua intencionalidade, dentro de um contexto específico de comunicação. Para Barthes (2007),

---

1 Mestrado Profissional em Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil (2020); Quadro Próprio do Magistério do Secretaria de Educação do Estado do Paraná, Brasil; Poeta, contista, articulista e pesquisadora das relações de gênero: feminismo e patriarcado.

> existe um estatuto particular da literatura que consiste nisto: ela é feita com linguagem, isto é, com uma matéria que já é significante no momento em que a literatura dela se apodera: é preciso que a literatura deslize para um sistema que não lhe pertence, mas que funciona apesar de tudo com os mesmos fins do que ela, isto é: comunicar (BARTHES,2007, p. 169).

Nessa função de comunicar, a Literatura adentrou um espaço que não lhe pertencia e sai de "lugares sagrados", como bibliotecas e livrarias, para as *homepages* dos *sites* de busca da internet. A produção em massa propiciada pela cultura digital, de qualquer gênero textual, seguindo a corrente pós-estruturalista, de não tornar a linguagem um objeto de análise, mas tornar o escritor um ser atuante, que reflete sobre o que escreve, demonstra o que já inquietava Barthes (2004), que afirmava que

> nessa perspectiva a leitura é verdadeiramente uma produção: não mais de imagens interiores, de projeções, de fantasias, mas, literalmente, de trabalho: o produto (consumido) é devolvido em produção, em promessa, em desejo de produção, e a cadeia dos desejos começa a desenrolar-se, cada leitura valendo pela escritura que ela gera, até o infinito (BARTHES, 2004, p. 40).

As leituras ofertadas nas plataformas digitais fazem esse ciclo a que o autor se refere, principalmente, nos textos que geram *hiperlinks*, que conduzem a textos complementares que, se o internauta não estiver atento, acaba desviando-se de seu propósito inicial e perdendo-se em conjecturas, suscitadas pelos textos complementares. Barthes (2007) já preconizava em sua obra *Crítica e Verdade*:

> pode bem ser que a história liberte ou invente novos projetos, escolhas desconhecidas, papéis dos quais nossa sociedade não pode fazer ideia. As fronteiras já começam a cair, senão entre o artista e o cientista, pelo menos entre o intelectual e o artista. É que os dois mitos, entretanto tenazes, estão em vias, senão de passar, pelo menos de se deslocar; por um lado, um certo número de escritores, cineastas, músicos, pintores se intelectualizam, o saber não é mais atingido por um tabu estético (BARTHES, 2007, p. 183-184).

Essas fronteiras, impostas pelo cânone literário, caíram, e abriram espaço para novas formas de produção literária e novos espaços de divulgação. O escritor deixa de ser "um garimpeiro" em busca de editoras que aprovem sua obra e passa a frequentar um espaço socializado: a mídia. O modo como os textos, relativos à cultura digital, são apresentados ao público, desconstrói toda a estrutura dos gêneros textuais formais, ofertando uma literatura voltada à informalidade, própria dos textos que atingem ao público com maior facilidade. Beigui (2011) aponta que

> a teoria literária de cunho estruturalista constitui um dos campos que ao longo dos tempos tem se mostrado mais resistente a assumir o texto como performance. Tal resistência se deve, sobretudo, a uma longa tradição de análise estrutural que muitas vezes ofuscou a escrita como experiência e vinculou o texto a uma cultura da poética normativa (BEIGUI, 2011, p. 3).

A quebra de paradigmas, impostos pelo cânone literário pré-modernista, pode ser percebidos nos novos gêneros textuais, surgidos com o advento da internet, por apresentar uma cultura de massa, tanto que alguns autores, ao constatarem o espaço que a cultura digital estava ocupando, tão rapidamente, começaram

se preocupar com seu valor literário. Ao discorrer, há quase duas décadas, sobre as novas possibilidades de leitura e de escrita de textos literários ou informativos, com a ampliação das comunicações via internet, Blanchot (2005), já questionava:

> às vezes nos fazem estranhas perguntas; esta, por exemplo: «Quais são as tendências da literatura atual?» ou então: «Para onde vai a literatura?» Sim, pergunta espantosa, mas o mais espantoso é que, se há uma resposta, esta é fácil: a literatura vai em direção a ela mesma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento (BLANCHOT, 2005, p. 285).

O desaparecimento a que o autor se referia era que a literatura digital suplantaria a literatura impressa e, o que se vê, na atualidade, é que elas coexistem no mesmo espaço, atendendo a todo tipo de público; àquele que aderiu à tecnologia e adaptou-se a novas formas de leitura e de Literatura ofertada, e àquele que prefere manter a tradição do material impresso (livros, revistas, jornais), por não adequar-se ou por preferir algo mais palpável, com um contato mais próximo.

A arte da performance e a imersão do escritor na sociedade contemporânea

As publicações, tanto em poesia quanto em prosa, tanto literárias quanto informativas, estão a um *click* dos dedos e, basta abrir uma página da internet e o cérebro não dá conta de assimilar tanta informação ali exposta. Assim, a maneira de atingir ao público leitor, também foi sofrendo adaptações, porque, na atualidade, as pessoas querem leitura que lhes proporcione informações e entretenimento, e, como já ressaltava Barthes (1987) em sua obra *O prazer do texto*, há uma dicotomia a ser discutida na recepção que o leitor faz do texto:

> texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES,1987, p.23).

Para atender ao prazer e a fruição da leitura, surge a literatura viral, com textos curtos, que "caem na rede" e possuem pouco tempo de vida útil, é uma das tendências de gêneros textuais que atraem, principalmente, o público adolescente. Nessa categoria se enquadram os *memes*, os *gifs,* as charges, com teor humorístico e/ou crítico e/ou filosófico, que são repassados via Facebook, Whatsapp, Instagram, e poucas horas ou dias depois são descartados ou já não fazem mais sentido.

Como apresentou Beigui (2011, p. 6), em artigo sobre a arte da *performance* no texto literário, os "processos de uma escrita caótica são cada vez mais observados em escritores contemporâneos que arriscam construir seu percurso a partir de uma releitura da tradição e das consequências dessa "desleitura" para o ato criativo". É o que se pode perceber nos textos veiculados nas plataformas virtuais, são os textos virais, que apresentam uma representação do momento, contextualizados pela situação vivida, descartados após exercerem sua função social, muitas vezes, causando alvoroço ou provocando debates sobre determinado tema, nem sempre adequados à norma padrão; são mais de cunho informal. Como afirma Blanchot (2002, p. 16),

> o texto eletrônico reintroduz na escrita alguma coisa das línguas formais que buscavam uma linguagem simbólica capaz de representar adequadamente os procedimentos do pensamento. [...] Essa língua deveria ser escrita mediante signos convencionais, símbolos, quadros e tabelas, todos esses "métodos técnicos" que permitem captar as relações entre os objetos e as operações cognitivas (BLANCHOT, 2002, p. 16).

Esses aspectos da literatura contemporânea têm sido discutidos em seminários, simpósios, congressos de literatura e, mais recentemente, em Saraus de Literatura e em *lives* literárias, que ressaltam essa tendência transitória dos novos gêneros textuais, surgidos com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Muitos autores sustentavam a ideia de que não se lê, na atualidade, o que é um equívoco; nos se lê nos moldes tradicionais de leitura, lê-se nos ambientes virtuais. Blanchot (2002) preconizava a morte do leitor com a criação da cultura digital, como cita no trecho:

> a morte do leitor e o desaparecimento do leitor são pensados como a consequência inelutável da civilização da tela, do triunfo das imagens, da comunicação eletrônica. [...] A antiga oposição entre, de um lado, o livro, a escrita, a leitura, e, de outro, a tela e a imagem é substituída por uma nova situação que propõe um novo suporte para a cultura escrita e uma nova forma para o livro (BLANCHOT, 2002, p. 105-106).

A previsão desse autor de que o livro eletrônico substituiria o livro impresso não se concretizou. O que houve de lá para cá foi a ampliação do mercado editorial e das produções literárias, com novas plataformas de distribuição das obras, haja vista maiores possibilidades de divulgação que os meios digitais propiciam. E as pessoas estão lendo mais, porque o tempo todo acessam informações, rapidamente, pelo celular, principalmente, nas redes sociais. Não é uma leitura padronizada, de acordo com o conceito que se criou nos cânones literários, mas é a leitura que a vida moderna permite ao indivíduo, uma vez que todos parecem "correr contra o relógio" e/ou são escravizados por ele. A expressão "tempo é dinheiro" guia a mentalidade moderna em relação ao uso do tempo e, nessa perspectiva, uma leitura mais longa só é empreendida por aqueles que veem o tempo gasto com ela como um retorno lucrativo, seja ele intelectual ou monetário, ou apenas de entretenimento.

Analisando os aspectos da massificação de textos em circulação, em vários suportes e veículos de comunicação, concluí que a literatura é "transistórica", isto é, a história e a História, quando vivenciadas, são banais, cotidianas, comezinhas, não têm a importância de seu resgate reflexivo proporcionado pela memória, *a posteriori,* que vem impregnado de impressões e de *insights* não percebidos no afã dos acontecimentos, mas quando ela se torna a representação de uma época, de comportamentos, de situações políticas, econômicas e sociais, registrada no texto literário, ela insere-se na transitoriedade do tempo e do espaço e lhe fixa um lugar, do qual pode ser observada, critica e racionalmente. Isso está impregnado na escrita dos escritores; eles capturam o momento histórico, mas esse momento histórico, analisado a *posteriori*, assume outras significações. Como ponta Barthes (2007),

> a escritura nunca é uma linguagem, um sistema formal (qualquer que seja a verdade que a anima); em um dado momento (que é talvez o de nossas crises profundas, sem outra relação com o que dizemos do que a de mudar lhe o ritmo), essa linguagem pode sempre ser falada por uma outra linguagem; escrever (ao longo do tempo), é procurar sem garantias a maior linguagem, aquela que é a forma de todas as outras. O escritor é um experimentador público: ele varia o que recomeça; obstinado e infiel, só conhece uma arte: a do tema e das variações (BARTHES, 207, p.15).

Dessa experimentação do escritor, depreendem-se a transitoriedade dos gêneros textuais expostos, não só nos espaços midiáticos, mas em todos os espaços de circulação do texto literário. Assim, tem-se alguns questionamentos: com tantos gêneros textuais, afixados no espaço virtual, proporcionado pela tecnologia, onde é o lugar da materialidade do livro impresso, que foi responsável por resguardar toda produção literária, representativa e compilativa da História do ser humano, desde o surgimento da escrita? O Livro impresso tenderá a desaparecer, cedendo lugar aos textos veiculados nos meios eletrônicos? Chartier (2002) traz uma abordagem significativa sobre esse assunto:

> devemos pensar que nos encontramos às vésperas de uma semelhante mutação e que o livro eletrônico irá substituir ou já está substituindo o códex impresso, tal como o conhecemos em suas diversas formas: livro, revista, jornal? Talvez. Porém, o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre as duas formas de livro e os três modos de inscrição de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa e a textualidade eletrônica (CHARTIER, 2002, p. 107).

O autor alerta para a armadilha de pensar na troca de suporte para os textos literários, desconsiderando as novas possibilidades de leitura que o texto digital suscita, abrindo a possibilidade da inserção de *hiperlinks*, que levam o leitor a ampliar ainda mais seu repertório literário, porém, em tempos de aceleração do processo tecnológico tudo se torna mais "líquido" e dilui-se em um tempo fugaz se o leitor não souber fazer o uso adequado dessa nova ferramenta em prol de sua formação leitora, uma vez que os indivíduos só retêm o que lhes interessa. E essas tendências da literatura contemporânea vêm demostrar quão passageira pode ser uma informação, tanto quanto seu "apagamento" como registro na História.

Na transitoriedade da memória, individual e coletiva, mora o perigo oculto de não haver fidelidade no registro dos acontecimentos, de "esquecimento" ou de omissão daquilo que desfavorece, que deprecia, que envergonha, uma vez que todos querem ser vistos por seu melhor ângulo, e não mostrar uma "fotografia desbotada", que o tempo amarelou, na qual não se pode confiar em sua autenticidade. As publicações veiculadas nas redes sociais, principalmente, possuem esse teor próprio da língua de significar e ressignificar textos e contextos. Como afirma Barthes (1987),

> a língua se reconstrói alhures pelo fluxo apressado de todos os prazeres da linguagem. Onde, alhures? No paraíso das palavras. Trata-se verdadeiramente de um texto paradisíaco, utópico (sem lugar), de uma heterologia por plenitude: todos os significantes estão lá e cada um deles acerta na mosca; o autor (o leitor) parece dizer-lhes: amo a vocês todos (palavras, giros, frases, adjetivos, rupturas: de cambulhada: os signos e as miragens de objetos que eles representam); uma espécie de franciscanismo obriga todas as palavras a se apresentarem, a se apressarem, a tornarem a partir: texto jaspeado, variegado; estamos entulhados pela linguagem, como crianças a quem nada fosse jamais recusado, censurado, ou pior ainda: permitido (BARTHES,1987, p. 14).

O advento da internet tem aberto amplo espaço para a divulgação de escritores que viviam no anonimato, muitas vezes, pelo alto custo das publicações ou pela demora de aprovação de suas obras na fila de espera das editoras, bem como pela baixa porcentagem paga pelas editoras ao trabalho intelectual e artístico dos autores. A utilidade mercadológica dessas produções atende não só aos escritores, que divulgam seu trabalho, com ou sem qualidade literária, mas ao público, que deseja obras de menor custo. Barthes faz um alerta sobre a mercantilização das produções literárias, ao afirmar que

> a comunidade literária, qualquer que seja o álibi que apresentar, será mantida pela sociedade mercantil, não pelo que o escritor produz (não produz nada) mas pelo que ele queima? Excedente, mas de modo algum inútil? A modernidade faz um esforço incessante para ultrapassar a troca: ela quer resistir ao mercado das obras (excluindo-se da comunicação de massa), ao signo (pela isenção do sentido, pela loucura), à boa sexualidade (pela perversão, que subtrai a fruição à finalidade da reprodução). E, no entanto, não há nada a fazer: a troca recupera tudo, aclimatando o que parece negá-la: apreende o texto, coloca-o no circuito das despesas inúteis mas legais: ei-lo de novo metido numa economia coletiva (ainda que fosse apenas psicológica); é a própria inutilidade do texto que é útil, a título de *potlach*[2] (BRTHES, p. 33-34)

O trabalho do escritor (poetas, contistas, cronistas, ensaístas, romancistas) é um trabalho solitário, subjetivo, individual, que cobra da autoria o sentido de universalidade, demostrar a consciência sobre o fio tênue entre realidade, fantasia e ficção, entre o social e o intimista, contrastes que se sobressaem em sua escrita, tanto que, ao ler um autor, em várias de suas obras, pode-se identificar um estilo todo próprio de composição, uma maneira de escrever que o caracteriza e permite ao leitor reconhecê-lo em todas as suas composições, além de, alguns autores, optarem por uma temática específica.

O encontro dos autores por meio das escritas coletivas/colaborativas;

O conceito de escrita coletiva, ou colaborativa, tem se ampliado nos últimos tempos, uma vez que os autores estão em contato constante, por meio de grupos no Facebook, Centros de Letras, Saraus Literários, as Academias Virtuais, enfim, espaços que não existiam e que, com o advento da tecnologia se tornaram o "ponto de encontro" de escritores não só do Brasil, mas de todo o mundo, permitindo uma troca de informações instantânea, percepção de afinidades poéticas com um ou outro escritor, e possibilitando essa escrita coletiva. Os textos em coautoria, duetos poéticos, escrita coletiva de contos (alguém inicia e os demais integrantes do grupo dão continuidade, seguindo uma linha de raciocínio lógica ao desenvolver o enredo da história); são experiências novas, ou experimentações literárias, proporcionadas pela cultura digital, a que os autores do passado não estavam acostumados. E o olhar do outro sobre o texto também ajuda na melhoria das composições.

Posso relatar, como escritora/poetisa, algumas experiências das quais participei, sobre escrita coletiva. No início de 2020, o autor Luiz Amato[3], assumiu a função de organizador de uma coletânea e propôs aos escritores interessados em participar da edição de um livro de contos, com a temática "Distopia" (sobre catástrofes, fim dos tempos, pragas e outros relacionados ao conceito), com o título *2077*, a ser lançado pela editora Leia Livros (Porto Alegre – RS). Cada autor pôde participar com três contos (máx. 4 páginas, A4), e também, minicontos, totalizando 20 participantes, com um custo estimado de edição de 100,00 por autor, e R$ 20,00 por livro (fora despesas de remessa). O conto de abertura do livro, com título homônimo ao título do livro, *2077*, foi composto por todos os participantes; Luiz Amato iniciou a narrativa e, por inscrição, cada

2 A palavra potlatch significa dar, a expectativa do homenageado é que ele receba bens daqueles para os quais deu os seus, quando esses forem homenageados.

3Criador do FLAL - Festival de Literatura e Artes Literárias - evento online (05 edições); Autor de *A Grande Aventura - A Revelação* (em fase de impressão) e *Reencontros em Linhas*; Escreve *Freelancer* para algumas colunas de jornais.

autor compunha um parágrafo, por duas vezes alternadas. No final, o conto completo foi exposto para a apreciação de todos os autores e foi uma experiência gratificante.

A meu ver, a edição colaborativa para a publicação, bem como a escrita coletiva de um conto, ou qualquer outo gênero textual literário, está indicando novos caminhos para a literatura mundial e é uma maneira de divulgação a baixo custo, que abrange um grande público e pode tirar do anonimato bons autores, que não publicariam independentemente, não fosse esse tipo de proposta de publicação.

Outra forma de divulgação do trabalho dos escritores é a participação em coletâneas e antologias com temáticas específicas, que ofertam a participação colaborativa: um número estipulado de participantes e, cada participante se compromete em adquirir uma quantidade estipulada de exemplares da obra.

Clau Mendes[4], organizador da Antologia Raízes do conhecimento – Poemas do coração III, para publicação de 2020, relatou-me como é realizado o trabalho de compilação de textos para uma antologia poética. Ele afirma que muitos autores são divulgados por meio das coletâneas ou antologias, e destacam-se com a divulgação dessas produções em parceria, pois são de custos baixos e mais acessíveis. Funciona mais ou menos dessa forma, conta Clau "existem nos sites de algumas editoras um chamado específico para ser um "organizador" de antologias. Raramente pessoa é convidada a ser um. Há uma proposta que o organizador interessado preenche, determinando os termos do contrato de sua antologia, geralmente, propondo um tema e explicando a importância e a relevância do título dado**.** Com esses dados em mãos, a editora analisa e manda a confirmação ao organizador. A editora e o organizador trabalham juntos na edição da capa que, quando pronta, a editora envia ao organizador um contrato que ele imprime, assina e manda um scanner assinado (varia de editora para editora). Fazendo isso, a editora lança o edital na internet. Não há participação nos lucros, como organizador. A editora, geralmente, trabalha com uma margem de lucro com os autores, quase meio a meio. O organizador ganha alguns exemplares da antologia e, geralmente, não paga para colocar seus textos na obra. A editora divulga o edital da Antologia, porém a maior divulgação deve ser do organizador, que tem o trabalho de localizar os grupos de escritores, em redes sociais, convocando-os a fazer parte da obra em andamento, tarefa nada fácil, porém, gratificante, pela possibilidade de contato com vários escritores, o que permite conhecê-los, e propor-lhes novas publicações colaborativas". Como se percebe, há um comprometimento do organizador e da editora em ofertar ao público um trabalho de boa qualidade.

O processo de edição colaborativa de um livro é bastante confiável, não há risco de o autor ser lesado, o contrato é assinado virtualmente e a cláusulas do edital são cumpridas à risca, uma vez que a motivação para a publicação coletiva está comprometida com a promoção da Literatura, trazendo ao conhecimento do público, autores que não sairiam do anonimato, não fossem esses espaços literários. A forma colaborativa é uma alternativa para escritores, num país onde poucos conseguem fazer da arte literária sua profissão.

A maioria dos escritores, na atualidade, tem uma profissão formal e a literatura, que demanda muito esforço intelectual, tempo para a escrita, momentos de inspiração, amplo conhecimento de mundo, e técnicas de redação sobre os gêneros a que se pretende produzir, está relegada a ser um *hobby*, que gera satisfação pessoal, muito mais do que lucros. Contar com a editoração de pessoas capacitadas para isso tranquiliza os autores, porque, muitos deles não têm noção de como se dá o processo de editoração de um livro, sua tarefa é deixar fluir a imaginação e produzir o texto literário, base de todo esse mercado que está cada vez mais em alta, haja vista a necessidade de o ser humano expor suas ideias e emoções, em um mundo que não permite viver na apatia.

---

4 Escritor/poeta, Acadêmico da Academia Sul Catarinense de Letras e Artes (ASCLA); Organizador da Antologia Raízes do conhecimento – Poemas do coração III, do Projeto Antologias Brasil, pela Editora GM.

O mercado editorial tem sido generoso em propostas de publicação de livros para autores independentes, aqueles que custeiam a publicação de suas obras, ofertando uma tiragem mínima, como por exemplo, 100 exemplares, a um custo efetivamente acessível, até parcelado em boleto ou cartão de crédito, sendo este reduzido, por custo de cada livro (quanto maior a tiragem) e se encarregam de todo o processo de registro no ISBN, Ficha Catalográfica, edição gráfica da capa, ou seja, o autor envia o arquivo com o texto e a editora faz todo o processo de transformação em livro, seguindo o padrão de formato do gênero textual livro.

O impacto nas produções literárias propiciado pelas tecnologias

O surgimento de academias virtuais de escritores, poetas, autores em geral têm sido benéfico à produção literária no Brasil. De certo modo, essas academias fomentam a participação de grande quantidade de autores. As academias virtuais de literatura têm ganhado espaço nos últimos anos, por agregar num mesmo espaço autores de várias regiões do país, algumas até em âmbito internacional, permitindo uma interação cultural entre os escritores que se inscrevem nesse tipo de suporte literário.

A *priori*, as academias virtuais possuem um estatuto com o qual os interessados em participar aceitam os termos nele estipulados, e todo texto a ser veiculado na página do Facebook, tem de ser aprovado pelos criadores/administradores, fazendo uma filtragem do que é publicado, primando pelo respeito aos direitos humanos e pela ética nas publicações do grupo. Na maioria as academias virtuais, também é proibido a divulgação comercial dos integrantes, sendo o espaço virtual apenas utilizado para a divulgação de seu trabalho artístico.

Os meios virtuais são espaços privilegiados para um autor tornar-se figura pública, conhecida no território nacional, e até em outros países. Por meio da interação propiciada pelas academias virtuais os autores conhecem outros autores e cria-se, além da afinidade poética, amizades virtuais, que permitem a troca de informações entre os usuários. Essa é a nova roupagem das produções literárias, que promovem encontros e trocas de informações, discutem as novas tendências da literatura mundial, e insere autores desconhecidos do público para que marquem presença constante no cenário literário, tornando-se, assim, as *lives*, lugares de provocação, que instiga a novas produções. Como afirma Beigui (2011),

> a performance propõe de algum modo uma revisão da história, da divisão filo e ontologicamente do corpo/pensamento, talvez não para consertá-la, ou reproduzir sua gênese, mas para exercitá-la diante da história como provocação aos lugares determinados da cultura (BEIGUI, 2011, p. 5).

As *lives* literárias, que aumentaram sua abrangência no período de pandemia, tornaram-se uma forma de interação muito eficaz, porque o internauta pode participar enviando mensagens e até, participando diretamente, se a plataforma utilizada for o Skype, o Teams, o Zoom Meet, ou outra que permita o diálogo entre os participantes. As *lives*, com *link* ou chave de acesso, têm um público alvo específico, sejam os amantes da poesia, da prosa literária, das canções populares, de estilos musicais variados, ou seja, dentre o "cardápio" disponível, no YouTube ou no Facebook, há plataformas mais abrangentes, e o internauta escolhe o que lhe aprouver, com a liberdade de entrar e sair no momento que quiser. A promoção de *lives* é uma das performances do texto literário na atualidade, porque muitos organizadores de *lives* propiciam aos escritores a leitura ou declamação de seus textos, tornando-os conhecidos pelos demais participantes, demonstrando, como afirma Beigui (2011) que

> a disseminação do campo da performance exige um redimensionamento do lugar da escrita no campo das letras e da linguagem, pois na junção que estabelece entre os diversos modos de subjetivação envolvidos na prática escritural, ela evidencia os aspectos relacionais entre a escrita e a inscrição do sujeito no discurso que a produz, seja ele de natureza literária, ficcional ou crítica (BEIGUI, 2011, p. 2).

Além dessa interação, em tempo real, muitas *lives* ficam salvas na plataforma digital, podendo ser assistidas em momento posterior, o que proporciona maior abrangência porque se houver interesse em mais de uma que esteja marcada para o mesmo horário o internauta opta pela qual deseja interagir e assiste à outra em momento mais apropriado.

Há ainda, alguns *YouTubers* que se dedicam a fazer resenhas indicativas de obras contribuem para a promoção da leitura, bem como para o impulso da venda dessas obras. Uma boa resenha tem o poder de instigar a leitura e, hoje, existe muita disponibilidade de livros para *download*, gratuitos ou com preços acessíveis, fazendo da cultura digital um grande propulsor na formação de leitores. A máxima, conhecida por todos "as pessoas leem pouco" deixou de ser verdade. As pessoas leem menos o livro físico, porque, na era da tecnologia, o suporte do texto é outro: livros em PDF, *blogs, fanzines, funfics*, bancos de imagens, de *gifs,* enfim, espaços virtuais que atraem, principalmente, o público jovem, que acaba se tornando não só leitor desses textos, mas também, produtor.

Se o leitor se sentir atraído pelo texto apenas por aspectos superficiais, as *funfics* e os *blogs* fazem a função de despertar um hábito, sem ser um texto privilegiado pelos cânones literários. Os *blogs*, por sua vez, tornaram-se outra ferramenta para os autores divulgarem suas produções, nem sempre literárias, e também fazem muito sucesso por apresentar em textos curtos, rápidos de serem lidos e, com temáticas de interesse do público leitor. Pelo nome do *blog* o leitor já sabe o que irá encontrar lá e sua atenção é direcionada ao que lhe interessa, não perdendo tempo pesquisando. Nesse viés da temporalidade do texto, Barthes (1987) afirma:

> o que eu aprecio, num relato, não é pois diretamente o seu conteúdo, nem mesmo sua estrutura, mas antes as esfoladuras que imponho ao belo envoltório: corro, salto, ergo a cabeça, torno a mergulhar. Nada a ver com a profunda rasgadura que o texto da fruição imprime à própria linguagem, e não à simples temporalidade de sua leitura (BARTHES, 1987, p. 17-18).

O espaço destinado ao texto virtual também dá voz e vez a qualquer pessoa que queira publicar seus escritos sem custos, como é o caso dos *blogs* e das *fanfics*, porém, esses textos costumam atingir os leitores pelo enredo cativante, bem ao gosto dos adolescentes, uma vez que os autores se importam mais com a divulgação do que escrevem do que com a qualidade na edição, porque, raramente, esses textos passam por uma revisão ortográfica e adequação a um gênero literário.

Podemos avaliar que são diversos os novos suportes de tantos gêneros textuais que surgiram com o advento da tecnologia que, pelo acesso e interesse do público, já possuem espaço garantido entre pessoas de todas as gerações, bem como são diversos os espaços destinados à divulgação das tantas produções literárias, que representam o patrimônio cultural do Brasil, e também da humanidade. Resta ao público escolher o que melhor atende às suas necessidades de entretenimento, de conhecimento e de informação.

Conclusão

A cultura digital mudou a forma de se produzir Literatura e a forma como as produções literárias são apresentadas ao público, e propiciou a oferta de mais textos, de gêneros variados, bem com a criação de outros,

cujo espaço é a internet. Percebe-se, também, que, no cenário digital ocorrem constantes transformações e inovações tecnológicas, no que tange à oferta de possibilidades de informação e de entretenimento, tanto que o consumidor não consegue acompanhar tanta evolução, por isso, estar conectado ao mundo tecnológico exige, além de conhecimento específico, tempo, para aproveitar as vantagens que esse suporte textual oferece.

Dominar a arte da escrita é tarefa complicada, porque a escrever é, acima de tudo, mais do que uma expressão individual, uma manifestação coletiva, uma vez que o texto vai chegar até um leitor/ receptor, que se identificará com ele e lhe atribuirá sentidos, nem sempre o mesmo que o autor, em sua intencionalidade comunicativa, mas um sentido inerente às suas vivências e percepção de mundo.

Universalizar as vivências e percepções desses autores, nas mídias sociais, colabora para dar que se conheça sobre o que eles estão escrevendo e, de certa maneira, isso dá uma identidade à literatura nacional, tão representativa da cultura e das tradições cultuadas nesse país de diversidade ímpar, demonstrando que não há fronteiras para o texto literário.

Ter um espaço em que possa compartilhar suas produções e experiências literárias faz com que os autores se motivem mais e mais. O espaço que a cultura digital propicia aos escritores tornou-se fundamental para promover discussões e divulgar trabalhos que poderiam, muitas vezes, ficar no anonimato.

Referências

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** Tradução: J. Guinsburg. Editora Perspectiva – São Paulo,1987.

_____, Roland. **O rumor da língua.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____, Roland. **Crítica e verdade**. Tradução Leyla Perrone-Moisés, — São Paulo: Perspectiva, 2007.

BEIGUI, Alex. PERFORMANCES DA ESCRITA. **Revista – ALETRIA**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN, jan.-abr. - n. 1 - v. 21, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** Tradução: Fúlvia M. L. São Paulo: UNESP, 2002.

A RELAÇÃO ENTRE A MOTIVAÇÃO E O SUCESSO ESCOLAR[1]

Prof. Doutor Mussa Abacar [2]

Ermelinda Higino Dade[3]

Resumo: Os estudos e as pesquisas feitas, versadas no processo de ensino e aprendizagem visam procurar formas de melhorar o processo de ensino e aprendizagem e encontrar mecanismos preventivos e correctores dos problemas que apoquentam essa área, e assim melhorar a aprendizagem e o sucesso escolar dos alunos. Este artigo que aborda sobre a relação entre a motivação e o sucesso escolar, tem como objectivo buscar entender a influência da motivação no sucesso escolar dos alunos, e através de buscas pelas fontes bibliográficas, discutirmos os diferentes factores por detrás do insucesso escolar, coadjuvados com os factores da desmotivação. Entre esses factores, destacamos, os factores genéticos individuais, factores ambientes do meio escolar e da comunidade e as condições do espaço da realização da aprendizagem, tal como a exclusão e condições de trabalho, que influenciam directamente na motivação do professor e do aluno, fazendo com estes percam a vontade de envidar os seus esforços e conhecimentos para o sucesso do ensino e aprendizagem. Devido ao impacto da motivação para o sucesso escolar, apresentamos algumas sugestões aplicáveis a nível da sala de aulas pelos professores, pois consideramos que a desmotivação causada por factores modificáveis pelos professores e alunos são possíveis de intervir pelo professor, ao passo que as desmotivações ocasionadas pelas políticas educacionais, precisam ser averiguadas pelos órgãos que superintende a área da educação, e isso apresentamos como uma sugestão.

Palavras-chave: Motivação. Sucesso Escolar. Factores da Desmotivação.

1. Introdução

Diversos são os factores que têm sido apontados pelos professores como sendo causas da falta de aprendizado e da falta do domínio dos conteúdos pelos alunos. Normalmente, os professores mesmo depois de muito esforço utilizando diversos métodos e estratégias, têm-se deparado com situações de alunos que não conseguem alcançar as classificações desejadas nas avaliação e na aquisição das competências requeridas ao final de um período, e questionando-se sobre o motivo de certas estratégias não conseguirem conduzirem o processo aos resultados almejados, surgem vários estudos sobre o processo de aprendizagem, interrogando-se como diante de um processo organizado, sob mesmas condições de ensino e no uso de várias estratégias, alguns alunos conseguem aprender com muita facilidade e outros não, e raramente os professores conseguem aceitar as diferentes manifestações de certas competências pelos alunos, procurando encontrar sempre um factor externo concreto a ser culpabilizado.

Entre as várias razões apontadas pelos profissionais da educação, está a motivação dos alunos, influenciada pelos diferentes factores. Este, visto como imprescindível no decurso do processo de ensino e aprendizagem, é tido como um motor do cérebro, e consequentemente face aos objectivos dos alunos, um

---

1 Artigo científico a ser publicado pela Revista Barbante ISSN:2238-1414 (QUALIS B5), Edição Novembro.

2 Orientador do artigo, Doutorado em Psicologia Cognitiva e docente da cadeira de Motivação para Aprendizagem, no curso de Mestrado em psicopedagogia na Academia Militar Marechal Samora Machel, cidade de Nampula, Moçambique.

3 Autora do artigo. Licenciada em Ensino de Português com Habilitação em Ensino de Inglês pela Universidade Pedagógica- Quelimane. Docente da Língua Inglesa na Escola Secundária de Palma. Mestranda em Psicopedagogia pela Academia Militar Marechal Samora Machel (2022), email: ermelindadade93@outlook.com

promotor do sucesso escolar.

As abordagens sobre a motivação dos alunos por um lado, em vários estudos têm-se centrado no 'aluno' como o objecto de estudo e o centro da análise das causas do não empenho deste, no processo de aprendizagem, mas por outro lado têm sido apontados vários outros aspectos externos ao 'aluno', que tem influenciado indiscutivelmente no seu esforço. E diante destas vertentes, é possível notar que as abordagens ou estão na perspectiva da motivação intrínseca ou na perspectiva da motivação extrínseca.

Apesar das discussões em torno da qualidade de ensino e a relação desta com o sucesso escolar não estar intrinsecamente ligados devido às políticas sociais e a corrupção, todos os intervenientes sociais acordam sobre o sucesso escolar como um objectivo comum, sendo que os resultados finais dos alunos são sempre concebidos e traduzidos por eles negativa ou positivamente, por considerarem que os resultados numéricos são o espelho do trabalho empreendido pelos alunos e professores, entretanto, os resultados práticos, aquando a falta de demonstração de competências dos alunos na sociedade são culpabilizados aos professores. Sendo que simultaneamente, os professores culpabilizam à 'desmotivação do aluno' influenciada por factores sociais e que a sua mutabilidade não depende deles, o que leva ao conformismo dos professores sobre a aplicação de estratégias para a mudança da situação.

Portanto, todos os intervenientes da sociedade pretendem que os alunos aprendam na escola, e sejam capazes de manifestar em prática os conhecimentos adquiridos, pois não se pode entender, um aluno frequentar a escola seja no ensino geral ou técnico profissional e no fim não espelhar o resultado da sua aprendizagem. Pelos interesses comuns da sociedade, espera-se os alunos ao estudar sejam capazes de enfrentar os desafios da vida real, interpretando criticamente o mundo ao seu redor e buscando soluções para os problemas práticos da vida através dos conhecimentos obtidos na escola. Porém, esse almejo comum entra em contradição muitas vezes com os objectivos individuais de cada integrante da sociedade no tempo da actualidade em que cada um está mais preocupado consigo mesmo, e se coloca a si próprio e aos seus mais próximos em primeiro lugar, fazendo com que haja uma corrida incansável e ávida pelo bem particular sem se importar com os demais e com as consequências que esse individualismo tem no bem comum.

A realidade dos resultados de aprendizagem dos alunos, leva a frequentes questionamentos sobre a motivação, referentemente a influência que esta recebe a partir dos objectivos dos alunos, os métodos de ensino, a motivação do professor, a visão dos alunos sobre o processo, a exigência do sistema educacional, os objectivos e aspirações dos encarregados de educação, a diversidade dos alunos em consonância aos conteúdos dados, e a aplicabilidade do aprendizado. E são essas as questões que orientam a investigação a partir de fontes bibliográficas, o presente artigo, objectivando entrelaçar a motivação ao sucesso escolar, explicando as diferentes variáveis motivacionais e os factores influenciais.

2. O Sucesso Escolar

O sucesso escolar é uma denominação usada comummente por profissionais da educação, professores, educadores, gestores administrativos e políticos para indicarem as elevadas taxas percentuais de aprovação nas escolas no final de cada ano lectivo. Entretanto, em contraste, é muito usada a designação 'insucesso escolar', que preocupa mais a sociedade e este tem sido associado a muitos outros factores, e devido ao facto de ser associado a percentagem, os números crescem ainda mais pelo facto de serem acrescentados números de abandonos escolares.

Embora ao se analisar profundamente os resultados do ensino geral público em Moçambique, há tendência de o 'insucesso escolar' ser visto como algo menos estrondoso, a realidade é gritante porque os números não corresponde a realidade sobre o aprendizado dos alunos, mostrando cada vez mais a dimensão do insucesso escolar na vertente da qualidade de ensino.

> A ideia de sucesso escolar é associada ao desempenho dos estudantes, ao longo do seu percurso escolar, consoante a ordem cronológica da idade e o tempo que os mesmos levam para conclusão de um determinado nível escolar. São bem-sucedidos, aqueles que satisfazem as normas de meritocracia escolar e progridem nas respectivas classes, considerando-se, de uma forma geral, as notas por unidade curricular. Por sua vez, o insucesso é caracterizado pelo baixo rendimento escolar dos alunos que, por razões de vária ordem, não alcançaram resultados satisfatórios e não atingiram os objectivos desejados ou não alcançaram as competências esperadas num determinado período de tempo. (MACAMO, 2015, p. 5).

O aspecto percentual não pode ser o único indicador do sucesso ou insucesso escolar, porque o insucesso escolar acontece quando algum dos objectivos da educação escolar não for alcançado. Claramente os números deveriam indicar visivelmente os resultados dos alunos, se as classificações dos alunos não fossem viciadas, e apesar de facilmente se identificar o insucesso escolar, difícil é encontrar as causas e a explicação desse fenómeno, por existirem muitos factores envolvidos.

A educação escolar é um instrumento de instrução, estimulação e socialização do aluno; esta visa além da aquisição de conhecimentos técnicos e teóricos, desenvolver de forma equilibrada a personalidade do aluno incutindo-o condutas e valores sociais condignos, assim sendo, se uma dessas finalidades não é materializada, considera-se que há um insucesso escolar. E isso contradiz em parte com a concepção vulgar do insucesso escolar que se cinge apenas no aspecto da instrução, onde a aquisição de conhecimento é analisado através de avaliações sumativas, em que se o aluno aprova significa que teve sucesso, e se reprova significa que teve insucesso. E não se avalia o insucesso escolar nas diversas amplas dimensões da educação escolar e desenvolvimento humano.

De acordo com Barreiros (2008, p. 13) "de fato, o processo do fracasso escolar não se deve somente aos professores, mas envolve alunos, pais, escolas e políticas educacionais". E adianta na ideia de Moysés (2001), onde considera que o problema da competência pedagógica não se restringe somente ao professor, há também a questão da política educacional, o descaso com a educação, o despreparo na formação dos profissionais, a desmotivação relacionada a diversos factores como condições precárias de ensino, baixos salários, alunos indisciplinados, desmotivados e o descompromisso do professor com seu papel de agente de mudança. Patto (1990), afirma que dentre os factores que colaboram para o fracasso escolar está a alta insatisfação dos professores em relação às suas condições de trabalho.

Dentre os vários factores de insucesso escolar mais apontados, estão: a capacidade intelectual dos alunos ligada a problemas psicossomáticos, que levam a distúrbios e dificuldades de aprendizagem; factores sociais e culturais que colocam alguns alunos em desvantagens em detrimentos de outros, seja por questões da família, do habitat ou da economia familiar; e finalmente tem o factor escolar, que envolve o tipo de currículo, os métodos de ensino e de avaliação, a estrutura do ensino e da escola, a preparação e disposição pedagógica dos professores, e as condições de ensino. E cada factor apontado influencia directamente na motivação do aluno para a materialização do ensino e aprendizagem, e isto pode se confirmar com as palavras de Teixeira e Alliprandini (2013, p. 280) ao afirmarem que "nas actividades ou tarefas escolares, o aspecto motivacional é responsável por iniciar e manter certos comportamentos, como estudar para garantir uma nota boa na prova, esforçar-se para aprender conteúdos que não têm interesse, entre outros".

Inconsciente e naturalmente, a sociedade está consciencializada sobre a função da escola, que se resume na selecção e integração dos alunos, educando a todos, mas seleccionando os 'melhores' concretamente de acordo com o extracto social. E essa é uma realidade consciencializada pela sociedade que devido a esse olhar e conclusão de que a escola é determinada pelo e determina o estrato e hierarquia social, e que os extractos dominantes que ocupam a minoria exerce uma influência hegemónica cultural e social, os pais a todo custo pretendem através da escola alcançar e mudar de *status*.

Assim entende-se que a escola apesar de aparentar inclusiva, por um lado, selecciona os alunos de extractos dominantes, garantido o acesso a níveis que lhes assegura ocupações sociais prestigiadas e remuneradas, e por outro lado selecciona e orienta os alunos de extractos subordinados para a educação curta e menos prestigiada e consequente ocupação de lugares de mão-de-obra barata após a escolaridade, e na correria actual, com a escassez de emprego, torna o processo mais dificultoso para esse extracto social, o que contribui notoriamente na motivação e desmotivação para a aprendizagem.

3. A Relação entre a Motivação e o Sucesso Escolar

A definição da motivação segundo Pintrinch (2003) ajuda-nos a entender a relação entre a motivação e o sucesso escolar, quando diz que de facto, as teorias explicativas da motivação preocupam-se em compreender a energização e direcção do comportamento, ou seja, o que faz com que os indivíduos se movimentem, e em relação a que actividades ou tarefas, coadjuvando-se com a ideia de Machado e Alves (2013, p. 73) que afirmam "ao relacionar a motivação com o processo de aprendizagem escolar, constata-se que é fundamental que os alunos estejam motivados para regularem efectivamente a sua aprendizagem, activarem estratégias eficazes, e desencadearem esforço".

Nesta vertente, a motivação é uma base fundamental para o sucesso escolar, e a ausência da motivação leva ao fracasso escolar. O insucesso escolar como falado anteriormente, deve-se a vários factores, entre eles, factores individuais relacionadas com a capacidade do indivíduos e factores ambientes que envolvem a sociedade em que o indivíduo está inserido e a ineficiência do próprio processo de ensino, e esses factores influenciam de certa forma a motivação do aluno, de tal modo que se entende que apesar das condições não estarem garantidas, se o aluno estiver motivado, ele consegue superar o insucesso escolar, e esta ideia pode ser fundamentada com a teoria da auto-eficácia, em que se acredita que o sucesso do aluno depende particularmente da crença que este tem sobre si próprio acerca das suas potencialidades, fazendo com que os factores externos não influenciem de forma alguma no alcance dos seus objectivos.

A motivação também influencia no sucesso escolar através do aspecto da concepção individual do aluno sobre a aprendizagem, isto é, o modo como o aluno percepciona e concebe o processo de aprendizagem tem um efeito directo sobre a motivação profunda. Se o aluno tiver a crença de que a aprendizagem é um caminho para construção de um entendimento mais substancial da realidade que o rodeia e tenta estabelecer relações entre os factos aprendidos com os problemas diários, ele envolve-se mais na actividade desenvolvendo um interesse intrínseco no material de estudo, precavendo-se do insucesso escolar e por isso há sempre a necessidade dos conteúdos de ensino adequarem-se à realidade da vida dos alunos

> Os alunos que percepcionam que os conteúdos programáticos e as tarefas académicas se caracterizam pela ausência de relevância e aplicabilidade tendem a desmotivar-se em relação à aprendizagem. As crenças de valor são bastantes baixas, uma vez que as situações de aprendizagem para estes alunos são desprovidas de utilidade e interesse pessoal. E acreditando que as situações específicas de aprendizagem são irrelevantes, os alunos inevitavelmente diminuem os níveis de motivação, e consequentemente o seu envolvimentos na tarefas (MACHADO e ALVES, 2013, p. 80).

Tal como afirmamos sobre os factores individuais sendo um dos promotores do fracasso escolar, os cognitivistas concordam que a motivação do aluno depende e varia de acordo com as cognições motivacionais, ou seja, a motivação do aluno depende do que ele pensa sobre si mesmo e suas capacidades e sobre as tarefas académicas, e assim fundamenta-se a teoria de expectativa e valor, em que o aluno questionando-se sobre as suas capacidades, e sobre o controlo que ele tem sobre a situação de aprendizagem, cria um conjunto de crenças e previsões relacionadas com os resultados positivos ou negativos. Através das avaliações que o aluno faz de si próprio e do contexto, ele pode acreditar que conseguirá os resultados almejados ou não, fazendo com que a sua motivação varie de acordo com o seu pensamento. E avaliando a importância e a aplicabilidade dos conteúdos e dos resultados de aprendizagem, o aluno traça os seus interesses motivacionais que o orientarão na execução das tarefas de modo ao alcance dos seus objectivos.

O ambiente comunitário assim como escolar são essenciais para o incutir nos alunos ideias motivacionais positivas em relação a aprendizagem, e a criação de ambientes em que os alunos entendam como eles são capazes de efectuar aprendizagens significativas, é um grande desafio ao sistema educativo tanto quanto aos professores. Quando o aluno sente uma inclusão na escola, ele lida com o processo de aprendizagem de um modo normal, não se sentindo inferiorizado ou desvalorizado, e assim ele compreende e dá o devido valor ao conhecimento a ser aprendido, e se responsabiliza em relação a sua própria aprendizagem. Sobre isso, disseram Zimmerman *et al.* (1996, p. 17) "o papel principal do professor, na promoção da aprendizagem autorregulada, consiste em ajudar o aluno a assumir as suas responsabilidades no seu próprio processo de aprendizagem, e como tal, direccioná-lo para a dinâmica do saber e do consequente sucesso académico".

Outro factor relevante na abordagem da relação entre a motivação e o sucesso escolar, é a motivação do professor versus exigências do sistema educacional. Disse Nakamura *et al.* (2005) que nas grandes organizações, as pessoas devem trabalhar cumprindo ordens que podem não entender nem aprovar, no entanto para que haja funcionários motivados, é preciso fazer com este se sintam satisfeitos em seu ambiente de trabalho, identificando as suas necessidades e anseios, reconhecendo o bom desempenho destes, e projectando o trabalho de forma atraente.

Partindo da ideia exposta, torna-se difícil para os professores formados cumprirem cegamente às ordens do sistema educacional sem fazer questionamentos, principalmente quando essas ordens entram em contradição com o conhecimento que eles têm sobre o trabalho que exercem. O cumprimento dessas ordens, levam na maioria das vezes ao desleixo dos professores em relação ao seu trabalho, pois eles sentem que são desvalorizados e ao seu trabalho. E, esses professores desmotivados, não se dispõe e nem dedicam seus esforços, seus conhecimentos e habilidades pessoais no trabalho, levando assim aos resultados de insucesso escolar.

Tapia e Fita (2003, p.88) apoiam igualmente a ideia de que a motivação do professor é fundamental para o sucesso escolar, dizendo "se o professor não está motivado, se não exerce de forma satisfatória sua profissão, é muito difícil que seja capaz de comunicar a seus alunos, entusiasmo, interesse pelas tarefas escolares; é definitivamente, muito difícil que seja capaz de motivá-los". E ainda acrescenta Meireles (2015, p. 10) "É bem verdade, que um mau professor pode influenciar no fracasso escolar dos alunos, ou com uma acção pedagógica desestimulante provocar a evasão escolar".

Numa organização onde há empregados motivados, ambas as partes (empregador e empregado) são equilibradas, e a organização beneficiasse com qualidade do trabalho dos seus empregados, enquanto os

empregados como consequência sentem-se realizados e satisfeitos principalmente no nível pessoal, do bem-estar e auto-estima.

4. As Causas da Desmotivação e as Possíveis Estratégias de Intervenção

Os factores da motivação e desmotivação podem estar presentes tanto na escola, nas políticas de ensino, na relação professor-aluno-encarregado de educação, nas diferenças socioculturais e nos métodos de ensino, e estes podem ser de âmbito extrínseco ou intrínseco, ou também podem estar relacionadas a questões individuais do aluno tais como distúrbios e incapacidades por razões emocionais ou orgânicos da sua natureza. E todos esses factores, tal como abordamos anteriormente influenciam sobremaneira no sucesso escolar do aluno.

Como a motivação é a base para a realização eficiente das tarefas escolares e as causas da desmotivação são diversificadas e influenciadas por vários factores externos e externos ao aluno, é necessário encontrar as reais causas da desmotivação dos alunos e entender as consequências que essa desmotivação causa no aluno, para se fazer uma intervenção baseada em conhecimento de causa, de modo a corrigir onde é necessário e actuar preventivamente nesse processo.

Ao fazer a intervenção, devem ser usadas estratégias que possam tornar o aluno resistente ao longo do processo, pois a motivação nunca é estática, por isso precisa ser alimentada e conduzida. O aluno então, poderá empreender um esforço adicional quando a situação exigir e enfrentar os desafios propostos pelo ensino.

O professor deve levar em consideração as experiências positivas individuais dos alunos que são muito importantes no fortalecimento da motivação, então ao motivar os alunos, deve se ter o conhecimento básico sobre os alunos, tornando as lembranças dos alunos um ponto focal para gerar o bem-estar e estimular o empenho na aprendizagem. Dessa forma estará a activar as emoções dos alunos criando uma ponte de ligação que activa os processos mentais que orientam as experiências positivas no aluno.

A questão das emoções e das experiências tornam-se muito mais imprescindíveis diante de alunos com distúrbios de aprendizagem, por estes possuírem problemas de aprendizado ligados a sua psique.

> Utilizar a mente emocional para activar os processos relacionados ao raciocínio, isto é, à mente racional, é uma estratégia necessária quando pensamos em gerar experiências positivas em um educando. A mente emocional guarda uma imensidão de sensações, dispara hormônios que facilitam ou dificultam a aprendizagem e influenciam na vontade de aprender. Assim, auxiliada pela mente emocional, a mente racional poderá, com uma maior facilidade, cumprir as metas de aprendizado exigidas pela escola e pela sociedade (ARTERO, 2012, p. 844).

Na construção do conhecimento, os estímulos significativos influenciam no armazenamento das informações no cérebro, consoante o grau de importância dada a cada conhecimento aprendido, e conforme o aluno precise acessar as informações armazenadas no cérebro, ele poderá faze-lo oportunamente.

No caso de alunos com distúrbio de aprendizagem, o professor poderá precisar da ajuda dos pais e encarregados de educação e de um profissional da saúde para dar o devido acompanhamento ao seu aluno, porque pode se dar o caso de ao acessar a mente emocional, o aluno não seja capaz de buscar as experiências positivas criando assim a desmotivação ao invés da motivação.

Caso a desmotivação esteja ligada aos métodos de ensino, será possível notar o decréscimo na motivação dos alunos conforme a prática pedagógica for decorrendo, e embora alguns alunos sejam capazes de

se adaptar às diferentes formas de ensinar quando têm objectivos de aprendizagem fixos claramente traçados, há que o professor prestar atenção aos alunos no seu todo. As vezes, a escola pode adoptar certas estratégias e metodologias como instrumentos que auxiliam na busca do conhecimento, tais como punições severas, e isto pode de certa forma desmotivar o aluno fazendo com que sejam neutralizadas todas boas experiências adquiridas na sala de aulas.

É necessário que o professor entenda que cada aluno tem o seu estilo de aprendizagem, e ao aplicar as suas estratégias deve respeitar e usar essa informação para ajudar o aluno, isto é, a intervenção do professor deve basear-se de acordo com a realidade de cada aluno, a partir da identificação de alunos desmotivados dentro da sala de aulas.

A seguir apresentamos algumas estratégias práticas que podem ser adoptadas pelos professor em sala de aulas para estimular a motivação dos alunos conforme as diferentes causas da desmotivação segundo Machado e Alves (2012):

1º - Alunos desmotivados porque têm dificuldades em aprender

Caso o insucesso seja causado por insucesso repetitivo, deve se promover cognições motivacionais positivas relacionadas a auto-eficácia, com a percepção de competência com atribuições adaptativas ou com crenças de controlo. Assim o professor, na sala de aulas, deve construir relações securizantes e de suporte; fornecer feedback claro e detalhado nas tarefas orientadas, reforçando e enfatizando sempre os aspectos positivos; proporcionar tarefas que permitam ao aluno ser bem-sucedido, por exemplo ajustar o nível de exigência da tarefa a real capacidade do aluno; proporcionar oportunidades de auto-regulação; reconhecer as emoções negativas vivenciadas em contexto escolar principalmente devido ao insucesso causado pelo problema de aprendizagem que o aluno tem; valorizar mais o esforço do aluno ao invés do resultado e valorizar mais a qualidade ao invés da quantidade; evitar comparar os alunos com dificuldades em aprender com outros; evitar o desânimo aprendido (sempre deve se tentar priorizar a estimulação da motivação de um determinado aluno, quando este se encontra a evoluir para o quadro de desânimo).

2º - Alunos desmotivados porque acham irrelevante aprender

Quando a desmotivação resulta da percepção da ausência de relevância e aplicabilidade das aprendizagens, o professor deve activar estratégias pedagógicas que elevam o valor das tarefas académicas e das aprendizagens escolares. Neste sentido, o professor deve fornecer tarefas, matérias e actividade que são relevantes e úteis para os alunos; relacionar os conteúdos escolares com a resolução prática de problemas reais dos alunos; internacionalizar o discurso na sala de aula, focando na importância e utilidade dos temas e actividades; estimular a autonomia e proactividade dos alunos; estimular a definição de objectivos eficazes com os alunos; ajudar os alunos a fazerem suas projecções sobre o futuro; e comunicar com regularidade com o conselho da escola e com os encarregados de educação.

> Os alunos nem sempre são capazes de apreciar o interesse dos trabalhos escolares. Por vezes revelam dificuldades para entender a relação existente entre a aprendizagem e as suas aspirações pessoais. A melhor forma de motivar a realização de um trabalho escolar consiste em apresentá-lo como uma tarefa estimulante e interessante, conducente a uma finalidade com valor, ou como situação problemática, cuja situação importa ao aluno (COSTA, 2013, p. 177 citando ABREU, 2002).

3º - Alunos desmotivados porque acham aborrecido aprender

Quando a desmotivação resulta da percepção de ausência de desafio e interesse, o professor deve intencionalizar os níveis de interesse das tarefas, reforçando a escola como contexto privilegiado; criando um ambiente de aprendizado motivador; estabelecendo relações pedagógicas personalizadas; promovendo curiosidade; proporcionando actividades, tarefas e matérias interessantes e estimulantes que incluam novidade e variedade; promovendo actividades numa lógica cooperativa e colaborativa; modelando e demonstrando o interesse e envolvimento nas actividades; e ajudando os alunos a perceber que nem tudo o que se faz é aprazível.

5. Conclusão

O tema acerca da motivação e do sucesso escolar além de ser sempre actual, é muito debatido devido ao impacto do factor motivação no processo e aprendizagem, e ao facto de o sucesso escolar ser considerado o objectivo principal da aprendizagem escolar.

Vários são os factores que influenciam positiva ou negativamente no processo de aprendizagem, e a intervenção psicopedagógica depende muito do tipo de problemas e das causas desse problema, por exemplo no caso da motivação do aluno, encontramos aspectos externos ao aluno e ao professor, dos quais não podem ser modificados por estes intervenientes da educação, tal como o caso das condições de trabalho do professor e das condições materiais da realização do processo de ensino e aprendizagem, entre apetrechamento das infra-estruturas da educação às políticas educacionais.

Quanto ao aspecto externo, sugerimos que o órgão que superintende a área de educação se dedique a melhorar as políticas educacionais, procurando sempre trabalhar em consonância com os professores, e principalmente melhorando as condições de trabalho, de modo que o professor dedique o seu tempo firmemente e focalizado.

Quanto aos professores, há sempre que tentar utilizar todas as estratégias necessárias para melhorar o processo de ensino e aprendizagem, envolvendo sempre os pais e encarregados de educação.

Os professores precisam ser cautelosos na identificação das causas da desmotivação, ou do insucesso dos seus alunos, sempre considerando que existe uma gama de factores que pode influenciar nesse processo, e que não procurem culpados para os problemas e desafios a serem enfrentados.

Finalmente, propomos que os estudos feitos sobre esse assunto sejam usados pelos profissionais da educação para melhorar a qualidade de ensino, e que estes não se fixem em metodologias meramente tradicionais que rejeitam o dinamismo.

6. Bibliografia

ARTERO, T. T. A Motivação e Sua Relação Com os Problemas de Aprendizagem. **Revista Electrónica Gestão & Saúde.** v. 03. n. 03. p. 1122-132. 2012.

BARREIROS, J. L. **Factores que Influenciam na Motivação de Professores**. Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2008.

COSTA, C. J. B. **Sucesso Escolar no Ensino Secundário - Auto-regulação e Performances de Aprendizagem em Busca do Sucesso**. Coimbra: Universidade de Coimbra. 2013.

MACAMO, E. M. **Insucesso Escolar em Moçambique - Estudo de caso na Escola Secundária Graça**

Machel. Lisboa: Universidade Aberta, 2015.

MACHADO, J.; ALVES, J. M. **Melhorar a Escola. Sucesso Escolar, Disciplina, Motivação, Direcção de Escolas e Políticas Educativas.** Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2013.

MEIRELES, C. D. de. **O Papel da Motivação na Prática Docente**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015.

MOYSÉS, L. M. **O Desafio de Saber Ensinar.** 9ª ed. Campinas: Papirus, 2001.

NAKAMURA, C. C. et al. Motivação no Trabalho. **Revista de Ciências Empresariais.** v. 2. n. 1. p. 20-25. 2005.

PINTRINCH, P. R. Motivation and Classroom Learning. **Handbook of psychology. Educational psychology.** v. *7. n. 1. p.* 104-124. 2003.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **Contexto, Motivação e Aprendizagem**. São Paulo: Loyola, 2003.

TEIXEIRA, A. R. & ALLIPRANDINI, P. M. Z. Intervenção no uso de estratégias de aprendizagem diante de dificuldades de aprendizagem**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.**, v. *17.* n. 2. p. 279-288. 2013.

ZIMMERMAN, B. J.; BONNER, S.; KOVACH, R. **Developing Self-regulated Learners: Beyond Achievement to Self-efficacy.** Washington DC: American Psychology Association, 1996.

A atualidade em lobato: "A chave do tamanho" e as reflexões existenciais do ser

The news in lobato: "The key of the size" and the existential reflections of the being

Resumo:

O presente trabalho destaca a atualidade em Lobato a partir de um estudo sobre a Obra "A chave do tamanho", dando ênfase em seu caráter universal e ideológico e nas reflexões existenciais do ser humano. O estudo enfatiza ainda, a Linguagem literária em processo dialógico com outras áreas do conhecimento na obra em estudo, com enfoque em seu poder de humanização. O trabalho também destaca a importância das obras de Monteiro Lobato para a literatura infantojuvenil brasileira, no que concerne ao olhar inovador do autor, que foge do caráter moralizante e convencional e marca uma ruptura com os modelos preestabelecidos pela literatura europeia e, além disso, se adéqua perfeitamente a qualquer público leitor por possuir um caráter atemporal, humanizador e universal. Para a realização deste trabalho, fundamentamo-nos nos pressupostos teóricos de Sandroni (1987- 2011), Coelho (1991 - 2000), Zilberman (1983-1994), Castro (2010), entre outros.

Palavras-chave: Lobato. Atualidade. Reflexões.

Resume:

The present work highlights the current situation in Lobato from a study on the Work "The key of size", emphasizing its universal and ideological character and the existential reflections of the human being. The study also emphasizes, Literary language in a dialogical process with other areas of knowledge in the work under study, focusing on its humanization power. The work also highlights the importance of Monteiro Lobato's works for Brazilian children's and youth literature, with regard to the author's innovative look, which escapes the moralizing and conventional character and marks a break with the models pre-established by European literature and, moreover, if perfectly suited to any reading public because it has a timeless, humanizing and universal character. To carry out this work, we are based on the theoretical assumptions of Sandroni (1987-2011), Coelho (1991 - 2000), Zilberman (1983-1994), Castro (2010), among others.

Keywords: Lobato. Present. Reflections.

1. Introdução

Falar de literatura sob a ótica das obras de Monteiro Lobato é, sem dúvida, entrar em um labirinto/universo de palavras ditas e não ditas, de encantamentos, de sonhos, de fantasias, de ficção, de realidade, de liberdade. O autor é criador de um acervo rico, lúdico e dinâmico que transcende as fronteiras do imaginário, que embora faça parte da literatura infantil, se adéqua perfeitamente a qualquer público leitor, por possuir um caráter atemporal, humanizador e universal.[1]

---

1 Hamilton de Jesus Miranda (MIRANDA, H. J.) é Mestre em Letras – Língua Portuguesa - com ênfase na Linha de Pesquisa: Letramentos e Linguagens do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Literatura e Leitura pelo Campus Universitário do Tocantins/Cametá da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Letras – Língua Portuguesa - pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Tem experiência docente na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, como professor de escola pública, formação continuada de professores e planejamento educacional.
Área de interesse: Literatura

As obras de Monteiro Lobato trouxeram para o bojo da literatura infantil e juvenil brasileira um olhar inovador, que fugia do caráter moralizante e convencional, marcando uma ruptura com os modelos preestabelecidos pela literatura europeia. A contar que em plena década de 1930, o autor já introduzira em suas obras personagens femininos que apresentavam poder de decisão e autonomia, uma família cuja estrutura não se enquadrava ao modelo tradicional.

O núcleo familiar do Sítio, por exemplo, é liderado por uma figura feminina – Dona Benta – além de Narizinho, Emília e tia Nastácia, que também desempenham papéis sociais importantes. Isso, sem dúvida, trouxe para o cotidiano infantil um modo diferente de ver o mundo, construindo com isso, novos valores, além de lhe despertar o gosto pela leitura. Sobre sua importante contribuição para a ascensão da literatura infantil e juvenil brasileira, Coelho (1991, p.225), enfatiza que:

> A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia.

O autor também inovou quando optou pelo nacional, demonstrando com isso sua originalidade e aversão por ideias estereotipadas. É um defensor da natureza e a predominância rural em suas obras enfatiza os elementos naturais com mais vivacidade. Há uma força ecológica muito intensa que se entrelaça com o maravilhoso, o fantástico, além da grandeza imaginária que dialoga com as coisas reais do mundo.

Nesse sentido, muitos fatores são relevantes quando se trata da atualidade nas obras lobatianas, e podem ser usados como mecanismos para o desenvolvimento das habilidades leitoras do sujeito e ampliação de sua consciência de mundo. Em um simples passeio pelo Sítio, observa-se um espaço/mundo onde tudo acontece e se constrói por meio da imaginação e das vivências das personagens.

O universo infantil, por exemplo, é contemplado na obra com predominância e se aflora no ritmo imaginativo de Narizinho e Pedrinho, que vão e vem em um "piscar de olhos" para muitos lugares, sejam eles reais ou fictícios. Além do ambiente lúdico em que plantas, animais e objetos ganham características humanas e ajudam a construir esse cenário de diversão e imaginação, fatores estes que dificilmente passam despercebidos aos olhos do leitor.

O Sítio também é um espaço onde se constrói conhecimento: a filosofia, a sociologia, a ciência estão no discurso e nas ações de alguns personagens. A presença feminina, como já foi dito, ganha um tom emancipatório. Dona Benta é uma mulher vivida, inteligente, dotada de grande sabedoria; Emília, imaginativa, possui um grande conhecimento filosófico, científico e com alto poder de persuasão. Segundo Zilberman (1983, p. 140-141)

> Lobato não se limita à transmissão de conhecimentos. Suas personagens aprendem observando, agindo, questionando o adulto, tirando conclusões e aproveitando o que é válido em novas situações. Sua atuação é crítica e transformadora.

Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/5469957136477395
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2580-901X
E-mail: hamilton-mir@hotmail.com

É importante dizer que a autonomia no modo de agir das crianças tem uma aproximação imediata com o mundo do leitor, que se identifica pela forma de inventar, de criar, de resolver conflitos e questionar o mundo adulto, de usar sua inteligência, sua liberdade, muitas vezes reprimida no convívio familiar. Toda essa riqueza é mediada por um conjunto de fatores – enredo e linguagem plurissignificativa, a variação de temas, o olhar intertextual e interdisciplinar, etc. - que ajudam a manter o universo literário criado por Lobato, fascinante e atual.

Diante disso, na premissa de que já se considera o autor atual e inovador, pretendemos neste trabalho, dar ênfase a essa atualidade, a partir de um estudo sobre a obra "A chave do tamanho" em que, primeiramente, faremos uma breve discussão sobre a organização e contexto histórico do livro. Em seguida discutiremos acerca da atualidade da obra, seu caráter universal e ideológico e a linguagem literária em processo dialógico com outras áreas do conhecimento. Para a realização deste trabalho, fundamentamo-nos nos pressupostos teóricos de Sandroni (1987- 2011), Coelho (1991- 2000), Zilberman (1983-1994), Castro (2010), entre outros.

2. Organização e o contexto histórico da obra

A obra, "A chave do tamanho", está dividida em 25 capítulos e tem como protagonista a boneca Emília que procura, de alguma forma, resolver o conflito de grandes proporções que existe no mundo, a partir da preocupação existente no coração de Dona Benta. A obra foi escrita em 1942, no ápice da Segunda Guerra Mundial, quando a batalha entre Alemanha e União soviética se intensifica no "caldeirão" de Stalingrado.

Nesta obra, o autor aborda de forma lúdica questões atuais e temas que, aparentemente, fazem parte somente do universo adulto. No entanto, se valendo de sua capacidade criativa, Lobato, por meio da linguagem no sentido mais amplo da palavra, conseguiu aproximar as crianças dos problemas que afetam o mundo, numa perspectiva de transformá-las em protagonistas no processo de mudança e instauração de uma nova forma de viver. Sandroni (1987, p. 53) enfatiza que:

> Com Lobato, os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento sobre inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral. [...] Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre realidade e fantasia, que ela pode ser agente de transformação.

Em "A chave do tamanho", a Segunda Guerra Mundial é o tema central da obra, ponto de que derivam outros temas igualmente complexos e que envolvem todo um conhecimento filosófico, científico e histórico. Por meio do olhar literário do autor, a obra se entrelaça com esses fatores, direcionando o leitor para uma profunda reflexão sobre os problemas que afetam o mundo e o papel social e existencial do sujeito na construção de novos valores, um dos pontos que tornam a obra notória e atual, que destacaremos mais adiante.

Na visão de Castro (2010, p. 61), a obra acaba "rompendo com as barreiras do pensamento linear, convida-nos a uma profunda reflexão sobre nossos arraigados valores e crenças". Dessa forma, por meio do imaginário, do fantasioso e da ludicidade, transporta o leitor para um universo marcado por conflitos, guerras e desumanização, na perspectiva de provocar mudança de comportamento no ser humano, no convívio em sociedade e na construção de um mundo melhor para as futuras gerações.

A obra segue uma estrutura organizacional dividida em cinco partes: situação inicial, nó, re-ação, desenlace e situação final. Neste tópico, trataremos de forma breve acerca dos três primeiros momentos presentes no enredo do livro, visto que mais adiante quando tratarmos da atualidade da obra, abordaremos de alguma maneira os demais. Contudo, para efeito de informação, desenlace é o resultado a que as ações e eventos relatados conduzem a conclusão da sequência de fatos, e situação final é o momento da narrativa que indica o que se passa depois dos fatos considerados, fechando o relato.

Na situação inicial se insere o espetáculo do pôr do sol, descrito no primeiro capítulo, intitulado "Pôr-do-sol de trombeta", em que Emília lança alguns questionamentos (armadilhas) para Dona Benta, criticando a ideia de representar as coisas por meio de uma linguagem poética, metafórica, simbólica. "- Por que é que se diz 'pôr-do-sol', Dona Benta? [...] – Que é que o sol põe? Algum ovo? (LOBATO, 1988, p. 8).

Observa-se que Dona Benta é citada na obra como representante da cultura letrada – faz leitura para as crianças do Sítio de autores clássicos. O diálogo se encerrou com a chegada do estafeta para a entrega da correspondência que trazia notícias sobre a guerra. Nesse momento, se inicia o nó da história, que se demonstra na preocupação de Dona Benta em relação à guerra.

> O rosto de Dona Benta sombreou. Sempre que punha o pensamento na guerra ficava tão triste que Narizinho corria para sentar-se no seu colo para animar-se [...] Aquela tristeza de Dona Benta andava a anoitecer o Sítio do Pica-pau, outrora tão alegre e feliz (LOBATO, 1988, p. 10).

A tristeza de Dona Benta leva Emília a planejar uma aventura inusitada e fantástica. À noite, chega à conclusão de que a guerra poderia estender-se por todo o mundo e chegar até o Sítio. Certamente, para ela, haveria um lugar que guardava a chave que acionava todas as coisas "Alguém abriu a chave da guerra. É preciso que outro alguém a feche" (LOBATO, 1988, p. 10). Então, usa o superpó de Visconde para encontrar a Casa das Chaves e fechar a chave da guerra.

A reação se inicia quando Emília encontra a misteriosa "Casa das Chaves" e cumpre o juramento, mas por muito pouco não acabou também com a humanidade inteira. Ela gira a chave errada e o mundo encolhe, pelo menos os seres humanos. Emília acredita ter tido êxito, pois certamente o conflito cessaria com aquela nova situação, tendo a humanidade que se "adaptar" ao novo mundo. Assim, as aventuras de Emília em "A chave do tamanho" são um convite para o leitor embarcar no universo criativo, filosófico, científico e lúdico de Lobato, o que veremos na seção seguinte.

3. Atualidade da obra

Neste ponto do artigo trataremos de algumas questões - entre tantas- que fazem de "A chave do tamanho" uma obra rica, dinâmica e atemporal. Abordaremos então o caráter universal e ideológico da obra, a literatura em processo dialógico com outras áreas do conhecimento, utilizando a linguagem literária como fator que possibilita à criança refletir sobre o mundo e construir novos valores. Nas palavras de Coelho (2000, p. 9), percebemos com mais nitidez o caráter humanizador e transformador da Literatura infantil, para a autora:

> Literatura infantil, é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

Na obra em questão, há todo esse conjunto de fatores entrelaçados, a literatura como arte, como estética da palavra, como sinônimo de representação do mundo, o imaginário se fundindo com o real, a presença do maravilhoso e do fantástico. Além disso, Lobato apostou na intelectualidade, no poder criativo, imaginativo e na maneira que a criança vê o mundo, quando conferiu à Emília a função de desligar a chave do tamanho e liderar o mundo dos adultos.

3.1. O caráter universal e ideológico da obra

Como já foi dito, a temática principal que se incorpora em "A chave do tamanho" é a Segunda Guerra Mundial. Tinha-se então, um mundo dominado por ditadores em que o universo respirava os horrores de uma guerra sangrenta, perversa e destruidora da humanidade.

Lobato, de maneira genial, cria por meio de seus personagens um sentimento de unidade, de dor, de revolta e compaixão por todas as pessoas que, de forma violenta, sofreram com os males herdados dos horrores da guerra, o que configura o caráter universal da obra. Nos lamentos de Dona Benta percebe-se que o conflito dizia respeito a todos, já que se trata de um problema universal.

> - Não fique assim, vovó, a coisa foi em Londres, muito longe daqui.
>
> - Não há tal, minha filha. A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, e fere uma netinha como você ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração ainda cheio de dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos. (LOBATO, 1988, p. 10).

Isso leva o leitor a entender que a guerra tem esse poder de destruição que afeta todos os continentes, exercendo uma influência negativa na vida das pessoas. O principal contexto da Segunda Guerra foi o europeu, mas a catástrofe da destruição humana persiste na consciência coletiva. Isso é muito atual, haja vista que, na contemporaneidade, algumas nações estão em constante conflito, seja ideológico ou bélico, o que configura que a luta pelo poder está acima de qualquer tentativa de paz entre esses povos.

Lobato então foi ousado em apresentar esse acontecimento universal para uma discussão com o universo infantil em "A chave do tamanho", e ainda trazendo uma solução, representada por meio do "apequenamento" da humanidade. A chave do tamanho questiona as estruturas do poder da Segunda Guerra Mundial e seu caráter de destruição.

Nessa perspectiva, com a redução do tamanho, o ditador Hitler, os governantes americanos e russos, o coronelismo brasileiro foram rebaixados, perdendo o poder que tinham. Então, o encolhimento da humanidade põe fim a uma guerra e ridiculariza seus articuladores. Uma ação lúdica que permite à criança rever os seus valores existenciais, ajudando-a a construir um mundo melhor.

Além disso, no pensamento de Emília, a fragilidade do homem está em reduzir o seu tamanho, não somente seu tamanho físico, mas também o seu tamanho (poder) ideológico, político, ditatorial. Com o "apequenamento", toda a humanidade ficou em um mesmo patamar de igualdade simbolizado pela nudez,

tendo que lutar pela sobrevivência, pois viu-se vulnerável e frágil diante de um mundo natural, que a desprovia de qualquer poder para comandar grandes catástrofes.

Desse modo, o autor promoveu na obra um reencontro do homem consigo mesmo. Pois perdendo sua arrogância, seu poder, os homens se tornam pequenos, mas encontram sua grandiosidade quando percebem que precisam do outro para sobreviver. Nasce, nesse contexto, um sentimento de coletividade, de empatia e de luta conjunta em prol da existência humana.

Neste sentido, quando a obra trata de questões humanizadoras e existenciais do ser humano, entendido aqui como um homem plural, questionador dos seus valores e atitudes, ela ganha também uma dimensão universal e se insere no quadro de uma obra que ultrapassa o viés da atualidade, visto que, em "A Chave do tamanho" o que se queria garantir era um futuro melhor, sem guerra, um mundo civilizado e organizado para a geração futura.

Essa transformação no modo de pensar e agir do ser humano implica a criação de um novo modelo de mundo, para um novo modelo de humanidade, cuja civilidade e evolução serão conduzidas pelas relações sociais em uma sociedade solidária, centrada no respeito mútuo e na relação que o homem estabelece consigo mesmo e com o outro. Isso é visível no diálogo de Emília com o professor e antropólogo doutor Barnes.

> Que espetáculo maravilhoso! Um verdadeiro núcleo de civilização nova que ia se formando um começo de tribo. [...] depois de alguma prosa, Emília pediu ao Visconde que depusesse a cartola na calçada, pois queria conhecer de perto a vidinha dos habitantes do balde[...] Emília saiu pela porta e, dando a mão ao chefe, encaminhou-se para o tabude. – E o senhor quem é? – perguntou pelo caminho. – Eu era o doutor Barnes, professor de antropologia da universidade de Princeton; hoje sou o dirigente desse grupo humano, elegeram-me chefe, porque acham que tenho muito boa cabeça. [...] Sei que tenho minha cabeça no lugar, e vou conduzindo como posso esse curioso trabalho de adaptação dum grupo de pessoas altamente civilizadas. (LOBATO, 1988, p. 133 -136).

Nota-se que as ideias positivistas do autor presentes na obra, a deixam também atual. No diálogo acima, embora não de maneira explícita, a educação é apontada como um caminho para o ser humano progredir. Isso também é demonstrado quando o autor opta em substituir a força física, a brutalidade pela inteligência, pelo saber como um parâmetro para o fim da guerra.

Observa-se que Emília foi apenas desprovida de seu tamanho, mas com a mesma capacidade inventiva e intelectual de sempre "apesar de eu ter agora tamanho de uma saúva, possuo a mesma inteligência de antes" (LOBATO, 1988). Essa preocupação que Lobato já apresentara no final do Século XIX e começo do Século XX, nos dias atuais, é mais do que discutido, justifica-se sempre que os países mais avançados são aqueles que mais investiram em educação.

A obra ainda encaminha o leitor para uma reflexão entre técnica e humanidade, demonstrando a evolução do homem do ponto de vista tecnicista, da maquinaria e aparatos avançados, mas desprovido de qualquer sentimento humanizador, um ser egocêntrico. Isso demonstra também o olhar atemporal de Lobato, já que a sociedade em que vivemos avançou nesses aspectos, em que se dispõe de todo um aparato tecnológico, científico, cultural, mas continua desumano, causando a sua própria destruição, ruína e promovendo guerras.

3.2. A Linguagem literária em processo dialógico com outras áreas do conhecimento

O livro, "A chave do tamanho", é marcada por um forte diálogo com outras áreas do conhecimento, uma característica da obra que a aproxima de muitos leitores, além de mostrar um forte domínio de Lobato como pesquisador e leitor proficiente. Um notório conhecedor das coisas do mundo, daí vem o entendimento sobre a maneira tão bem elaborada, carregada de dinamismo e humor pela qual ele questiona as ações humanas na obra aqui descrita.

Partindo desses princípios, o autor demonstra um olhar cientificista em "A chave do tamanho", percebem-se com clareza alguns aspectos da teoria de Darwin**,** principalmente ao conceito de "seleção natural". Emília, ao tentar se adaptar ao novo mundo, se vale de uma visão antropocêntrica, tanto em relação à evolução da espécie quanto na seleção natural das coisas que, para ela, são mais justas que a seleção histórica. "Que mundo é este, Santo Deus! – Murmurou, muito atenta a tudo que se passava em redor. – É o tal "mundo biológico [...]Quem governa é uma invisível "Lei Natural". E que lei natural é essa"? (LOBATO, 1988, p. 32). A protagonista enfatiza ainda que na lei natural "A vida é uma caçada contínua". (LOBATO, 1988, p. 33).

Neste sentido, a obra também enfatiza o papel da ciência como fonte para solucionar os problemas da humanidade. O próprio pó que Emília usa para ser transportada é um experimento cientifico do cientista Visconde. Para tornar isso visível, o autor utiliza em algumas partes da obra uma linguagem própria da ciência, como: substituir, adaptar-se, Homo sapiens e método experimental.

Esse olhar cientificista é característica da literatura do final do século XIX e início do século XX. Ao filosofar, Emília traz para a obra, essa concepção utilizando uma linguagem bem humorada "Adaptar-se quer dizer ajeitar-se às situações. Ou fazemos isso ou levamos a breca em um mundo biológico" (LOBATO, 1988, p. 41).

Além disso, há outros conceitos provenientes da biologia e da ciência, como o de mimetismo, por exemplo, utilizado por Emília como recurso para escapar dos perigos da natureza em seu processo de adaptação ao novo mundo.

> - Estou substituindo perfeitamente. Já escapei de vários perigos – Duma 'paquinha' feroz, do Manchinha, da aranha-caranguejeira, do beija-flor, do vento, da tempestade – e posso ir escapando de mil outros. Juro que vou substituir. Apliquei em meu corpo este mimetismo do algodão e pronto. (LOBATO, 1988, p. 82).

Desse modo, a ideia de Lobato em dialogar com diferentes áreas do conhecimento, abordando temáticas de cunho universal, levou o homem a refletir sobre qual a sua função enquanto sujeito social e enfatizou a urgência de implantar a paz mundial em detrimento da guerra. Mas fez tudo isso com um arranjo interessante, uma linguagem que quebra a leitura sisuda do adulto e aproxima com humor as crianças de todas essas questões.

De maneira muito bem articulada e dinâmica, Emília então critica a ordem dos "tamanhudos", tratando todos os ditadores como pessoas comuns e desprovidos de qualquer poder. Sob o olhar da protagonista, os tiranos se veem frágeis, humilhados, derrotados e sem perspectiva de reação, se adequando a um novo cenário de convivência e humanização.

Essa postura de dominar o opressor prepotente, repressivo, violento, impiedoso, capaz de cometer atos desumanos e cruéis, foi algo que só a literatura e – a de Lobato – naquele contexto ousou fazer:

> [...] O grande ditador animou-se e quis falar. Emília o deteve com um gesto. – Não diga nada, meu senhor. Já houve falação demais. Quem fala agora sou eu. Quero todos muito direitinhos e humildes. Esta semana de "redução" não passa de uma advertência que o tal alguém faz ao mundo, compreende? Assim terminou Emília o seu sermão ao chefe do eixo. Depois ordenou ao Visconde: - Enfie-o no buraquinho onde estava e vamos ver os outros. O Visconde enfiou o grande ditador na fresta do rodapé de onde o seu estado maior espiava com os olhos arregalados. (LOBATO, 1988, p. 130)

Dessa maneira, em um ambiente de aventura provocado pela ousadia de Emília, é que Lobato dialoga com questões que regem o comportamento do ser humano ligados à ética, à moral, e com isso apresenta um tom filosófico e ideológico muito intenso na obra. Ao debater com o mundo infantil temas como a desumanização do homem, em face de um período obscuro da história, o autor concebe à criança como um sujeito em processo de emancipação, que apresenta todas as possibilidades de se inserir de modo ativo nas decisões que se referem ao futuro da humanidade.

Assim, "A chave do tamanho" desmistifica a ideia de que a criança tem que ser "protegida", alheia aos fatos da realidade, ela se vale do recurso da fantasia, da ludicidade e da filosofia, pensando em um leitor em pleno processo de desenvolvimento intelectual, afetivo, moral.

4. Considerações finais

Muitos pontos ainda poderiam ser abordados neste trabalho, visto que, "A chave do tamanho" possui uma grandeza estética e criativa que pode conduzir o leitor para uma variedade de planos de leitura, o que denota o vigor intelectual do autor, que soube conduzir de modo conciso e coerente uma temática complexa que ainda continua viva pelo seu poder de destruição.

Ao apostar nos "pequenos" como protagonistas para a construção de um novo mundo, Lobato encontrou uma maneira, não só de ainda acreditar no ser humano, mas de preparar a nova geração para não cometer os mesmos erros do passado. Para Sandroni (2011, p. 54)

> Com Lobato os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral. Ele desmistifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaura, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre a realidade e a fantasia, que ela pode ser agente de transformação.

Isso demonstra que o autor entendeu, como poucos, o imensurável poder de humanização que a literatura traz em sua essência, a percepção de que, uma vez lida, ela deixa marcas no leitor que o acompanham por toda a vida, é a estética da palavra que cria imagens que conduzem o sujeito para uma consciência de mundo. Diante disso, não se pode negar sua imensa capacidade criativa, reveladora e o seu poder de, por meio da palavra, penetrar no imaginário do leitor para fazê-lo pensar sobre fatos da realidade.

Portanto, em "A chave do tamanho", Lobato combinou uma perfeita relação entre conteúdo, forma, estilo e linguagem e, com alto teor reflexivo, convidou o leitor para entrar no universo complexo da segunda Guerra Mundial. É uma obra que mantém sua atemporalidade pela maneira extremamente criativa que o autor convida o leitor a fazer parte de um novo mundo, criado a partir da renovação do homem, redimido e avesso a qualquer forma de violência. Um mundo em que a criança exerce um protagonismo tanto nas ações que levam ao fim da guerra quanto na construção de uma nova era, de um mundo mais humanizado, ou seja, uma criança com pensamento e voz ativa que contesta o mundo, suas transformações e imperfeições.

4. Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COELHO, Novaes Nelly. **A Literatura Infantil**. 7. ed., São Paulo: Moderna, 2000.

CORSINO, Patrícia. **Infância, linguagem e escola: das políticas de livro e leitura ao letramento literário de crianças de escolas fluminenses.** Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro, UFRJ, LEDUC. 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

LOBATO, Monteiro. **A chave do tamanho / Fábulas Coleção Sítio do Pica-Pau Amarelo**. Ano: 1988. Editora: Círculo do Livro.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANDRONI, Laura. De Lobato a Bojunga: **as reinações renovadas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ZILBERMAN, Regina (org.) **Atualidade de Monteiro Lobato: Uma revisão crítica**. São Paulo: Mercado Aberto, 1983.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 9. ed. São Paulo: Global, 1994.

Nossos Colunistas

Desde Buenos Aires

ARACELI OTAMENDI

Como la naranja

Se pasea como en la canción, de la sala al comedor.*

Sabía que en cualquier momento el tenedor o el cuchillo o los dos a la vez le iban a caer encima y se paseaba como la naranja.

Sobre todo los sábados por la noche, cuando empezaba a notar las ausencias, a pasar revista por el pasado.

En cualquier momento abriría una lata de paté de foie para untar una a una las galletitas guardadas en la lata del armario. La lata decorada de cuando recién se casó.

Tenía la ilusión de la duración de las cosas, del renacimiento de las amistades, como las plantas y los árboles del jardín, se le ocurría a veces que todo podia renacer, renovarse como ocurría en la naturaleza. La higuera parecía ser la excepción: le habían arrancado muchas veces los frutos, le faltaba riego, el maltrato la había secado en parte. Pensar en el renacimiento del amor era demasiada ambición, lo descartaba.

Pensaba llamar a una amiga o a dos para conversar, o tal vez para jugar a las cartas. Hacía tiempo que no se reunían para jugar al Chinchón. Después de todo no era algo tan aburrido como mirar televisión. Siempre se podía hablar, comer algo, tomar algo, enterarse de las novedades que cada una tenía.

Tal vez empezar a tejer algo, alguna cosa, un proyecto, aunque solo fuera una bufanda o un almohadón.

O en hacer un viaje con esas amigas, subirse a un barco o a un avión, aunque la experiencia del crucero había sido más mala que buena.

Empezó a anotar en un cuaderno los proyectos, los pro y contra de todo lo que se iba ocurriendo.

Puso crucero. Pero eso era algo del pasado, ya había hecho un crucero de la línea “C”que le

había resultado un fiasco, caro e inútil. Con esas amigas Marisa y Martha, las dos empezaban con “m”. A veces no quería pensar. Todas profesionales, pero no con la vocación cumplida. Ahora una tiraba las cartas, el tarot para los amigos y la otra no paraba de escribir haikus.

La última vez que estuvo con ellas tenía ganas de tirarle el mazo de cartas y el libro de haikus traducido al inglés y al francés por la cabeza. Le gustaba más la conversación, las historias, la improvisación.

Las sombras de las hojas del jardín se agigantaban, hacían ruido, el viento se filtraba por las rendijas y deseaba, por momentos estar en otro lugar, ,pero ¿dónde?

El crucero con destino último a una isla había sido un desastre. Primero, al salir el barco chocó contra un muelle. Vuelta al puerto, sin moverse nadie, esperando la nueva salida, vistiéndose de gala para comer a la noche. Y bailar con el capitán con suerte.

¿Eso era un viaje?

Después de una travesía de varios días, bastante monótona, el crucero amarró en una islita, no la de destino final. Fueron pocas horas, las necesarias para bajar a tierra y recorrer un poco. Todo lo que veía eran necesidades, pobreza. Compró algunas cosas como para no volver con las manos vacías. Se aburrió mucho, Marisa se enfermó, ella debió cuidarla, compartían el camarote. El capitán hacía cada noche una celebración distinta en el restaurante del barco. Hasta cantaron el feliz cumpleaños a no se sabe quién. Ella no tenía la nacionalidad de ese barco ni su bandera, poco le importaban los cantos que a veces se veía obligada a acompañar.

Lo peor fue el regreso, se desató una epidemia en el barco, todos confinados sin bajar a puerto. El día que salió de ahí, le pareció una liberación de la cárcel. Llegó a su casa y se sintió feliz como nunca.

Cruzó una línea sobre crucero, descartado, el rumbo tenía que ser otro. Si llamaba a Marisa escucharía su voz diciéndole que quería ir a un pub, a ver el show de la hija de una amiga, cantaba y ella no tenía ganas de salir. Se asomó a la ventana, las sombras en el jardín formaban figuras, el viento susurraba, se filtraba por las ventanas. El agua de la piscina reflejaba algo. Iría a ver, o mejor no, esperaría el día. La piscina estaba rodeada por un cerco, para que nadie entrara si ella no quería. Se había cansado de las visitas inoportunas, de los vecinos que llegaban a invadir el jardín, traían termos, mate y medialunas, dejaban las toallas por ahí, después había que limpiar, ordenar, poner más cloro. Todo eso porque era una mujer sola, ¿acaso no se podía ser feliz estando sola? Parecía que los vecinos no lo toleraban, Tuvo que poner doble candado e inventar, cuando a alguno se presentaba con cualquier excusa para meterse en el agua.

Esos vecinos que habían llegado últimamente la inquietaban, gritaban mucho, se peleaban. A veces los veía asomados a su jardín, tal vez querían saber acerca de ella. Se le ocurrió que uno podía ser un asesino. No le gustaba el aspecto, por la calle apenas saludaba. La próxima vez cruzaría si llegaba a encontrarlo por ahí.

Descartado entonces llamar a una amiga, ninguna de las dos en las que había pensado. No tenía ánimo para escuchar haikus en inglés ni en francés ni predicciones de cartas de tarot. Su

amiga inventaba, seguramente. Menos ganas tenía de ir a un pub a escuchar cantar a alguien.

Entonces ¿qué haría?

Leer una buena novela, tal vez. Una novela de misterio con un personaje como el vecino, con el pelo pintado de rojo fuego y un aro atravesándole la nariz. Un asesino del que nadie sospechaba y el móvil fuera lejano, inverosímil, se descubriría después. Un crimen donde tres amigas se reúnen una noche para comer y una de ellas termina envenenada.

Una buena novela para disfrutar y pasar una noche llena de sombras en el jardín, de ruidos sospechosos, inquietantes como los que se escuchaban ahora. Voces desconocidas parecían aproximarse lentamente, tal vez la mano de alguien empuñando un cuchillo, la hoja de acero afilada como la que se hundiría en su espalda unos minutos después.

© Araceli Otamendi

*La naranja, canción, Cancionero tradicional argentino, Recopilación, Estudio Preliminar, Notas y Bibliografía de Horacio Jorge Becco

Librería Hachette S.A., Buenos Aires

ASTROLABIO

Márcia Batista Ramos

Plañidera ("carpideira", en mi idioma materno)

Antoine de Saint-Exupéry, fue quien, acertadamente, dijo: - "¡Es tan misterioso el país de las lágrimas!"- y pienso en los miles de veces que lloré, en respuesta emocional a alguna situación de sufrimiento. No puedo precisar si soy más sensible que otras personas, pero lo cierto, es que la angustia me invade fácilmente y lloro.

Los niños lloran cuando sienten dolor, temor, tristeza, frustración, confusión, ira o cuando no pueden expresar sus sentimientos. Cuando yo era niña, lloraba mucho. Alguna vez, mi madre me dijo: - Lloras como plañidera. – le parecía muy exagerada la facilidad con que yo derramaba lágrimas en reacción a todo, especialmente a alguna contrariedad. A veces, recuerdo muy bien, yo lloraba por adelantado ante alguna posibilidad de escuchar alguna negativa. También, acostumbraba a llorar hasta conseguir algún resultado que quería, y lo lograba.

Fueron muchas horas de llanto en mi vida larga, de la infancia quedó, para el resto de los días, la dificultad de lidiar con la frustración. Porque crecí y no estaban mis padres para apiadarse de mi llanto y cambiar de parecer o arreglar algo que no me gustaba.

En el libro HISTORIA DEL LLANTO de Tom Lutz, el autor explica que: "Llorar nos permite distraernos de la causa de nuestra angustia, desentendernos del mundo y fijar la atención en nuestros sentimientos, que en ese momento rebasan al mundo o, cuando menos, nuestra capacidad para procesar cualquier información nueva que provenga del exterior".

La ciencia cree que ningún otro animal puede producir lágrimas en reacción a estados emotivos,

solo el animal humano. Existen estudios que afirman que los hombres lloran una vez cada mes, y las mujeres al menos cinco veces cada mes, especialmente antes y durante la menstruación, cuando el llanto puede tener lugar hasta cinco veces más que normal. La ciencia no pudo comprobar los beneficios físicos y psicológicos del llanto. Sin embargo, según las encuestas, mujeres y hombres aseguran sentirse mejor después de llorar. Yo recuerdo un gran amigo, que siempre me decía:

- Hay que llorar lindo. Es bueno llorar. A veces yo lloro, bien lindo. – me decía con su sonrisa amplia.

La plañidera es una profesional femenina cuya función es llorar para un difunto ajeno. Para tal efecto, se hace un acuerdo monetario entre la plañidera y la familia del difunto, para que ella muestre sus llantos a pesar de no tener ningún sentimiento, parentesco o amistad con el occiso.

La historia cuenta que las plañideras surgieron en la cultura egipcia debido a un tabú que prohibía a los deudos llorar en público. A lo largo del tiempo se las contrató para realzar la importancia social de un difunto; otras veces, por la posibilidad de provocar, por imitación, el llanto en los deudos para efectuar una catarsis del duelo; también, en la Antigüedad, creían que el llanto de las plañideras ayudaba a limpiar el alma del difunto, y llevarla a la plenitud.

La plañidera (del latín "plangere") era la mujer a quien se le pagaba por ir a llorar al rito funerario o al entierro, aparece en documentación iconográfica y documental de la Antigüedad, como en la antigua Roma, por ejemplo; los romanos llamaban de "praefica" a la principal de cada comitiva de lloronas porque era ella la que presidía las lamentaciones y la que dando el tono de tristeza que convenía según la clase del difunto. Actualmente, en algunos países del mundo, diferentes culturas siguen practicando usos similares.

Para expresar de un modo más enérgico la desolación que debía causar al pueblo judío la devastación de Judea, el profeta Jeremías dice que el Dios de Israel mandó a su pueblo a hacer venir plañideras para lamentar semejante hecho. Este uso del pueblo hebreo pasó a otras naciones y se conservó entre los griegos y romanos.

En Brasil, las plañideras llegaron con la colonización portuguesa, aun habiendo resquicio en algunas localidades del país continente.

En India, son conocidas como «Rudaali», especialmente en el estado occidental de Rajastán.

En México aún se tiene registro de la existencia de plañideras. Además, se realiza el concurso de anual de Plañideras, en el Festival de día de muerto de San Juan del Río, Querétaro. En el Estado de México, se tiene conocimiento de algunas plañideras que siguen ejerciendo su oficio actualmente y se las conoce como «lloronas», «chillonas» o «mariquitas».

Se considera herencia de las plañideras los coros de mujeres que lloran y se lamentan en las procesiones de Semana Santa en España, en especial en la del Santo Entierro.

En China aún persisten, así como en algunos países asiáticos.

Las plañideras son citadas en canciones, películas, series televisivas y en la literatura, siempre inundando con sus lágrimas las escenas de las exequias fúnebres.

El hecho es que, de la niñez, quedó en mi imaginario la palabra plañidera (carpideira, en mi idioma materno), porque yo lloraba como pagada para hacerlo.

Casinha de Sapê

Rosa Regis

O PIRES E A VELA

Esse é um caso que, naquelas bandas, era considerado corriqueiro, mas, que me impressionou bastante. Tanto, que eu jamais esqueci. O meu irmão mais velho, José ou "Nego, que é o seu apelido e pelo qual é conhecido até hoje entre os familiares, era um cabra corajoso! Ele sempre acompanhava nossa mãe quando ela necessitava deslocar-se do Jerimum à Mamanguape, numa viagem de sessenta quilômetros, que eram percorridos a pé, por um caminho estreito e entremeado de raízes das árvores, grandes e pequenas, que ladeavam a estreita e única via de acesso que ligavam os raros e diminutos aglomerados de pequenas casitas perdidas por entre o matagal que se estendia por toda a extensão de terra existente entre os dois lugares aqui mencionados, tendo que enfrentar os perigos dali advindo, principalmente à noite quando a visibilidade era quase nula.

Certa noite, saindo de casa para ir visitar alguns amigos nas proximidades, onde teria que transpor o Rio Jerimum (que é o mesmo que tem outro nome na terra dos Azevedos, no Município de Pedro Velho, já no Estado do Rio Grande do Norte, o Rio Pirari, que dá nome ao Povoado e que é economicamente trabalhado: onde há

açudes, barragens e liberação de espaço para as lavagens de roupas tanto para os moradores do lugar quanto para as pessoas das cidades e/ou povoados/comunidades vizinhas, além de assistir às necessidades dos moradores/trabalhores da Fazenda Pirari através da pesca para a alimentação, mas que, no Sítio Jerimum, é estreito, não oferecendo nenhum perigo para a molecada que usa e abusa dele, caminha em marcha lenta, assobiando como era seu costume, e, logo depois do rio, subindo uma pequena elevação ladeada por uma vegetação não muito espessa que oferece, porém, pouca visibilidade, ele vê algo que o deixa de cabelos em pé! Próximo à cacimba de Nedina, de onde a maioria da população do lugarejo tira a água de beber, nas proximidades da casa do seu Manoel - o "Mané de Sindô", como era conhecido, um pires flutuando no ar com uma vela acesa dentro do mesmo. Coisa do outro mundo!! A língua emboloou! Os pelos ficaram eriçados! Mas ele enfrentou "a coisa do outro mundo"! E continuou o seu caminho normalmente. Assim disse-me ele.

RELÓGIO DE PAREDE

Rosângela Trajano

Como devem ser educadas as crianças

Rosângela Trajano

Toda criança precisa de amor. Na minha infância, estudei numa escola onde a criança que não soubesse a tabuada aritmética decorada levaria palmadas nas mãos. Eu morria de medo daquele castigo e aos sete anos já sabia toda a tabuada. Os castigos antigamente eram comuns na vida das criancinhas. Ficar ajoelhado em cima de vários caroços de milho, ir dormir com fome, dormir no escuro mesmo com medo dos monstros e o pior deles ser trancado num lugar fechado sozinho, como eu fui.

Não se deve bater numa criança ou colocá-la de castigo num canto escuro da casa para aprender a ter bons modos ou a tarefa escolar. O ensino não combina com maus tratos. Nenhuma criança deve ser chamada de burra porque tem dificuldades de aprender. É inaceitável que os pais ou responsáveis invadam as suas privacidades. Fica proibido assustar crianças dizendo que o homem do lixo vai levá-la embora ou que um monstro irá engoli-la na madrugada.

Defendo uma educação com afeto, pois o que fazemos com as nossas crianças hoje

será refletido na vida adulta amanhã. Tudo o que uma criança vive e ouve ela guarda dentro de si e mais tarde vem à tona seja num sintoma emocional ou agressão física aos coleguinhas e pessoas próximas, por isso vemos alguns morderem os outros sem motivos aparentes. É preciso amar antes de chegar perto de uma criança, conhecer o verdadeiro sentido do amor.

Quando falo de amor refiro-me às emoções e sentimentos bons que devemos guardar na alma, tais como o respeito e o perdão ao próximo. Precisamos aprender o que é o bem na sua mais singela essência para só assim nos aproximarmos das crianças que são pessoas especiais que buscam na gente proteção e carinho. Se não lhes damos isso onde procurarão? Em estranhos nas redes sociais ou nas portas das escolas, principalmente àqueles que lhes oferecem uma bala ou brinquedo.

Amar é.... amar é ser paciente e buscar sempre compreender o choro da criança, a dificuldade de aprendizagem, a raiva e a timidez. Amar é respeitar a vontade da criança, não falo das birrentas, mas daquelas que desejam coisas possíveis de receberem, que não nos custará quase nada dar-lhes. Uma das coisas que mais precisam as crianças dos dias atuais é de atenção e confiança nos pais, responsáveis e professores. A confiança é essencial para uma criança aprender tanto as tarefas escolares quanto a tornar-se uma boa pessoa. Confiar que o outro não vai nos deixar cair, que o outro não vai nos abandonar, que o outro vai nos ensinar tudo o que sabe sobre aquele dever de casa difícil de fazer.

Educar uma criança não é nada fácil, pois estamos acostumados a viver correndo, temos pressa para tudo, nunca paramos para um café ou conversa com os amigos imagine com um ser pequenino. Entregamos as nossas crianças às escolas e corremos para o trabalho sempre apressados. Não percebemos quando as nossas crianças estão chamando a nossa atenção seja através do recolhimento dentro do quarto e distância dos amiguinhos, seja no pavor de uma pessoa próxima da família. O que mais tarde irá causar doenças psicológicas e físicas.

Aos professores damos a missão de educar e instruir as nossas crianças. É verdade que o professor deve instruir com afeto, mas não sozinho. O tempo que a criança passa na escola é bem pouco em relação ao que ela passa em casa. Assim mesmo os professores esforçam-se para amar os seus alunos contando-lhes histórias, declamando poesias, brincando de ciranda. São os professores que estão salvando a instrução das nossas crianças nesses tempos de isolamento social, inventando-se a cada dia, criando metodologias de ensino nunca antes vistas. Assunto que quero discutir em outro momento. O importante é saber que o professor precisa amar o seu aluno sem impor-lhe o seu conhecimento goela abaixo, mas fazendo-lhe refletir em cima dos diversos assuntos ensinados sobre a importância da sua aprendizagem.

Para que professores cuidem bem das nossas crianças é preciso que as salas de aulas sejam ventiladas, ou seja, com janelas, vasos de flores, cartazes com imagens alegres e coloridos e limpas. Há esforços de professores que ensinam em escolas

públicas com paredes rachadas e goteiras, apesar de tudo eles amam os seus alunos, mas jamais poderão oferecer um ensino de qualidade, pois lhes falta o básico que é o bem-estar dos seus alunos. Nenhuma criança vai se sentir bem num espaço onde as paredes podem desabar a qualquer momento.

Atualmente, os professores fazem uso da tecnologia para dar aulas e algumas escolas já mantém os professores mais distantes dos alunos. Porém, ainda há escolas onde os professores pegam na mão da criança e a ajuda a cobrir a letrinha, a pintar o desenho do gato e a colar a gravura no papel. É preciso sentir o calor humano. Crianças gostam de proximidade.

Professores sabem o que é amar uma criança. São eles que ensinam, na maioria das vezes, aos pais e responsáveis. Deem mais atenção aos nossos professores. Certa vez, um deles me salvou da depressão. O professor pode salvar a sua criança do desânimo, da desistência, da indisciplina e até mesmo de conquistar os seus objetivos. Conheci uma professora que abraçava os seus alunos antes de entrarem em sala de aula todos os dias, e outra que inventou uma fadinha que escrevia cartas para eles todas as semanas. Professores são criativos. Abro aqui um espaço para abraçar os professores dos lugares mais longínquos do Brasil que sequer têm giz para escrever no quadro-negro e continuam com amor no coração ensinando as nossas crianças. Viva o amor! Viva o professor brasileiro!

Cartas

A saudade que chegou...

Onde estar aquele olhar que de tão sereno contagiava meu ser? Como estará aquele coração que de tanto amor resvalava em minha alma mantendo-me esperançoso? Cadê aquelas mãos que acariciavam meus cabelos na hora de dormir? E aquela voz calma mesmo quando o burburinho em volta era estridente? Hoje, já não existem duas taças sobre a mesa. Eu, solitário, saboreio aquele vinho conhecido de nós dois. Falta sua presença junto com seus conselhos. Faltam suas histórias, seus contos imaginários de tal maneira que me faziam crer ser real. Vim aqui fora sentir um pouco da energia da noite. Olhando o firmamento vejo uma única estrela dessa constelação. Creio eu que seja você, noutro nível, noutra dimensão a zelar por mim. Quem sabe. Eu só sei que a saudade faz morada em mim como nunca antes sentida.

Papai, aqui ainda continuo um simples aprendiz. Hora errando, em outra acertando, mas tentando colocar em prática seu ensinamento. Muito ainda terei que me corrigir, concertando meus erros.

Sorrio, muitas vezes, ao lembrar dos nossos momentos, infinitas horas de alegrias. Chegam, quase sempre, instantes de vazios imensos, mas ao mesmo sinto-me numa paz profunda. Aonde esteja, peça a alguém que leia essa carta. Bem sei que que não estar rica de detalhes, porém nós dois sabemos o quanto foi bom estarmos nessa presente vida juntinhos. Sempre nos respeitamos e nos amamos incondicionalmente. Melhor presente de Deus: Ter tido o prazer, numa oportunidade maravilhosa, de ser seu laço consanguíneo.

Gratidão, Papai!

Que Deus continue a iluminar sua caminhada. Siga comigo, pois contigo eternamente estarei.

Até um dia, Papai!

Mdc santos

Cartuns

MAMÃE, EU SOU TÃO BONITO! POR QUE QUEREM ME MUDAR?
PORQUE RESISTIMOS, FILHO! PARA MIM, VOCÊ SERÁ SEMPRE LINDO!
Danda
20 DE NOVEMBRO - DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Contos

Altamiro Fernandes da Cruz; Oficial PMQOR; Ex-Diretor Regente da AMOS – Academia Musical Orquestra Show da PMMG; Bacharel em Direito; Membro Efetivo Curricular Grau Ouro, Cadeira nº 04 da ALCMJGR – Academia de Letras Capitão Médico João Guimarães Rosa; Membro Correspondente da ALTO – Academia de Letras de Teófilo Otoni – MG; Membro do IHGM – Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri; Detentor do título de Honra ao Mérito, concedido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte – MG, pelo relevante Alcance Social e Cultural dos belo-horizontinos!

A ARCA DE NOÉ

Deus disse a Noé: -*"Você, porém, fará uma arca de madeira de cipreste; divida-a em compartimentos e revista-a de piche por dentro e por fora". (Gênesis 6/14).*

Terminada a tarefa dada por Deus, Noé abre as entradas da Arca para que os animais a adentrem. E lá vêm eles – cada um trazendo a tiracolo a sua companheira – a respectiva fêmea!

Ao ver toda aquela bicharada adentrando a Arca, Noé demonstra ter uma óbvia preocupação. Chama, então, pelo filho Sem e expõe o motivo da sua preocupação:

- Filho, sabe... é ... que... tem uma coisa que está me preocupando muito. Se estes animais começarem a se reproduzirem, esta Arca não vai caber tantos animais.

Sem coça na cabeça uma imaginária caspa, pensa – e logo em seguida – apresenta ao Pai Noé aquilo que imagina ser a solução para o problema:

- Pai, chama o Macaco e dê para ele a missão de fiscalizar a bicharada com a estrita ordem de que: enquanto estiverem na Arca – e de forma alguma – não poderão "namorar" para não procriarem. O Macaco, meu pai, é um bicho danado de esperto e vai, por certo, estabelecer a ordem nesta Arca e impedirá que a bicharada faça gerar novos filhotes.

Noé, satisfeito com a ideia de Sem, chama o Macaco e lhe transmite a ordem a ser imposta na Arca por todo o período em que durar o Dilúvio.

-Macaco, durante todo este período das chuvas, você tem a incumbência de fiscalizar estes bichos todos e impedir que eles tentem fazer qualquer tipo de chamegos e transas na Arca. E, enfático avisa:

- A responsabilidade é toda sua, ouviu? Então, qualquer que seja a falha, você será responsabilizado.

O Macaco, sentindo-se honrado com missão dada, aceita-a, faz uma continência a Noé e diz enfático:

- Deixa comigo chefia. Aqui ninguém vai *"namorar"*, porque não vou deixar!

O tempo passa. Os quarenta dias de intensas chuvas demonstram que elas, agora, estavam mais amenas e diminuindo a sua intensidade.

De repente, Noé sente um baque no casco da Arca. Com a diminuição das chuvas, a água baixou o seu nível fazendo com que a embarcação tocasse no solo. Noé – saindo da Arca – nota que a mesma está ancorada em um monte. No horizonte, ele vê uma pomba que lhe traz um raminho no bico indicando-lhe que o Dilúvio havia terminado e que estavam em terra firme.

Noé – abrindo um sorriso maior que a própria cara – abre a Arca e ordena que todos os animais saiam e voltem a se procriar para povoar a terra com suas espécies.

Obediente, lá vem a bicharada sob a arguta fiscalização do Macaco. Até então, tudo estava correndo às mil maravilhas. Nenhum dos animais estava trazendo filhotes a tiracolo. Noé demonstrava sua satisfação com a missão confiada ao fiel e astuto Macaco que sorria mostrando o siso.

Mas eis que, de repente, o caldo engrossa. Lá no final da fila aparece o Gato com a sua Gatinha acompanhada de uma fileira de gatinhos.

Noé lança um olhar reprovativo para o Macaco que – sem a graça e sem os sorrisos de antes – buscava uma explicação para a falha da sua missão.

O Gato – sorridente, malandro – passa por ele dando um sorriso de vencedor. A gatinha, por sua vez, para em frente ao Macaco, dá uma lambida na patinha, esfrega-a na cara safada e diz para o Macaco:

-Pensou que nós – naqueles momentos de doidões gritos – estávamos brigando, né, seu boboca! Estávamos no bem bom, transando bem gostosos e fazendo nenéns!

Antônio Souza

Advogado, Professor, Escritor e Poeta - Natural de Lábrea, Estado do Amazonas.

Pós-graduado pela Escola Superior da Magistratura do Estado do Amazonas - ESMAM e pela Escola Superior de Advocacia do Amazonas - ESA/OAB-AM. É Professor do Instituto de Aperfeiçoamento e Ensino Superior do Amazonas - IANSA - e do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas - CETAM.

É membro titular da Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-Amazônicos - ABEPPA, e da Associação dos Escritores do Amazonas - ASSEAM

Astrovaldo e o Borracheiro

(Contos/Causos)

Andar estressado parece ter se tornado uma norma aqui por essas bandas, provavelmente pelo calor infernal nesses meses de verão; se alguém disser que o cão nessa época passa umas férias por aqui, eu não duvido, o ambiente é bastante propicio, embora o queiramos bem distante. Introduzindo assim, com sua permissão, naturalmente, para dar vasão ao tema proposto. Pois bem, foi num desses dias que algo inusitado ocorreu com Astrovaldo. Depois de uma manhã carregada de dissabores no trabalho, onde teve de tudo, ralho do chefe, intriga com colegas, reclamação de clientes e soluções pendentes, que ele saiu para o almoço, praguejando todo mundo pra trás, andando e pensando rumo ao estacionamento: - Ufa, não bastasse esse calor miserável, esses abestados a me torrar a paciência, mas eu podia imaginar que o dia seria assim, acordei atrasado, sem água pra tomar banho, usei o creme de barbear na escova ao invés da pasta de dentes, sem contar que a mulher dormiu de bermuda... não podia dá em outra coisa... só falta essa porcaria de carro velho não pegar na chave e eu ter que pedir pra alguém me ajudar a empurrar...

Astrovaldo entrou no carro deu a partida o carro pegou e ele aliviou: - ainda bem... mas em

seguida o carro parou e Ele gelou: Caramba! – Deu novamente na partida e nada...: - lascou-se – olhou p'rum lado e pro outro, ninguém para ajudá-lo, havia um pequeno declive, abriu a porta e ele mesmo empurrou, pulou para dentro, engatou uma marcha o bicho pegou no trampo, foi embora pensando: - Não posso deixar morrer... Não posso deixar morrer... trânsito fervendo e ele ali preocupado em não deixar o carro parar... saiu das vias congestionadas pensou pegar outra rua sem muito trânsito e assim foi... rodou mais um pouco e o carro começou a bater, plec, plec, plec, plec... pensou: -Era só o que faltava, pneu furado nessa rua deserta, mas tudo bem, bolso de otário é nas costas... – Abriu o porta malas, em busca do reserva, pneu seco: – Eu mereço... puxou o carro pro acostamento.

O suor escorrendo pelo rosto, meio gorducho, com calça deslizando pela bunda que não tinha, com uma mão segurava o pneu com a outra levantava a calça e assim saiu andando a esmo, pensando encontrar um borracheiro, andou uns vinte metros resolveu voltar pro carro, pensou: - melhor eu ir andando sem o pneu, se eu encontrar um borracheiro peço para vir aqui comigo, talvez tenha um carro, moto ou coisa assim... e foi embora, andando, - pensou em ligar pra alguém, pegou o celular e um motoqueiro parou do seu lado, puxou a arma: - Perdeu, perdeu, playboy... passa o celular e esvazia os bolsos, bora, bora... e lá se foi o celular e os vinte reais que trazia consigo para o conserto do pneu... sentou na sarjeta e ficou desolado.

Poucos minutos depois levantou-se e seguiu à procura de um borracheiro, ia pensando já furioso: - Só falta eu encontrar esse miserável desse borracheiro contar minha história e ele rir da minha cara... ah, mais ele vai ver... parece que to vendo ele me chamar de otário por andar com celular na mão em rua deserta... filho da mãe deve ser um daqueles que não pensa em ninguém... vai ver até rouba também... fiedumaégua... mas ele me paga... vou quebrar tudo que ele tiver lá. Astrovaldo estava possesso como se o borracheiro fosse o culpado de tudo. Depois de uns cem metros ele avistou uma borracharia ficou com mais raiva...: - lá está o safado ele que se prepare...

Logo ao se aproximar, um esguio rapaz foi ao seu encontro com um sorriso bem aberto no rosto e de braços abertos o recebeu dizendo: - Olá meu amigo, parece cansado, vou buscar água pra você, fique à vontade, depois vamos buscar o seu pneu pra consertar, temos esse carrinho aqui pra isso mesmo... Astrovaldo pasmou: - Ué, não vai me chamar de otário não?!... – O rapaz sorriu novamente: - E por que faria isso?! Se estiver sem dinheiro, também não se preocupe, depois você passa por aqui e me paga, tá bom assim... Astrovaldo olhou pra parede viu uma imagem de Cristo e um dizer: "Eu sou o caminho a verdade e a vida, aquele que crer em mim, ainda que esteja morto viverá". Uma sensação de paz o invadiu e Ele voltou a sorrir.

Conclua você.

Antônio Souza

(Contos/Causos)

www.antoniosouzaescritor.com

Antonio de Souza Filho

Advogado

A saudade que ficou

Sigmund Freud que me perdoe, mas tem coisas que só mesmo o tempo consegue explicar. Sim, hoje, olhando a vida de outra janela, percebo quantos momentos me passaram despercebidos e que eram ao seu tempo, simplesmente maravilhosos, senão inovadores. Lá na época do colegial, como sempre eu fazia, depois de um dia exaustivo de trabalho e aula noturna proveitosa, mas cansativa; andava, do colégio pra casa, sempre pelo mesmo caminho, - sabia exatamente como era a panorâmica do trajeto; nos bares os mesmos bêbados, nas esquinas as mesmas garotas de saias curtas e aclamativas, o ônibus da hora, uma confusão aqui outra ali, tal e tal, tudo igual.

Meus passos eram avexados, mas vez ou outra em determinado lugar eu os cadenciava, por um justo motivo que a mim cabia - era quando dois amigos queridos gazeteavam as aulas e ficavam na frente da igreja, mais precisamente no salão paroquial, eles ali conversando e ouvindo músicas num daqueles aparelhos da época “toca discos” - não me recordo qual a bebida que tomavam, mas pelas circunstâncias deduzo que era a bendita cachaça talvez em forma de caipirinha ou “batida”, não sei, o certo é que estavam sempre alegres, das músicas lembro-me muito bem. Tanto um quanto o outro tinham o mesmo gosto musical “Creedence Clearwater Revival, Beatles, Rolling Stones e a Banda Brasileira - Renato e seus Blue Caps” esta era a minha preferida, me balançava na dúvida de ir ou não até lá, eles me acenavam e todas às vezes eu protelava, mas saia pensando como aquilo ali podia estar bom - Sim, descontração no final da noite, é tudo de bom, - mas eu precisava acordar muito cedo no dia seguinte.

Foi ali que de longe ouvi pela primeira vez “A Saudade que ficou” dos “Caps”, sem saber que ficaria comigo por toda vida, motivos não sei exatamente, talvez de outra vida, posto que naquele momento a natureza daquela canção, eu desconhecia por completo, quem a compôs deveria ter sofrido de algo extremamente maravilhoso que é a paixão, linimento incontestável do amor.

Dizia a canção:

Quem não tem na vida uma grande dor

Que do coração jamais se afastou

Essa dor tão ruim

De alguém que não quis

Aceitar um amor tão sincero

É a dor de uma saudade que ficou

Eu também sou triste igual a vocês

Tive um grande amor que um dia me fez

Ser feliz como o dia

Que fica a esperar

Seu amor, sua noite tão linda

E depois partiu pra nunca mais voltar...

Pouco tempo depois vim a ter plena consciência de tudo aquilo, principalmente da canção, mas o próprio tempo me exigiu discrição e um eterno convívio com a tal saudade que ficou.

Não devo ser o único com sentimentos guardados secretamente, irreveláveis, posto que somente àquele tempo pertenciam como era a delirante história de meus amigos.

Romantismo, lembranças, como é bom e como massageiam o coração. Freud, imagino, sabia sim de tudo isso, mas guardou pra si.

Antônio Souza

Contos / www.antoniosouzaescritor.com

Fruto proibido...

Saborear um fruto às escondidas só sabe o deleite quem já o fez. Esfria a barriga, eriçam os pelos, as pernas tremem. Emoção indescritível.

Todos os dias era a mesma coisa. E tinha hora marcada para não haver surpresas.

Certa feita, como de costume, deu o horário, seguiu rumo ao seu prazer. Neste dia, o vento soprava mais forte que o normal e sentia os cabelos esvoaçarem e a franja teimosa caía à sua testa. Quase desequilibrou. Segurou mais firme e continuou apreciando cada pedacinho daquele instante.

Cessada a ventania, ainda demorou-se. Ficar ali, não tinha preço, valia o risco.

De repente, foi surpreendida pelos gritos da velha senhora, que não se sabe por qual motivo estava em casa naquela tarde e pelos latidos de seu feroz cachorro, que salivava esperando a sua descida para abocanhar àquelas canelas fininhas.

Após esse dia, nunca mais foi comer suas deliciosas goiabas que ficavam no galho mais alto da goiabeira da vizinha.

Ingrid Mohr

O Mestre

Lizédar Baptista

Em terras mui distantes do oriente, centenas de anos atrás, havia um imperador cujo inimigo era o maior espadachim das redondezas, porém, mesmo que sua cabeça valesse uma recompensa muito alta e houvesse pessoas muito bem treinadas, ninguém conseguia vencê-lo. Um homem achou que as metodologias usadas pelos outros não iriam funcionar e decidiu tentar eliminar o causador daquelas confusões de outro jeito.

Então, o sábio saiu à procura do espadachim, e, surpreendentemente, encontrou-o com muita facilidade por ele estar causando transtornos no mercado. O monge, com sua voz plácida e ajudando os comerciantes a colocarem suas mercadorias de volta no lugar, apaziguou a situação. Logo após, ele começou a seguir o arruaceiro e sempre que iria entrar em confusão, intervinha. O espadachim, irritado, quis espantar o monge com sua *katana*, contudo, ele nem se importava com aquilo e o fitava com uma cara de deboche.

— É tão bravinho! — Disse o asceta em tom de zombaria.

O desordeiro não falou nada, todavia, fitava-o com uma cara muito fechada. O monge para deixá-lo ainda mais bravo começou a repetir os mantras incessantemente.

— O que quer de mim? — Questionou o espadachim impaciente.

E o religioso nada respondeu.

Os dias foram se passando e o bagunceiro parecia estar sendo influenciado pelo comportamento de seu seguidor indesejado. O espadachim acabou encontrando o nirvana, a chama turbulenta dentro de si tinha diminuído e não balançava tanto ao vento; ele tinha encontrado enfim a paz. O monge, vendo a mudança comportamental de seu companheiro, ofereceu-se para lançar sua espada dum penhasco. O jovem virava seu pescoço para ver seu objeto tão estimado ir embora, entretanto o monge lhe disse:

— Não olhe para trás. Viva o presente. Veja só como se transformou! Lembrei-me até de um ditado popular: “Água mole pedra dura, tanto bate até que... fura.” — Terminou o adágio enterrando o sabre nas costas do discípulo que sangrou bastante e acabou morrendo.

Após o assassinato, ele cortou a cabeça do cadáver e levou-a até o imperador, que imensamente surpreso pelas suas vestes monásticas, perguntou-lhe:

— Mas... os ensinamentos não diziam para não fazer o mal e fazer apenas o bem a todos os seres!?

O homem sorriu maleficamente enquanto recebia sua recompensa e lhe respondeu:

— Eu não sou monge!

As aventuras de Babu (significa o décimo filho em africano)

Era uma vez um menino chamado Babu, mais conhecido como simba ele era o quinto filho da família NKOSI da África do sul. Babu tinha um cachorro chamado saide e uma amiguinha chamada Juka bala que morava com a sua vó Maricota numa cabana na savana da África. Simba estava de aniversário e sua mãe lhe disse filho hoje você faz dez anos, seu pai saiu cedo para pescar um peixe pra fazer hoje a noite é só oque temos para lhe oferecer. Então o menino ficou muito contente e saiu correndo com seu cachorrinho até a cabana da juka pra convidar ela pro jantar chegando lá ele gritou na cerca que rodeava a cabana juka, juka vem aqui eu tenho um convite para te fazer hoje é meu aniversário e meu pai foi pescar hoje você quer jantar comigo e meus irmãos ela respondeu sim eu quero então espero você na hora do jantar assim que escurecer, - tá simba eu vou estar lá. Seu pai passou o dia todo pescando no lago velho, mas não conseguia nem um peixe estava desanimado oque ia dizer ao filho quando se chega em casa sem um peixe era só o que podia oferecer no aniversário de simba. Ele pegou a rede e jogou novamente no lago e ficou esperando sentado e ele adormeceu de repente sentiu a rede se mexer puxou a rede pensando há peguei um bom peixe grande a rede estava um pouco pensada ele começou a puxar e logo viu que não era um peixe, mas sim uma mala grande e muito bonita, então ele disse e agora já está ficando tarde os peixes já foram embora vou levar esta mala de presente para simba assim não chego de mãos vazias e assim foi feito. O menino estava no portão quando avistou o seu pai carregando uma mala e pensou “nossa, meu pai deve estar trazendo muitos peixes vai ser o melhor aniversário da minha vida”, correu até o pai dizendo pai me deixa lhe ajudar com a mala.

Chegando em casa seu pai lhe disse filho você me perdoa eu não consegui pescar nem um peixe, mas eu tenho esta mala pra dar pra você. Então o menino ficou triste e disse estar bem papai amanhã o senhor pode voltar lá e pescar pode ser que tenha mais sorte.

Juka bala chegou e ele contou o que havia acontecido, mas que tinha ganhado do seu pai uma mala e estava esperando-a e o simba para abrir a mala. Ele abril a mala e todos foram sugados para dentro da mala era uma mala mágica que transportou eles para a ilha perdida do rei falcão, ao chegar na ilha se deram de cara com um falcão que lhe perguntou quem são vocês e de onde vieram, Babu ficou estático e disse bem baixinho o meu nome é simba e esta aqui é minha amiga juka bola e o meu cachorro

saidi,e perguntou a onde nos estamos, O falcão disse vocês estão no meu reino eu sou o rei desta ilha agora vocês seram os meus prisioneiros assim como os outros que eu tenho prezo. O falcão prendeu, simba, juka bala e saidi numa gaiola de ouro junto com um coelho e uma pantera preta que perguntou quem são vocês, simba respondeu eu sou Babu e esta é minha amiga juka bala e este é o meu cachorro saidi, o coelho perguntou como vieram parar aqui no reino deste falcão malvado, que gosta de aprisionar todos que-se aproximam do seu reino.Então simba falou eu estava de aniversário e meu pai achou uma mala no lago e me deu de presente ai eu e meus amigos abrimos e viemos parar aqui e agora perguntou a pantera o que vão fazer pra sair daqui. Babu ficou pensativo e depois disse eu tenho um plano mas preciso da ajuda de todos vocês.

A pantera negra disse eu tenho muito medo do falcão ele é muito malvado então Babu disse você não pode ter medo dele ele é só um falcão e você é uma pantera selvagem ela respondeu eu não sei ser selvagem. Simba disse mostre suas unhas e dá um rugido ela mostrou as unhas e deu um rugido meio fraco e Babu disse mais forte você é uma pantera mais auto então ela deu um rugido bem forte e mostrou as garras e deu um salto para fora da gaiola que estava com aporta encostada e disse vamos sair daqui eu vou na frente todos a seguiram chegando na saída da caverna o falcão estava lá e disse a onde vocês pensam que vão, a pantera rugiu forte e mostrou suas garras e deu um pulo no pescoço do falcão ele caiu duro de susto e todos fugiram,

LULUZA PEREIRA

marialuizasp@2022gmail.com

Apocaliptic

Em um tempo pandêmico, apocalíptico, às civilizações de todo o mundo vivem de forma precária, faminta e sedenta por mudanças que não virão, lutam por sobrevivência. As políticas governamentais são arbitrárias e corruptas e as questões sociais não avançam em nenhum aspecto. O caos se instala... Em meio a tudo isso surge Kerfus, um jovem cientista destemido, determinado, e que **não limitará** esforços para mudar essa realidade.

Era o ano de 2031, dez anos depois da grande catástrofe mundial. Um vírus letal e altamente transmissível foi liberado propositadamente por um governo corrupto, genocida e destrutivo. Famílias inteiras dizimadas e cidades inteiras destruídas. Por onde o *Apocaliptic* (nome oficial do vírus) passava, era deixado um rastro de destruição.

Milhares de mortos por todo o planeta!

Numa pequena cidade chamada kaptodia, em Kingdom, vivia o jovem biomédico Kerfus. Ele que perdera toda a sua família para a doença, não entendia como tudo aquilo estava acontecendo diante dos seus olhos e não podia fazer nada. O contágio, mesmo depois de muito tempo, ainda existia. Os homens e a ciência viviam em busca da cura, mas o poderio tomava conta das experiências. E o privilégio era para poucos.

Em todo o mundo, o dia era noite, o tempo era só tempestade e os ventos fortes devastavam tudo por onde passavam. Os povos tinham que lidar com a transmissão do vírus e com as mudanças climáticas. A terra estava tão **tóxica que** caia chuva ácida. Era a natureza castigando e sendo castigada.

Kerfus, como um bom estudioso e **líder articulador,** queria mudar tudo isso, trazer a vida **à** sua normalidade. Ou pelo menos tentar fazer emergir uma nova civilização. Começou então a usar de suas habilidades para pesquisas e experimentos. Queria produzir uma vacina eficaz. A ciência e a humanidade precisavam dessa esperança. Uma vez que aqueles que podiam ajudar não se importavam com o que estava acontecendo.

Seus experimentos, em um galpão clandestino, tinham a ajuda de dois amigos de infância, **órfãos sobreviventes** iguais a ele, Nikon e Zambi, que estavam sempre ao seu lado. E assim como o jovem, também estavam esperançosos em ver tudo isso mudar. Para completar o time tinham a ajuda de um ex-professor da faculdade, o cientista Eduard Bass. O senhor louco, como muitos o chamavam.

- Temos uma guerra lá fora para impedir. Milhões de pessoas, em todo o mundo, dependem de nós. Precisamos correr com nossos experimentos e assim ajudar a salvar o planeta terra. (Dizia o jovem Kerfus para incentivar a todos).

A equipe trabalhava a todo vapor para chegar a uma droga que pudesse trazer esperança, no meio de tanto caos e de um cenário de mortes cruéis. Os dias iam passando e eles nem imaginavam que outro perigo já começava a espreitar a vila...

O governo vinha trabalhando, mais cedo, para transformar as nações submissas ao seu comando. Não entendera que o próprio vírus vinha passando por mutações... Despreparado, alienado, egoísta e com o povo comendo na palma da sua mão; Narion não se deu conta de que ao seu redor as coisas também mudariam.

Uma nova ameaça aparecera em muitas regiões do vasto mundo em colapso. As pessoas,

contaminadas, agora estavam se transformando em seres indestrutíveis, mutáveis. Com aparências de mortos-vivos, tinham suas fisionomias e caminhados estranhamente modificados, e uma força descomunal e sobrenatural os acompanhavam.

Seria aí o fim? Seria aí a profecia tão falada e tão questionada pelos ancestrais?

- **Não** tenho essas respostas, meus caros. Nem sei se terei. A única certeza é que agora estava tudo pior. Dizia o Dr. Bass quando questionado.

As armas químicas eram usadas para destrui**ção** em massa. E isso já era comum. Mortos e vivos eram exterminados um a um... Só contava, para o desgoverno, o genocídio e o etnocídio.

- Maldito! Genocida maldito! (Gritavam, aos berros, os sobreviventes da catástrofe, por todas as ruas de Kaptodia).

Enquanto, bem próximo dali Kerfus continuava com seus experimentos.

– Que Deus nos ajude, nossas experiências estão avançando... Dizia ele. Mas algo de errado aconteceria naquela noite, a qual provocaria a ira e abalaria a fé daquele rapaz.

Os invasores já se encontravam no vilarejo. Tão logo desconfiaram de que o galpão abandonado estava sendo usado como refúgio de dissidentes.

Ali no galpão estavam escondidos: Zambi, que era a paixão secreta de Kerfus e também o amor platônico de Nikon, embora isso não fizesse dos rapazes rivais, sempre provocava longas conversas entre eles, num tão clichê triângulo amoroso. O senhor Bass, que era um apaziguador de sentimentos. Homem experiente, e um tanto sensível, conseguia chegar no âmago dos jovens. E isso contava muito para a boa relação entre eles.

- Já estamos há 36 horas tentando a todo custo finalizar nossos experimentos. E só o que temos são números binários, tabela periódica e cálculos infindáveis. Estamos avançando ou não, Kerfus? Me responda. Responda a todos nós. Seja claro!

(Zambi estava confusa. Tinha uma expressão de desânimo, misturada ao cansaço de dois dias e meio na ativa. Não pregara os olhos por um segundo). Isso era um fator predominante naquele lugar. Todos se sentiam exaustos. Alienados, nem sabiam o que os esperavam fora daquele lugar inóspito.

A lua cheia no céu vermelho. Um tom de horror no ar. A negritude da noite soprava um vento **gélido, uma camada densa de neblina adentrara** o galpão. E com ela veio um frio inesperado. Kerfus e sua equipe sentiram arrepios coletivos, coisa de outro mundo.

Eduard, o senhor louco, sentira vontade de ir lá fora. Algo estava o incomodando. E foi...

Primeiro passo dado e a penumbra já o fazia não enxergar um palmo a frente do nariz. ARREPIO! Foi o que ele sentiu. E um vento gelado que soprava em seu pescoço. Algo o ataca de supetão, não dando a chance dele se defender. Um metamorfo, espécie de ser humano, não mais humano, transformado pelo vírus. Logo os restos mortais do professor estavam espalhados por todo o pátio do esconderijo.

Os jovens, já sentindo a falta do Bass, saem **à** sua procura...

Enquanto isso, do outro lado do mundo, o Narion - governador genocida - e seus seguidores sanguessugas continuam com o projeto de destruição do planeta em nome de uma nova civilização. Político como todos os outros e nazifascista como poucos que ainda restaram,

tinha uma pedra no lugar do coração. Sentia prazer em destruir quem passasse por seu caminho. Propagava fake news desde as extintas redes sociais lnstagram e Facebook. Atualmente o que mais o favorece são os robôs andrógenos, verdadeiras máquinas de controle da espécie humana. Pois ele os emprega não apenas para manter as pessoas subjugadas à sua vontade, mas principalmente para capturar, torturar e até exterminar aquelas que são dissidentes. Mas enquanto Nairon executava o seu plano diabólico, em Kaptódia as pesquisas e experimentos continuavam a todo vapor.

De repente, a equipe inteira ouve um grito de júbilo do guerreiro:

- Consegui! Dr. Bass! Consegui! Finalmente a fórmula antiviral está pronta! E saiu do laboratório do esconderijo emocionado com a finalização do experimento. Mas diante dos rostos ansiosos procurou pelo amigo mentor e não o viu.

- Cadê o Doutor Bass? Aonde ele foi? Indagou.

Porém, nenhum dos membros da equipe soube responder. Cada um estivera focado em seus afazeres e não se deram conta da saída, há tempos, do pesquisador. A aflição estampada no rosto de Kerfus contagiou os demais e todos correram até a saída do laboratório. De início não viram nada por causa da escuridão da noite. Mas aos poucos foram se dando conta do cheiro de sangue e logo começaram a perceber os pedaços de carne, pele e vísceras humanas espalhadas pelo chão à frente deles.

Kerfus entrou em desespero. Não era possível perder o amigo logo quando finalmente encontraram uma possível cura para a pandemia. Aquilo era doloroso demais para o jovem que já perdera tantos entes queridos. Prostrado pela dor caiu de joelhos diante daquele cenário medonho e chorou. E teria ficado ali exposto aos riscos se não fosse por Nikon, que o arrastou para dentro do esconderijo apesar dos protestos do amigo. Ficar ali mais tempo poderia colocar a vida de todos em risco e comprometer a sobrevivência da espécie humana, pois os metamorfos poderiam sentir o cheiro deles ou mesmo visualizar a localização do grupo e exterminá-los sem piedade como fizeram com o Dr. Bass.

De súbito, a voz do ecrã do computador de última geração se fez ouvir no laboratório. Era um recado programado do Dr. Bass e dizia:

- Rapazes! Se estiverem ouvindo esta mensagem, ouçam com atenção, pois ela não se repetirá. Foi programada para ser reproduzida uma única vez. Todos pararam assustados para ouvir e assistir o vídeo:

- Perdoem-me, falhei com vocês. Agora não poderei mais ajudá-los com a fórmula antivírus. Mas eu estive trabalhando em um sistema android de reconhecimento e combate às fake news. E deixei numa pasta, cujo código é SARSCOV2019, todas as informações necessárias para que possam operá-lo com eficiência e assim começarem a combater esse mal que assola as telecomunicações na atualidade. Também tracei um mapa dos satélites mais potentes e capazes de espalhar as informações sobre o vírus, suas consequências e formas de combate. Sinto muito meus amigos por abandoná-los num momento como este. Espero que sigam as minhas instruções para operar o sistema e tudo dará certo. Eu confio em vocês. Ao fim da fala o Dr. Bass piscou o olho esquerdo e sua imagem desapareceu.

Kerfus se levantou de onde estivera ajoelhado, chorando, e foi sentar diante do aparelho para localizar o sistema ante fake news e começar a operá-lo.

Ao conseguir localizar o arquivo viu que havia uma sequência enorme de vídeos do Dr.

Bass citando os estudos do grupo não apenas para combater a pandemia, mas também para livrar o mundo de uma realidade tão robotizada e desumana. Assim, por meio de uma rede de espionagem ao vivo de pessoas (robôs andróides metamorfos) infiltradas no alto escalão do governo mal, conseguiu mostrar ao mundo quem era o verdadeiro responsável pela calamidade mundial.

O Sistema antivírus também passou a influenciar positivamente sobre o cérebro dos metamorfos e muitos desertaram, abandonando de vez o projeto genocida de Nairon que, enfraquecido, tratou de se esconder para não ser capturado e preso. Com a queda do sistema ditatorial criado pelo tal governo, o novo sistema androide também lançou, a nível mundial, uma proposta administrativa em forma de plebiscito generalizado para que as pessoas se posicionassem quanto ao governo que gostariam de ter dali para a frente.

Foi assim que mais de 85% do povo escolheu o regime de governo democrático.

E as denúncias contra o governo ilegítimo de Nairon e seus malditos zumbis foram expostos publicamente fazendo com que suas palavras perdessem a credibilidade e aceitação. Numa das suas aparições em público as pessoas revoltadas o atacaram e não deu tempo para que seu séquito de metamorfos pudessem ajudá-lo. A sede de vingança dos que perderam suas famílias, propriedades e ideais de vida, era tamanha que o criador dos metamorfos foi esmagado pela população.

O povo de Kaptódia finalmente se libertou e Kerfus, lado a lado com seu braço direito Nikon, sua amada Zambi e demais membros da equipe de pesquisadores, passou a organizar o novo sistema de governo e a reconstruir a cidade e o país, preparando-o para a recondu**ção a**o governo daquele que nunca deveria ter sido afastado da liderança, o Comandante Star.

O exemplo da pequena cidade foi seguido por muitos outros povos e, assim, a paz, a saúde e a alegria voltaram a reinar no mundo.

Marcello Moura

Minibiografia

Marcello Moura é professor de línguas, poeta, escritor, membro efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL) e membro fundador da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo (AILAP). Tem poesias, contos e memórias publicados em dezenas de antologias literárias. Já lançou duas obras poéticas: “As cores de mim, na essência do eu” (2017), pela Biblio Editora e “Tudo de Mim: Poesia em Estado de Ebulição” (2021), pela Editora Brasil Casual.

Em Jeans e Xadrez

Deusilene, sentou-se numa mesa ao canto do bar. Olhou à volta procurando por Davi. Ele tinha dito que trajaria jeans e camisa xadrez. E era um rapaz moreno, bonito, em jeans e xadrez, que ela procurava com uma ansiedade incontrolável. Torcia as mãos sem parar e suava. Mas como passar por aquilo impunemente? Havia meses, eles namoravam no virtual. Desde o dia em que ele pedira amizade na rede, vinham combinando se encontrar.

Deusilene tinha certeza de que Davi era o homem de sua vida. O entusiasmo da moça não era infundado. Davi a chamava de minha Deusa, cercando-a de carinhos, palavras adoráveis, beijos e figurinhas amorosas. Eram o amor um do outro e embora ele morasse numa bela cidade litorânea do Espírito Santo, Minas não ficava tão longe assim. Agora, por fim, iam poder sentir o calor um do outro, tornando real o já ardentemente imaginado.

Depois de quase quatro três horas de um suposto atraso, Deusa desistiu. Davi não viria. Consultou pela milésima vez o whatsapp, mudo até então, e lá estava a mensagem: “Perdão”. A palavra curta e seca foi a única antes do magistral bloqueio.

Deusa entrou no carro, ligou o rádio, pensou no vultoso pix passado na véspera para financiar a viagem do amado — que não veio em jeans e xadrez nem de jeito nenhum. Coincidência ou não, a FM da Sem Horizontes, tocava Sandy & Junior: “Se a lenda dessa paixão/Faz sorrir ou faz chorar...”

Marina Alves

Olá, Fantasma!

Apartamento novo, muitas caixas ainda por abrir e organizar, e uma deliciosa sensação de bem-estar porque finalmente começava a se acostumar à nova morada, embora no início tenha sido difícil se adaptar às esquisitices do lugar. É que, agora, já não se importava com o barulho de correntes sendo arrastadas no andar de cima - que ouvia ao chegar na cozinha, e até conseguia brincar dizendo "Olá, fantasma!", sempre que lá entrava. O que incomodava mesmo era o barulho de pisadas ocas ouvidas do teto do quarto. Parecia que um "perna de pau" gostava de caminhar pra lá e pra cá na madrugada, no mesmo apartamento superior. Às vezes percebia que se desequilibrava e tombava derrubando tralhas, provocando um som tão estranho quanto o das correntes que ouvia na cozinha. Nessas horas não brincava. Embrulhava-se no cobertor e tapava os ouvidos esperando o ruído cessar, até adormecer. E resolveu descobrir se era apenas sua imaginação ou se tudo aquilo acontecia realmente. Chegava na porta da cozinha e se postava a escutar. Silêncio. Não ouvia nada fora do normal. Mas bastava começar a fazer qualquer coisa depois de entrar e lá estavam as correntes a serem arrastadas. Depois começou a notar que o "perna de pau" também andava por outros lugares e em outros horários além da madrugada. Era só se acomodar para ler, ver um filme ou qualquer outra coisa, e lá estava ele num andar ritmado: toc... toc, toc... toc.

Nova no prédio, não se sentia à vontade para perguntar qualquer coisa sobre os antigos moradores do andar de cima, já que acreditava não haver ninguém lá, devido ao silêncio dos outros momentos. Já tinha, na verdade, ido inúmeras vezes até a porta do tal apartamento para tentar perceber alguma movimentação e nada, absolutamente nada!

Acostumou-se, mas continuava intrigada com aqueles estranhos ruídos. Temia o corredor e o elevador quando neles se achava sozinha e evitava sair quando o porteiro havia terminado seu horário de trabalho. Até o dia em que o encontro foi inevitável. Chegava em casa à noite e ao fechar o portão de entrada foi impedida por alguém de fazê-lo. Assustada e temerosa, afastou-se e o que viu a surpreendeu. Uma jovem manobrava uma ruidosa cadeira de rodas onde estava sentada uma senhorinha. Ajudou-a a levantar e lhe entregou uma bengala para se apoiar enquanto dobrava a cadeira para acessar o elevador. Então riu de si mesma ao entrarem, pois aquele terrível mistério finalmente havia sido desvendado. A jovem apertou o botão do número do apartamento superior ao seu e ela pensou divertida: Prazer em conhecê-la, Senhora "Fantasma Perna de Pau".

Marise Castro

30/05/2020

Atos de amor (conto)

I

A noite estava escura, mas ele podia ver claramente, no ponto mais alto daquela ponte, alguém ensaiava um mergulho.

II

Ela abriu a porta sem olhar no olho mágico, devia ser a vizinha, ela sempre vinha naquele horário.

- Você!?

- Não me convida pra entrar?

- Ah, sim (ela quis dizer não, mas estava atônita), seu voo não era ontem?

- Era, mas eu precisei adiar. Vamos sair, dar uma volta na beira mar, tomar alguma coisa, conversar? O dia tá tão lindo...

- Olha, eu não sei o que você quer, mas entre nós não há mais nada a ser dito.

- E se eu disser que é amor...

- Amor? (que cara de pau)

- Sim, o amor me fez desistir da viagem, o meu amor por você, acredita?

- Não. Amor é o que sinto agora, depois de chorar todas as nossas fotos, todas as mensagens não respondidas por você, todas as promessas adiadas e não cumpridas. Amor é o que sinto agora, quando descobri que você não valia meu mergulho e fui salva por um anjo!

III

- Quem era, meu bem?

- Ninguém meu anjo.

(Sandra Laurita)

Crônicas

AMOR AOS LOUCOS

Adoro os loucos. Ao fazer esta afirmativa, já antevejo os meus leitores dando dois passos à retaguarda para, em seguida, avançar outros tantos à frente e contestar-me de olhos rútilos e lábios trêmulos:

-Como é que é? Você adora os loucos?

Enfático, respondo que sim, e explico o porquê do meu amor aos loucos.

-Os loucos são maravilhosos – explícitos! Andam despreocupadamente – não estão *"nem aí"* para a vida! Se sentem fome, há sempre uma alma boa a dar-lhes o pão. Se sentem frio, haverá alguém a lhes dar um roto cobertor. Dormir? Ah!... Eles dormem em qualquer lugar, na hora em que Morfeu determinar. E dormem o sono dos justos (por serem os únicos justos), dos inocentes (por serem os reais e únicos inocentes), sem sofrerem as consequências do *stress* (louco não se estressa) cotidiano que tanto nos aflige.

Não têm eles, os loucos, contas a serem pagas. Mesmo porque, *"ninguém é louco o bastante para dar crediário ao louco"*. Mas, diga-se de passagem, há (como eu e outros *tantos tontos* milhares de insanos loucos) os que fazem crediário, chafurdando-se em compras e se atolando nos aviltantes juros comerciais (Ou seriam *"juros roubalhais?"*) dos Cartões de Crédito – 14,5% ao mês. E com o advento dos juros sobre juros, sobem aos 400% ao ano – ou mais, bem mais. Ufa!... Isso, sim, é coisa de louco de jogar pedras em aviões!

Loucos não possuem Carta de Motorista (CNH), mas como há motoristas loucos. Loucos não podem votar. Todavia, como somos loucos votando em crápulas, ladrões do erário. Louco não pode ser Presidente de uma nação. Mas como há Presidentes loucos. Loucos, tão loucos que despejam toneladas de *"Bombas Inteligentes"* (Isso somente cabe na cabeça de um parvo, um idiota da objetividade!) sobre inocentes seres humanos, ceifando vidas, tudo isso em nome de uma utópica paz ou de um tresloucado fanatismo religioso, quando, então, esperam chegar ao paraíso onde há fontes jorrando mel e lindas mulheres virgens. Por que buscar mel e lindas mulheres lá, em um utópico paraíso, se, aqui, há mel e lindas mulheres no mundo da realidade? Alguém – que não seja um louco fanático, claro – poderia explicar-me?

Ah, amigos leitores, não era esse o motivo desta crônica. Não..., não era! Adoro os loucos por serem, eles, autênticos. Fazem aquilo que querem; dizem, sempre, o que quiserem; chutam os baldes dos conceitos e tolos preconceitos para dentro das lixeiras. Então, é por tudo isso – dentre tantas outras coisas mais – que amo os loucos com um louco e tresloucado *Amor de Montão – adoro-os!*

Recordo-me de um fato ocorrido em Belo Horizonte – mais precisamente na Avenida do Contorno, Bairro Floresta – sob a marquise do prédio onde funcionava um banco, hoje, falido. Morava, então, no edifício ao lado. Era uma tarde de um sábado qualquer. Chovia a cântaros – tudo a que tinha direito. Por sobre a marquise passava um espesso cano que captava as águas pluviais vindas dos telhados, direcionando-as ao solo. Devido a sua espessura e as fortes chuvas que caiam, o jato d'água era grosso e muito forte como se fosse uma cachoeira.

Sob a marquise, a se proteger contra a chuva, estava uma louca – doida, como, normalmente dizem, *de jogar pedra em avião!* Ao seu lado, um velho saco era o baú onde guardava os seus trens, seus utópicos tesouros. Como amigo e guardião, tinha, também, um pulguento – sujo como ela – e fedorento vira-latas.

A chuva continuava intermitente. Eu, ansioso, esperava que a mesma se amainasse para, então, adentrar no meu carro. Queria sair bordejando por aí. Queria passear, extasiar-me com o barulho da chuva na fuselagem do carro. Queria ver o bailar estonteante do limpador do para-brisa na sua frenética luta para dar-me uma melhor visibilidade. Isso tudo, claro, mesclado ao

som aconchegante de um 3º Ato de Rigoletto, onde há de se destacar os troares estonteantes dos trovões. (Programa de doido, dirão!)

De repente, a Louca da Floresta se põe de pé. Abre o saco de trens e nele remexe os seus trens à cata de um determinado trem – buscava algo: um trem para ser usado. Encontra-o. E o trem era um pedaço de sabão. Ato contínuo, ela começa a despir-se.

Agindo com tremenda naturalidade, ela – imaginando-se, talvez, que estivesse numa suíte presidencial do *Hotel Ouro Minas* – livra-se do vestido e mostra para uma plateia de parvos e tarados (Vamos chamá-los de loucos ensandecidos, vamos?), um corpo maltratado, contudo, ainda bonito, lindo – a se aproximar do belo.

Retira a calcinha (Oh!.. exclamam os, também, loucos da plateia!), dobra-a com zelo e carinho, colocando-a por sobre o já dobrado roto vestido. Sem olhar para ninguém, ela se dirige à ducha das lágrimas celestiais e estas lhe molham os longos cabelos, rosto e todo restante do corpo escultural.

A luxúria dos loucos da plateia faz com que eles babem, esfreguem as lúdicas mãos. A mão da Louca – segurando o trem sabão – o faz passear pelos cabelos, rosto, ombros e seios. Passa, também, pelas nádegas e por toda a região pubiana. Os pelos da vulva – levados, talvez, pelo frio da gélida água – se ouriçam fazendo a espuma aumentar a sua densidade, levando a louca (Louca?) plateia ao delírio; à loucura dos inimagináveis e loucos pensamentos escusos; a suspirar e imaginar coisas impublicáveis – coisas de loucos... trem de doido!

A Louca da Floresta está impassível. Todos a viam. Ela, todavia, nada via e, se via: *"não estava nem aí!"* Não pressentia nada, nem mesmo a presença da louca plateia. Para ela, éramos um bando de loucos sem ter o que fazer.

E é neste ponto que está a minha admiração, respeito e amor pelos loucos. O mundo é deles, nós é quem somos os invasores. E no mundo deles não há ódio, guerras e posses, conceitos ou mesmo os nossos tolos e parvos preconceitos. No mundo deles tudo pode ser feito. No mundo em que vivem, só há lugar para o amor. Assim pensando, chego à óbvia conclusão:

-Ah!... como gostaria que me fizessem uma lobotomia, pois – e em assim sendo – poderia chutar as mazelas da cotidiana e insípida vida. Poderia ser feliz como são os loucos. Poderia rir... sorrir e ressorrir dos loucos que somos todos nós por não assumirmos as próprias loucuras cometidas!

É triste e lamentável admitir os nossos homéricos medos de nos tornarmos loucos.

Temos medos incontroláveis de sermos felizes com as nossas loucuras!

***

Altamiro da Cruz

Liderança não é para qualquer um

Muita gente acredita que liderança é um dom, porém, eu creio que a mesma é construída a partir de ideais, porque acima de tudo acredito no ser humano, entretanto, penso que nem todas as pessoas tem a capacidade de se desenvolver e se tornar um líder com excelência, com empatia. Entre as características que fazem parte da personalidade de um líder a principal delas é a sensibilidade com o próximo. Tudo começa com a capacidade do líder de acreditar que podemos evoluir e fazermos idealizar um projeto que pode ser realizado e principalmente nos resultados que ele vai gerar. Toda pessoa que deseja ser um líder deve ter atitude com base nos anseios coletivos. Precisa ter foco, buscar conhecimento, escutar para então falar, refletir, analisar e antes de qualquer coisa ter comprometimento com os resultados que devem ser exaustivamente trabalhados para o objetivo de realização da melhoria de todos. Não é apenas uma questão de atingir metas e sim, saber realmente qual é a sua missão dentro da sociedade. Por isso o líder precisa conhecer e se apaixonar pela história, ou seja, pelo propósito que ele defende e desse modo, mostrar a todos o quão importante, fundamental e necessário são os resultados de desenvolvimento e sustentabilidade que seu projeto se propõe para que nos encantemos com suas propostas e abracemos a causa como objetivo de vida. O mundo precisa de líderes. Mas esses indivíduos precisam estar em comunhão com os sonhos da maior parte da sociedade tendo o dever de serem honestos, dedicados e conscientes que para as pessoas serem felizes é essencial que absolutamente todos tenham as mesmas oportunidades, direitos, deveres e justiça, tudo sem distinção, predileção ou qualquer forma de autoritarismo. Um grande líder será quase sempre uma unanimidade, embora sempre haverá alguns que discordem como aconteceu com Jesus. Aliás, o melhor exemplo que sempre existirá é sem dúvida o de Cristo.

Antônio de Magalhães

Liberdade, essa palavra

Diogo Tadeu Silveira

Em julho deste ano um homem foi preso no Rio de Janeiro após manter a esposa, uma filha e um filho em cárcere privado durante dezessete anos. Os três estavam machucados, sujos e amarrados com cordas. A mulher, de 40 anos de idade, estava privada da liberdade desde os 23. Os jovens – uma moça de 22 anos e um rapaz de 19 – aparentavam ser crianças, tamanha a desnutrição e desidratação em que se encontravam ao serem resgatados.

Notícias como essa tem vindo à tona com frequência na imprensa, com variados períodos de encarceramento em diferentes lugares do Brasil. Em comum, a privação de um direito fundamental expresso na Declaração Universal proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas: a liberdade, essa palavra que não há ninguém que explique e não há ninguém que não entenda, segundo a poetisa Cecília Meireles no Romanceiro da Inconfidência.

Ao ler notícias como a da mulher e jovens encarcerados em casa no Rio, é inevitável não pensar no odiento período de três séculos e meio durante os quais portugueses e brasileiros usurparam a liberdade de outros seres humanos: em menor parte nativos do continente americano, em grande maioria oriundos do continente africano. Seres humanos que foram sequestrados, encarcerados e escravizados. Cerca de 4,9 milhões de pessoas foram trazidas à força da África e para o Brasil em torno de 37 mil viagens em navios negreiros, de acordo com levantamento realizado pelo escritor Laurentino Gomes, autor da trilogia Escravidão.

Os escravizadores viam com naturalidade a prática do escravagismo, assim como o homem que manteve encarcerados a esposa, a filha e o filho. Ele afirmou aos policiais autores do resgate que não estava cometendo nenhum crime. Acusado de cárcere privado, agressão, maus tratos e tortura, Luiz Antônio Santos Silva, de 49 anos, está preso e deve ser condenado a uma justa pena de privação da liberdade.

Debilitados física e psicologicamente, a mulher e os dois jovens encarcerados receberam atendimento médico preliminar e, aos poucos, vão conhecendo um direito que lhes foi negado durante dezessete anos: a liberdade. Liberdade que milhões de seres humanos escravizados não chegaram a conhecer no Brasil, pois morreram no cárcere. Liberdade, essa palavra que, também conforme os versos de Cecília Meireles, o sonho humano alimenta.

DOMINGO SINCOPADO

Hoje é domingo, e tudo parece tão diferente do ritmo e dos sons dos outros dias. Domingo tem ares de nostalgia e de melancolia para alguns, enquanto para outros cheira a churrascos e a salinidade das praias. Ainda há aqueles que reservam o domingo para ver os pais ou avós. Para estes o domingo tem sabor de macarronada e lasanha. Decididamente domingo é um dia desigual e discordante.

Há uma inquietante lentidão nas horas dominicais onde se subverte a ordem natural das coisas. Porém quando o domingo acaba tudo volta a continuar na mesma. Então por que existem os domingos? Kafka já dizia que os outros dias é que são cruciais para se preparar para a chegada deste dia em que somos lançados no confundir dos nossos hábitos e rotinas. Inimaginável uma semana sem domingo. Domingo é um mal (ou um bem?) necessário.

Certo estava Proust quando afirmou que os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem. Creio que se os calendários pudessem falar diriam estranhar os domingos.

Uma existência humana não é feita de dias, meses ou anos, mas de intervalos entre os domingos. Nossa alma não envelhece. Quem envelhece são os domingos da alma. Há domingos chatos e domingos alegres ou divertidos. Há domingos sonolentos e preguiçosos, e há domingos agitados e buliçosos. Existem aqueles que exalam aromas de livros, enquanto outros emanam olências de cravos. Todo domingo é igual, todavia todo domingo não é igual. Semelhantes são as missas e os jogos de futebol. Domingo não. Domingo é indisciplinado e rebelde. Representa a insurreição do tempo. Devia-se nascer e morrer aos domingos.

Domingo é dia de coçar pentelhos, tomar cervejas, rezar terços e rogar pragas. Domingo é um dia para esconder nosso anonimato e desaparecer.

Os pássaros voam e cantam diferente. O vento sussurra segredos inaudíveis. O sol é mais quente e a chuva mais fria. Até o tédio é mais poético. Não há bocejos que não sejam ruidosos, ou cochilos que não sejam prolongados. A solidão dos domingos é a nossa melhor companhia, inclusive os minutos se tornam indiferentes. Nada se repete nos domingos que se repetem.

As pessoas param mais para conversar. As pessoas param mais para se isolar. Tem os que meditam e os que fogem. Tem os que acordam e os que adormecem. Os homens das segundas, das quintas e dos sábados não são os mesmos das horas dominicais. Até os beijos ficam mais deliciosos.

Devia-se nascer e morrer aos domingos.

DOMINGO SINCOPADO

Hoje é domingo, e tudo parece tão diferente do ritmo e dos sons dos outros dias. Domingo tem ares de nostalgia e de melancolia para alguns, enquanto para outros cheira a churrascos e a salinidade das praias. Ainda há aqueles que reservam o domingo para ver os pais ou avós. Para estes o domingo tem sabor de macarronada e lasanha. Decididamente domingo é um dia desigual e discordante.

Há uma inquietante lentidão nas horas dominicais onde se subverte a ordem natural das coisas. Porém quando o domingo acaba tudo volta a continuar na mesma. Então por que existem os domingos? Kafka já dizia que os outros dias é que são cruciais para se preparar para a chegada deste dia em que somos lançados no confundir dos nossos hábitos e rotinas. Inimaginável uma semana sem domingo. Domingo é um mal (ou um bem?) necessário.

Certo estava Proust quando afirmou que os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem. Creio que se os calendários pudessem falar diriam estranhar os domingos.

Uma existência humana não é feita de dias, meses ou anos, mas de intervalos entre os domingos. Nossa alma não envelhece. Quem envelhece são os domingos da alma. Há domingos chatos e domingos alegres ou divertidos. Há domingos sonolentos e preguiçosos, e há domingos agitados e buliçosos. Existem aqueles que exalam aromas de livros, enquanto outros emanam olências de cravos. Todo domingo é igual, todavia todo domingo não é igual. Semelhantes são as missas e os jogos de futebol. Domingo não. Domingo é indisciplinado e rebelde. Representa a insurreição do tempo. Devia-se nascer e morrer aos domingos.

Domingo é dia de coçar pentelhos, tomar cervejas, rezar terços e rogar pragas. Domingo é um dia para esconder nosso anonimato e desaparecer.

Os pássaros voam e cantam diferente. O vento sussurra segredos inaudíveis. O sol é mais quente e a chuva mais fria. Até o tédio é mais poético. Não há bocejos que não sejam ruidosos, ou cochilos que não sejam prolongados. A solidão dos domingos é a nossa melhor companhia, inclusive os minutos se tornam indiferentes. Nada se repete nos domingos que se repetem.

As pessoas param mais para conversar. As pessoas param mais para se isolar. Tem os que meditam e os que fogem. Tem os que acordam e os que adormecem. Os homens das segundas, das quintas e dos sábados não são os mesmos das horas dominicais. Até os beijos ficam mais deliciosos.

Devia-se nascer e morrer aos domingos.

Joaquim Cesário de Mello
Recife (PE)

Chaves do destino

Muitos dizem que o que nos acontece estava escrito e que não como mudar o destino, mas será mesmo que isso é verdade?

Será mesmo que não podemos mudar nossas atitudes e assim fazer nosso destino diferente?

Ninguém nasce para sofrer, nasce para se desenvolver como pessoa... ser melhor a cada dia...

A missão de todos é aprender com seus próprios erros e descobrir o que realmente importa...

Será que você já conseguiu compreender o que realmente importa?

É o ter ou é o ser?

Com certeza haverá pessoas que ainda acreditam que o ter é o principal, mas que preço o ter irá lhe custar...

Lembre-se que nada vem de graça, tudo vem mediante a trabalho árduo, desenvolvimento e determinação...

De nada vale querer o mundo se o seu mundo é sua família e a deixa de lado...

O destino às vezes é cruel, por tirar de seu convívio pessoas que a ti são seu alicerce, mas a vida é assim... se ela está ali é porque algo ambos devem aprender e se ela sair de sua vida...o que fazer?

Agradecer o tempo que passaram juntos e deixar na mão do tempo... quem sabe daqui um dia...um mês ou até anos...lhes será concedida a oportunidade de suas vidas se entrelaçarem novamente...

Nunca diga nunca... o amanhã a Deus pertence...nós seres humanos apenas podemos desejar com todo nosso coração que aconteça o melhor...

Aquilo que acreditas necessitar... e por concessões se tornou seu merecimento...

Dê um tempo para o tempo...para que ele possa ajeitar as coisas em seu devido lugar... não adianta apressar o processo...

O processo existe e lhe pede paciência... mesmo que a paciência não seja seu forte...

Faça o mantra... Eu sinto muito... Me perdoe...Eu te amo... Sou grato(a)...

Karol Costa

COSMOS, 79... **Jóvenes adolescentes (**Enero 2022)

En aquellos remotos días, transitamos unos cuantos viajes por el norte de España. A dedo, o con una furgoneta en la que colocábamos un colchón, o alquilando un auto…Lo digno era salir de la ciudad. Anochecer en La Concha, bailar en el Bierzo (tocando a Portugal) o comer en la fiesta de los pescadores en un pueblo de Santander. Comprar un libro de Dostoievski en una feria en Laredo, tomar una copa en el medievolo en el Desfiladero de la Hermida, esperando a que nos arreglaran el carro que una piedra había reventado el depósito de la gasolina,

Vivir el camino, clima fresco de libertad.

Andando por un norte cualquiera de un país tan extranjero como el nuestro.

Era un sábado en Barcelona, a finales de los años 70, creo que a punto de cumplir los 19 agostos, sí, entonces sería 1979, casi seguro…

Quería ir a Jamboree y al Karma a beber unos cubatas, escuchar buena música de Jazz, Rock y Blues…Bailar un poco y charlar con los amigos.

Divagaba ocioso Ramblas abajo.

Todavía era temprano y como tenía hambre, resolví entrar en Cosmos a cenar algún plato combinado. El bar Cosmos me recordaba al célebre cuadro de Hopper "Nighthawks" (LOS HALCONES DE LA NOCHE, 1942) Aquí en España se le llamó Noctámbulos, donde sale un restaurante esquinado con cuatro personas. Bien, en el Cosmos ni siquiera había dos.

Me senté en un taburete frente a la barra y pedí, como ya dije, un plato combinado de pollo, lechuga, patatas y algo más que ahora mi estómago no pretende recordar.

Puse unas monedas en la máquina de discos Jukebox, opté por "Rebelión de la mala luna" de Creedence Clearwater Revival (CCR) "Caballos salvajes"de Rolling Stones, Y una voz desgarradora, que en aquel tiempo escuchaba muchas noches, sí, "Tiempo de verano" de Janis Joplin.

En ese preciso instante, entraba una chica veinteañera, de muy atrayente figura. Ella vino hacia mí, echó un vistazo a mi plato y sonriendo me dijo, así muy suavemente, arrastrando las palabras persuasivamente:

- **¿Puedo comer uno de estos a tu lado, no me gusta comer sola... te importa?**
- Claro que no. Para nada, siéntate, no, no te preocupes que me agrada comer en buena compañía...

Entre las notas de la Creedence y la alta estima adquirida por el evento femenino...Llamé al Hombre-Bar y le pedí otro plato para mi compañera...

Hacía poco que Roxi había llegado a la ciudad, coreaba en algunas bandas de Blues y como esto no le aportaba mucho dinero, ocasionalmente iba con algunos tipos de la sexta flota americana.

Recuerdo muy fluida e interesante la conversación que mantuvimos, charlamos de música, de Pink Floyd, los Who y esos grupos cosecha de los 60. Ella era fan de Bowie, Marc Bolan y Lou Reed. Estaba leyendo Fausto de Goethe, y citamos a Baroja,

Nietzsche, Hesse o Dostoievski...Fue una velada estupenda. Bebimos un par de cervezas y liamos un cigarrito de la risa.

Pasaron unas horas y ella me habló de una cita importante en la que debía acudir sin opciones.

- No puedo faltar, si no fuera tan importante para mí, te acompañaba al Jamboree y al Karma...En fin voy al lavabo y pago mi plato.

Se levantó y fue hacia el Hombre-Bar...

Me dio un beso y se despidió.

- A ver si nos vemos pronto, amigo.

Y se marchó (todavía faltaban unos meses a que Perales sacara la canción) Eché más monedas en la máquina de discos y tomé un ron con coca- cola...Después pedí la cuenta.

Me pareció muy caro y se lo comenté al Hombre-Bar.

-Bueno, la chica me ha dicho que pagabas tu los dos combinados, las bebidas y un Marlboro americano.

Vaya, vaya con Roxy, ya había dicho que era una chica inteligente...

Salí a la calle y hacía mucho calor, me dirigí a la plaza Real donde se encontraban mis amigos y los antros musicales.

Me entró la risa por la lección que me había dado. Nunca volví a ver a Roxi y por descontado jamás volví a entrar en el Cosmos...

© **Kim** Bertran Canut

Kim Bertran Canut. (Pont de Suert, Lleida, 1960)

Vive en Barcelona ciudad, cuna del Modernismo.

*En 1993, publica la novela corta: “Imaginación atrapada.”

*En 2002, publica la segunda novela: “El reflejo de los sueños en lunas rotas (Perdido en la eterna oportunidad)”.

*1996 - 2003, funda con otros amigos: La Asociación de difusión Cultural, “Catársis”. Con sede en Barcelona.

Al mismo tiempo se crea: Catársis, revista literaria Iberoamericana (e Internacional)

Colabora en varias revistas literarias.

Proyecta exposiciones de fotografía.

Inscrito en la RED MUNDIAL DE ESCRITORES EN ESPAÑOL: REMES

ALPINISMO SOCIAL E VAMPIRISMO

Ambos são termos ligados ao "*sugar*" a "*essência vital*" de outrem, seja atuando implícita ou explicitamente.

Mas, enquanto no Vampirismo (que pressupõe pessoas não vivas) "*essas entidades ainda não desenvolvidas espiritualmente, prisioneiras dos desejos e caprichos humanos, dos recursos materiais e de seus pensamentos inferiores, são atraídas pela constituição física dos vivos*", no Alpinismo Social são pessoas vivas que se valem dos mais diversos subterfúgios para obterem o que, por si só, não conseguem. São pessoas sem conteúdo, que precisam criar desesperadamente falsos laços com a única intenção de lograrem algum reconhecimento. Na maioria das vezes agem de forma muito discreta, e cada passo é pensado e planejado, com objetivo definido. Passam a viver na sombra daqueles de quem podem retirar o que lhes interessa para adquirirem prestígio e posições que lhes são impossíveis alcançar sozinhas. Aí começa o "vale tudo" para atingirem seus propósitos. E é preciso aprender a reconhecer tais seres, antes do bote final

E o mais importante: No Vampirismo uma condição é necessária para que uma relação se estabeleça, que "*é a existência de uma sintonia entre as mentes que se conjugam, ou seja, a pessoa precisa oferecer abrigo a estes seres em sua própria mente*». Já no Alpinismo Social, é preciso apenas atenção para evitar ser cabide de pessoas rasas, vazias e interesseiras. Pessoas que desejam «*retorno rápido*", que não medem o tamanho da montanha, desde que tenham alguém a sua frente mostrando a melhor trilha a seguir para, depois, dela se apropriarem.

Fiquei pensando o sobre(viver)...

E concluí que isso vale para o ambiente de trabalho, e pode valer para as redes, para a vida.

(*Pensamento nascido após assistir ao filme: "O Sócio" (1996) - com Whoopi Goldberg*)

Fonte de Pesquisa: https://www.infoescola.com/folclore/o-vampirismo-segundo-o-espiritismo/

Marise Castro11/06/2021

O caso do livro

Foi no dia 13 de setembro, tive meu primeiro contato com ela, era linda, ruiva, esbelta, na faixa dos 25 anos, olhos pretos como... como... como preto mesmo. Exalava mansidão, sinceridade, serenidade, sereno mesmo e no sentido literal. Foi por volta das 9 horas domingo que a vi lendo o livro no jardim na praça da cidade, estava fazendo um domingo de sol quando de repente passou alguns minutos, 0h30 na verdade, lembro bem, quando o céu começou a mudar do sol rachando a testa para um tom que não sei ao certo descrever, era coisa de outro mundo, outro lugar, outra cidade. A verdade é que de fato era outra cidade estava ali há três semanas.

Ela não me era estranha, a conhecia muito bem, ela gostava de livros, conhecia como a palma da minha mão até, o que aconteceu foi que passei no sábado pela tarde na rua de Montenegro, no dia 13 de setembro (sempre me encantou a energia de setembro, aquilo só podia ser coisa divina, o clima, a cidade, a ruiva), e ela estava ali na livraria comprando àquele livro. Ora, que me provem o contrário, mas saber o gosto da pessoa é conhecer muito bem. Naquela tarde, recordo, quando estava na rua vi ela, era tão esperta, mas naquele dia estava diferente, sentia que era seu dia, sua intuição nunca a deixara na mão, alguma coisa dizia que era seu dia de ganhar, não sabia ao certo o que ganhar, o mundo talvez...

Após a compra do livro, ao sair da livraria não notou que seus mecanismos de percepção não estavam percebendo muito bem, “estranho” - ela pensou, não se preocupou, achou que o excesso de alegria entorpecera seus sentidos, e então percebeu a porta de vidro fechada, mas foi a gota d›água!

Minutos antes ela estava feliz, comprou seu livro queria ir embora para começar a leitura, os seus olhos brilhavam de alegria, estava era envolvida pelo maior sentimento que a vida poderia proporcionar àquela jovem, a gratidão..., nada poderia tirar a alegria naquele momento - ela pensou eufórica, na verdade, ninguém. Foi quando de repente prestes a ultrapassar a porta para dar continuidade ao seu sonhado sonho, foi surpreendida pela violência da vida e foi impedida, porém, com violento movimento ocasionado pelo choque envolvendo sua cabeça e a porta de vidro. Foi um baita de um estrondo, nesse momento eu fui embora, fiquei indignado, sua felicidade desaparecera a medida que sua percepção ia percebendo o que estava acontecendo, alguém com aquela felicidade genuína não poderia deixar que coisas mundanas, a porta de vidro na sua cara, mesmo que quase precisando de uma reconstrução facial feita por especialistas, pudesse tirar sua felicidade.

Não só eu fiquei indignado, ela também não ficou nem um pouco feliz, estava horrorizada nem ao menos conseguiu chorar, a cara estava inchada, o nariz muito torto sangrando, a ferida na testa estava exposta, ela percebeu que os funcionários perceberam sua colisão e até ficaram muito preocupados, fora do normal

até... - será que foi tão grave assim – ela cogitou, e recebeu muita força e ajuda. Logo após o estrondo verificaram muito preocupados se havia se quebrado, ou feito algum dano maior ou que colocasse em risco seus movimentos e funcionamento. A porta era nova, nem 10 anos tinha ali, tinha 9 anos e 11 meses, verificaram e... Uffa! Não quebrou nada, está em perfeito estado.

Ficaram felizes e logo mais trouxeram lenços, álcool foram tantas ligações para o serviço de atendimento médico de urgência, mas a moça não conseguiu lidar com a situação ela não estava preparada para tamanha crueldade do mundo. O SAMU chegou... os bombeiros preparados perceberam que ela tinha levado uma pancada no rosto, a enfermeira ao visualizar a situação, a crítica situação percebeu o nariz desorientado ainda sangrando, o beiço havia brutalmente quebrado, a testa estava bem, não sangrava mais, se encontrava apenas a ferida exposta.

O bombeiro como já comentei, bem preparado perguntou na sua pura inocência querendo saber e sanar para os colegas e a si próprio as dúvidas restantes para então prosseguir com atendimento, com os comandos, àqueles aprendidos tão bem no curso de bombeiro civil, aquele era seu orgulho, lembrou de tudo, toda teoria, todas as etapas, para iniciar; feliz, perguntou à moça bem triste no chão - você levou uma pancada? A sua cara está inchada.

Ele queria mostrar que apesar de sua pouca idade e pouca experiência estava preparado para a brutalidade e violência do mundo, que tinha expertise no assunto, queria se afirmar perante os outros bombeiros. A cara inchada, quer dizer, a moça da cara inchada (a cara tava inchada mesmo, o nariz desnorteado, a ferida na testa estava aberta) não percebeu que o bombeiro perguntou a ela, ele ficou envergonhado, aquele era seu momento, aconteceu que não conseguiu alcançar o objetivo de se validar como tal.

Chegando à UPA ainda decepcionada com a situação pensou: “como uma coisa simples dessas poderia tirar minha felicidade?, eu que tão feliz estava. Querendo apenas o deleite de comprar e ler um livro, fui violentada e desorientada, por algo que não me disse nada, a porta! E novamente, inquieta, triste, agoniada pelo sentimento tristonho consequência de uma batida de uma cara e uma porta, poderia quebrar meu nariz, meus lábios e rasgar minha testa, nunca pensei que apenas isto tiraria a minha felicidade, ela quase morreu de vergonha, revolta, ideais que brotaram no coração da ruiva, mas ainda era sereno, mas àquilo ia passar logo.

E a ruiva triste, caindo na real pensou: « quebrei a cara». Realmente ela quebrou a cara, estava ainda com o nariz banhado em sangue, desorientado, sem poder falar, pois os lábios inchados não poderiam se mover prometendo a dor castiga-los, não só os lábios apenas uma orelha estava bem, estava somente inchada e a ferida na testa.

De repente como se um anjo tivesse pousado ao seu lado, na ausência do médico brotou-lhe no coração da “cara inchada” que poderia ser grave a situação e no fundo poderia ter razão por estar triste, poderia ser caso de cirurgia e quem sabe ao menos pudesse continuar a viver, no fundo poderia ter razão por estar triste. Ficou pensativa, convicta agora que foi grave, que sua existência estava comprometida pela porta, possuía motivos louváveis por estar triste, por ter ficado triste no momento em que duvidou da maldade do mundo. E foi então que a medida que pensava na possibilidade de uma cirurgia a sua alegria se intensificava ainda mais (doía muito, parecia até que tinha entrado em colisão com uma porta numa livraria ao comprar um livro).

O médico feliz após examinar, declarou: “seu nariz vai ficar bom após três semanas, seus lábios vão curar e a ferida na testa também; o médico pensou: “milagre», pois não será preciso cirurgia alguma, a ferida na testa não foi muito profunda precisa apenas de cinco pontos, pomadas e curativos. A ruiva desmaiou!

Régis Sousa

Raposa - Maranhão

Ad aeternum

A revolução específica do humanado pode ser pensado dentro do trem que passou, na arrogância das verdades vividas, do lado avesso da religiosidade altruísta, da vaidade imodesta, presumida na falta de frugalidade que está sempre fora de serviço. Os grandes notáveis buscam não a liderança mas a filosofia do bem querer, da harmonização do próximo, o ensinar aos soberbos o valor da vida. A constelação caritativa tem o dever e o prazer de se envolver, de fazer parte de uma linguagem acessível a todos, de forma clara, não os tornando ignorante, mas capazes de evolucionar a todo um sistema que não se importa com o benevolente, nem com o orbe na sua pequenez dormida no imenso azul dos mares sem fim, mas com a vileza gloriosa da sensação de dever cumprido, mesmo esquecido pelo caminho, onde a alma brilhante do ser supremo em sua soberania celestial reluz ad aeternum.

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra)

Antonio de Souza Filho

Advogado

A força do carinho

Dizem que três forças dominam o mundo: a força do Poder, a do Dinheiro e a força do Amor. Não duvido. Mas prefiro pensar que a força do amor é a que prevalece sobre todas, e juntamente com ela a sua melhor coadjuvante "o carinho". Digo isso por mim, pelo tanto que já vi e vivi. Historicamente podemos até provar isso. Muitos poderosos e endinheirados se renderam aos encantos provindos do Amor. Só p'ra citar alguns rapidamente, Menelau "o maior dos espartanos", Alexandre "o grande", e o nosso Virgulino Ferreira "o lampião", segundo a canção da Amelinha, quedaram-se aos encantos de Helena, Roxana e Maria bonita, respectivamente. Agora, imaginem, o tanto de carinho que estava envolvido ali, hein!? Consegue? Pois é.

Mas deixa eu contar minha historinha e porque digo isso. – (Estamos entre amigos, não é mesmo?). Eu cresci assim, vendo isso se espalhar; eu adorava minha avó, como ela me tratava e muito mais como ela era com meu avô e ele com ela, e eles transmitiam isso p'ra gente: minha mãe, eu e meus irmãos. – Eu absorvi tudo, talvez por ser o que mais prestava atenção nas coisas, aquilo me encantava. Ela o chamava de meu bem, meu amor, meu velho e raras vezes pelo nome, sempre regado com enorme carinho. Lembro-me bem, na hora da cesta, (após o almoço) ele deitava-se numa rede e ela na cama, ela o embalava como se fosse criança e por vezes também cantava, ele dormia, ela o beijava e então também dormia. Eu ficava na cama com ela e a tudo assistia. Penso que naquele instante não alcançava o quanto de beleza havia ali, naqueles momentos de carinho. Mas antes que você pense que Ele era folgado, eu lhe digo: ***Ele fazia todos os gostos dela****. (rsrsr). Era um português super amável.*

Pois bem, mais adiante já na fase de adolescente e também sem o meu avô, fomos morar num bairro, onde na rua havia uns casais que eu adorava, eles gostavam de mim e eu deles, seus filhos até hoje são meus amigos, eu ficava pensando: - quando eu encontrar uma garota e me casar quero que seja assim... - a vida continuou, fui trabalhar numa loja, e ali o meu patrão era muito amado por sua esposa, ele também a amava muito, não faziam nada sem que estivessem de acordo, as pessoas até riam disso, eu os observava, eles eram meus amigos.

Depois fui servir o exército, ali havia de tudo e vi muitos desamores entre praças e oficiais, na vida nem tudo são flores. Mas me surpreendi muito, quando fui pela primeira vez na casa do comandante, eu era o estafeta e aos sábados e domingos levava p'ra ele os jornais. Pasmei quando o vi lidar com sua esposa, jamais imaginei que aquele homem rígido, poderoso, as vezes grosso no quartel, fosse daquele jeito, tão amável com a mulher e seus filhos. Segui com a minha vida e percebi que todas pessoas bem-sucedidas em suas profissões, eram bem-queridas em casa, ou seja, ***havia uma mulher extraordinária*** *por trás deles.*

Não estou com isso, querendo vender uma imagem... também tenho meus tropeços iguais a tantos outros, mas penso que se torna mais fácil quando temos plena consciência das coisas e compreendemos que é na família que está o alicerce de toda uma vida, uma história, e sem dúvida alguma a riqueza de uma nação. Também penso que ***ser carinhoso com todas as pessoas não diminui poder de ninguém, muito menos dinheiro. Ao contrário, potencializa tudo isso, com uma enorme qualidade.***

Abraços de carinho p'ra você.

.....

Antônio Souza

(Ensaios/Historinha)

https://youtu.be/6mkyweLbExI

www.antoniosouzaescritor.com

Fábulas

O MACACO E A FORMIGA

Um macaco, muito alegre e sempre criativo, estava cansado de ver, a toda hora, a dona Formiga trabalhando sem parar.

Todos os dias, a formiga se juntava às irmãs e saíam juntas em busca de alimentos, que transportavam nas costas e estocavam.

O macaco, não suportando ver aquilo diariamente, pulava forte nos galhos das árvores, para que esses se quebrassem e caíssem em cima da colheita tão bem guardada pelas formigas.

E, assim, acontecia: a formiga guardava, e o macaco destruía.

Certa vez, porém, o macaco, pulando alegremente, caiu de um dos galhos e quebrou os seus dois braços, ficando impossibilitado de procurar sua própria comida. Não perdeu tempo. Procurou a dona Formiga e lhe pediu um pouco de alimento.

A dona Formiga, compadecida do senhor Macaco, respondeu:

- Eu guardava alimentos para situações como essas, mas você, não suportando nos ver trabalhar, destruiu com alegria tudo o que tínhamos para viver. Agora, eu sinto muito, nós conseguimos de novo o que comer, mas não temos estoque suficiente para ajudar você.

Moral: quem mal a outro faz um dia perde a sua paz.

Nara Minervino

Poemas

ESCRITORA ADRIANA RIBEIRO

Adriana Santos Ribeiro Santana, Escritora, Poeta, Compositora e Artista plástica é natural de Estância e residente em Arauá/SE. Graduada em Pedagogia e História pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade São Luís de França. Mestranda em Educação Superior - FUNIBER. Professora pedagoga efetiva do Estado e professora de história do Município de Santa Luzia do Itanhy/SE desde 2002. - Membra do Recanto das Letras; Membra Vitalícia da Academia Independente de Letras AIL/2020; - Membra Fundadora da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo - AILAP/2021 com Cadeira 02 e Patronesse Escritora Ilma Fontes; - Membra Vitalícia Internacional da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – FEBACLA/2021; - Dr. H. C. em Literatura e História - FEBACLA-2021 - Defensora Perpétua do Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro - FEBACLA-2021/- Autora dos livros **Coração poético, Volume 1 e 2 -** Editora Versejar. Co-Organizadora das Coletâneas poéticas Taverna poética – Tributo a Álvares de Azevedo 2021- Editora Versejar e Cartografias do coração 2022 - Biblio Editora; Organizadora da Coletânea Histórico-literária O município de Arauá/SE: diferentes olhares -2022 – Editorial Casa de Bonecas - ECB/PE e coautora de mais de 60 Antologias de diversos gêneros literários e autora participante de três Revistas Literárias interativas online: Revista The Bard, Revista Barbante e Revista Danda. Cadastrada no Mapa Cultural de Sergipe. Com canais de publicações online Instagram: @adri.poesias, Facebook: Adri Ribeiro e Recanto das Letras: Adriribeiro

Elegia do adeus

Meu coração, ainda que queira, adeus não diz...
Meu coração não diz adeus porque não sabe.
E faz de tudo para que o amor nunca se acabe
Entende que o adeus fará a sua alma infeliz.

Meu coração, ainda que queira, adeus não diz...
Ele não diz porque o adeus não compreende...
Sabe que quando a mágoa passa se arrepende
E se pergunta, no final, o que é que eu fiz?

Meu coração, ainda que queira, adeus não diz...
Não diz adeus porque do amor nunca se cansa...
E ainda que sofra nunca perde a esperança,

Pois da arte de amar sempre será um aprendiz...

Meu coração, ainda que queira, adeus não diz...
Não diz adeus porque essa ideia não aceita...
Ainda que a vida seja incompleta e imperfeita,
Nunca abandona nem esquece a sua raiz.

Meu coração, ainda que queira, adeus não diz...
Ele não diz o triste adeus, pois não consegue,
Deixa que o tempo dessa tarefa se encarregue,
Enquanto batalha para viver e ser feliz!

Adriribeiro/@adri.poesias

O Cognome da Fome

“- Você é o que você come”.
Afirma alguém de renome.
“- Então não sou ninguém.”
Conclui quem nada tem.

O dinheiro do desvalido some,
Vai parar nas mãos de outrem.
Os necessitados passam fome,
Para que os opulentos folguem.

Ainda por cima há quem tome,
O pouquíssimo que os mantém.
Mal que a todo o país assome
E ainda há quem diga amém.

A desesperança consome,
Quem não detém vintém,
Mas que possui um nome
E nasceu para ser alguém.

Aline Bischoff

SONETO DA DESPEDIDA

Adeus! Tenho que ir.

Fecha os teus olhos.

- Fechaste-os?

Oh!... Sinta a minha respiração ofegante na tua nuca.

Sinta os meus lábios percorrendo todo o teu corpo.

Sinta-os roçando os teus ouvidos, pescoço e seios.

Sinta minha língua procurando, ávida, teus lábios,

Teu ventre, tuas entranhas!

Sinta minha áspera barba arranhando-te as coxas...

- Ah!.. Está tão gostoso, não?

Oh!... É o êxtase total.

São os nossos corpos que se fundem

Em um só bloco monolítico:

Estátua impoluta do amor.

Tu és eu...

Eu sou tu!

- Quem somos?

Ninguém e, ao mesmo tempo – tudo.

- O mundo?

Ah!... Que importa o mundo!

Meu mundo és tu.

Teu mundo? -Eu!

O universo?

- Nós!

*****

Altamiro da Cruz

Da lagarta à borboleta

Angela Ferreira

como um ser rastejante
sigo em sua trilha
ao acreditar que a paixão
permanece como no início

me deparo com a realidade
aquela que comumente
presenciamos... inércia

o casulo se fecha
a escuridão toma conta
daquele ambiente sufocante
aparentemente sem saída

não sei como escapar
por onde começar
pacientemente, aguardo

um feixe de luz
atravessa o emaranhado
de repente, a claridade me desperta
o medo do novo se desintegra

rompo os nós
crio asas longas, coloridas
pouso em novos jardins

alço voos mais altos
distantes daquele rastro
que ficou na história

PROJÉTEIS

Angela Ferreira

Doce fase pueril
Mãos distribuem balas
Perdidas, vidas encontram

OLHOS D'ÁGUA

Angela Ferreira

Vertem significados
Energia corrente
Singram paixões

Escritora e poeta, autora do livro Aflorar Poetrix (Scortecci/2022) participou de diversas antologias e coletâneas, membro de cinco academias e da confraria literária Ciranda Poetrix, publicações em revistas, blogs, redes sociais, participou de contação de histórias infantis na Rádio Heliópolis e Zummm 87,5 FM pela APEOESP. Instagram: @angela.ferreira3

*O poema **Da lagarta à borboleta** faz parte da **Antologia Almas Cativas** – **Biblio Editora / 2021.**

LEGADO

Deixo no tempo um legado
de louvor à poesia,
trazendo no peito, incrustada,
a esperança de um dia
ver brilhar em cada olhar
na ternura de um sorriso:
a paz de uma sinfonia
e um poema a cada dia!

A suavidade de um poema
está sempre à espreita
sob diversos aspectos:
nas pétalas debruçadas nas relvas...,
na brisa divagante
ao pôr-do-sol sobre o mar...,
no esplendor lunar que adoça a alma!

Postergar a poesia
é ver o mundo à meia luz.
É buscar apenas víveres
na obscura existência,
e resumir a sua história
com súplices hiatos tristes.

Antenor Rosalino

FLORESCIMENTO:

- Por que choras, digna dama-donzela, se recebestes de juras uma linda-fina flor?

A despeito o presente, presente atenta em módico pranto, responde franca c›um pouco de drama ao tanto:

- não me dói o fato-afago da flor em regalo.

- Dói-me o ensejo, pelo que fácil foi, mesmo em fidúcias, que a fina flor é de plástico, embora não sendo falsa em seu florido artifício.

- E não digo em falácias. Me destoa o fascínio. Sei que p›rece frívola-fúnebre a conclusão:

- Mas jamais sentirei seu perfume.

- Jamais poderei regá-la. Mui menos lhe contar meus segredos.

- Jamais morrerá a flor-de-presente pra outra semente ao futuro então florescer...

(e ao fim do dia primaveril - decorrente do tema da flor - eis a questão: haverá ao feito d›amor, continuidade da vida?)

Antonio Jadel de Brito Mendes
OAB/SP 120.278 - CRA/SP 76.180
ajadel@uol.com.br / ajadel@aasp.org.br
cel.(11) 99520.1391 / **AJ - ADVOCACIA** - www.ajadel.com.br

A mais linda flor

Das flores que te enviei, em cada pétala havia um pedaço de mim, nelas estava contido o instante do amor que por ti eu sentia.

As flores que te enviei, todas elas eu mesmo as plantei, as cultivei e as vi crescer, reguei cada espaço do meu jardim para colhê-las e somente a ti ofertá-las.

Sentia que quanto mais me dedicava, mais bonitas elas ficavam.

Das flores que ao longo da vida eu ti enviei, sempre exalava o perfume teu, e comigo ficava, naquelas horas eu sabia o quanto eu te amava.

Das flores que plantei no meu jardim, somente
hoje brotou a mais linda de todas e eu não posso
enviá-la a ti, ela se nega a deixar-me sozinho,
pois é a tua lembrança que nunca saiu de mim.

.....

Antônio Souza

(Poesias)

https://youtu.be/FRRbQQAcsHU

When I Need You – Rod Stewart

www.antoniosouzaescritor.com

Ariane de Medeiros Pereira gosta de tecer palavras, pensar no impensável e traduzir em escrita. Alguns diz poética, prefiro pensar em reflexos.

A inesperada passagem

Ariane de Medeiros Pereira

Entre encontros e despedidas

A despedida saiu vencedora

Cantando de alegria

Sobre aquela pétala decaída

Viver não era o mesmo que existir

A bela flor esqueceu de sua essência

Morgou e passou a existir

Não lembrava que tinha que colorir

Para florir e continuar a vida

Já era tarde demais,

Para ela que que estava cansada em desatino,

Para se reconstruir, então resolveu partir.

A passagem foi dolorida

Mas, a recompensa veio

Quando encontrou um novo ser

A lua encantada, tocou sua alma.

O tempo das alegrias

Ariane de Medeiros Pereira

O dia tinha sua própria magia
De renascer a cada novo sol a brilhar
De tanto que se refazia,
Acabou esquecendo como descansar

Seu corpo inocente e irradiado pela luz intensa
Começou a esmorecer, parecia doente
A luz já não era a mesma da antiguidade
E seu olhar estava morto e distante

Acordava em tons cinzas de melancolia
O que não se sabia era que ele estava cansado de esperar
A sua bela lua que estava a se esconder antes dele brotar
De tanta espera em desalento, ele não se reconstituía

O tempo agora era seu mau conselheiro
Não suportava ter que acordar e não encontrar quem deseja
O velho cronos se divertia com a agonia celeste
E um belo dia lá estava a lua esbanjando alegria!

E o vale

Vale transporte
Vale refeição
Vale Night

Vale do Piancó
Vale das Espinharas
Vale do Sabugi
Vale do Seridó
Vale dos Dinossauros.

Vale da Sombra da Morte
Vale do Nilo
Vale de Lágrimas

Todo Vale vale
Só não vale
O Vale nada.

Arlene Lima dos Santos

SENTIMENTO

O sentimento de solidão
é real.
Quase nada mais existe
além do pulsar,
de uma vida a vibrar.
De repente, uma lembrança.
Uma dor. Com quem falar?
Na vida é preciso dividir?
Sim. Lágrimas, conquistas,
Lembranças que confundem
ou que estimulam a crescer.
É preciso ser forte.
Buscar nas entranhas
a vontade de superar, vencer,
conquistar um lugar único:
o seu.

Assma Gabriela

* Membro da AFCLAS : Academia Feminina de Ciências, Letras e Artes de Santos. Cadeira 25

* Membro Imortal da AMCL : Academia Mundial de Cultura e Literatura. Cadeira 93.

PLANETA TERRA

Entre os fatos
e fotos da terra,
que encerra a guerra,
a dor e o terror,
clamor dos viventes
por entes queridos,
perdidos, caídos,
inertes pra sempre...

Entre a face e a faceta,
falseta dos homens,
que comem, que bebem,
que sorvem a desgraça
e a massa humana
profana, carrega
a ânsia da paz
num sonho que abraça.

Entre o bem e o mal,
a miséria e a riqueza,
tem gente que oprime
e gente oprimida,
pessoas famosas
e as esquecidas
misturam-se o horror
e a luz da beleza.

Assim segue o mundo
do sonho e da lida,
entre lutas e lutos
é a história da vida.
Gira o nosso planeta
entre o sul e o norte
contendo em si
a vida e a morte.

BRYZZA

O Rio São Francisco

Cassia Caryne

Rio! Mineiro atrevido!

Ao nascer, salta numa cachoeira

Construída com os dedos de Deus

Na Serra da Canastra, bem no coração de Minas!

Faz amizade com os rios: Corrente, das Velhas, Jequitaí, Pajeú e Paracatu.

Ganha força e vida por onde passa...

Engoliu, de verdade, e na canção de Sá e Guarabyra:

"Remanso, Casa Nova, Sento-Sé, Pilão Arcado,

Sobradinho, adeus, adeus!"

Varreu com suas águas a história de um povo.

E vai fluindo, serpenteando cerrado e caatinga.

O mato lhe enfeita as margens

De buriti, ipê, sucupira e pequi.

De mandacaru, xique-xique, jurema e umbu.

E a bicharada do lugar,

Da água, da terra e do ar, Chama o rio de "meu lar".

Rio que irmana gente

De Minas, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

É rio grande, portentoso!

Rio que mistura alimento, energia e cultura!

Na secura do sertão,

É oásis!

Seu nome é bendito

No nome do Santo de Assis!

DEDICO À ESCOLA ESTADUAL DR. ARNALDO DE FARIA TAVARES, LAGOA DA PRATA

Paragem Dormitório

Do autocarro é uma paragem
Do sem-abrigo um dormitório,
Esta a triste imagem
De quem por ali faz passagem
No seu percurso obrigatório!

Faz o poema a abordagem
A um cenário nada abonatório,
Do pobre a estalagem
Onde faz o sua hospedagem,
Eis o retrato confirmatório!

Do observador a amostragem
Não sendo um relatório,
Tão pouco uma miragem
É a tristeza de uma paisagem,
De uma paragem dormitório!

Casmil, 23.09.2022

@@@

BARBANTE

(B)oa leitura,

(A)miga, amigo!

(R)enovem-se nos versos,

(B)anqueteiem-se nos conteúdos.

(A)s mais belas poesias estão

(N)as páginas da nossa revista

(T)ão esperada a cada edição

(E) sempre a encantar o nosso coração.

@@@

Chico Legal

DEPOIS DO ESTRONDO

Sobre meus olhos inchados não se assuste
São as noites frias na companhia do corvo
Que me ensina como ser anjo neste inferno.

Com os lábios sangrando não se desespere
São serpentes que engoli para me fortalecer
Em banquetes letais por florestas sombrias.

Sinta minha mão trêmula apetando a tua
Não se acanhe se eu te perguntar sobre amor
Eu te encontrei em viagens para além da lua.

Sobre meus passos trôpegos eu apenas quero
Que você venha comigo pela trilha íngreme
E se deite ao meu lado sobre a relva urticante.

Sobre meu verso sem rima sinta uma canção
Sussurrando em teus ouvidos a lamentação
Que eu faço ao vento depois de cada manhã.

Seja comigo o casal que vencerá o apocalipse
Nunca duvide daquilo que teu olhar não vê
Seremos ainda hoje a parte escura do eclipse.

Paz e guerra são coisas do mundo redondo
Nada sobrará da Terra depois do estrondo
A não ser nós dois caminhando pelo infinito.

Cláudio Antonio Mendes
Mutum-MG

PARA REESCREVER O BRASIL.

Para reescrever
o Brasil, não basta
uma boa ideia,
é preciso a união
dos passos nas ruas,
das mãos num cordial
entrelaçamento,
dos olhos mirando
um mesmo ponto,
é preciso deixar
o comodismo em casa,
é preciso adiar
o inadiável,
é preciso olhar para os
filhos e dizê-los,
estou indo salvar
nossa pátria,
ela é nossa, somos
nos que devemos
apontar seu destino.

Divino Ângelo

MOTIVO

Não há motivo para sorrisos...
para além da porteira.

Cada assunto espalhado ao vento...
aguça os sentimentos.

O discurso sorri...
dissociado da verdade.

Não cuidar da Educação...
distribui resultados cegos.

É como se a Vida seguisse...
dentro da redoma do pesadelo.

O sono está pesado...
a cidade dorme.

Somente os pássaros cantam...
e o trem toca o sino de alerta.

O barulho do silêncio...
segue vitorioso!

Elza Francisco

ELZA GHETTI ZERBATTO

Escritora, poetisa, formada professora de educação infantil. Terapeuta Reiki Master 3B Método Usui.

Participa de várias antologias nacionais e internacionais.

Acadêmica Correspondente das seguintes Academias:

Niteroiense de Letras, Goiás Velho e Fortaleza. Ganhadora de diversos prêmios nacionais e um internacional.

Participa da Revista Barbante desde 2021 com seus textos autorais.

VOCÊ É A FLOR MAIS IMPORTANTE

Dentro do jardim de sua vida,
você é a flor mais importante.
Valorize sua força e cor.

Nem melhor, nem pior que ninguém,
mas que também tem sua função.

Não interessa se as outras flores,
não saibam ou menosprezem.

Você nasceu para florir,
e faz a diferença sim!

Permita-se ser esta flor em plenitude!

Elza Ghetti Zerbatto

Infinitos

Foram-se os infinitos...
Vivendo sonhos
e criando versos,
versando sem versar.

Mãos vazias e
pés descalços,
conduzem ao destino
em que me encontro.

São tantos infinitos
que insisto, suplico:
não quero mais versar.

E, sem medo espero...
o caminho por entre
passagens de um abstrato
violeta qualquer.

Um infinito por vez,
para não viver
nos braços de um destino
Onipresente.

Fábio Aiolfi

Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano , atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza.

RELEMBRANÇAS

Fátima N. leite

Tempo,

Que marca os passos,

De cada caminho, como um compasso.

Sempre

Deixando suas marcas,

Indelevelmente a cada dia que passa.

Nunca

Podemos segura - lo entre as mãos.

Ele sempre escapa, arranhando nosso coração.

Marca,
Profundamente, quanto mais lembramos.
Mais fragmenta nossa alma, se para trás olhamos.

Caminhos,
Que sempre prosseguem com lembranças,
E que as décadas reavivam com relembranças.

Vidas
Seguem procurando curar feridas.
Levando no peito, pessoas queridas...
Almas,
Que lutam para se levantar,
E em meio a tantas, vivem a lutar.

Vai, senhor tempo!
Faz o seu trabalho, sem titubear.
Nós aqui estaremos, de cabeça erguida, a labutar.

AOS ENTES QUERIDOS

Fátima N. leite

Fica em nós,
Plantada como uma semente.
Um pedacinho de vós,
Para sempre...

O que outrora foi vivido,
E no coração não coube,
Por tanto amor sentido,
Transbordou, só depois soube.

Pela saudade percebemos,
A imensidão dos sentimentos.
A cada pessoa que perdemos,
Sua imagem fica em nossos pensamentos.

Tristes transcorrer de tempos,
Nessa dolorosa esfera...
Onde, através de sonhos e acalentos,
Acalmamos a dolorosa espera...

Doce carícia onírica,
Que vem aliviar a saudade.
Dado o impossível abraço físico,
O sonho vem substituir a realidade.

Esperado encontro ultradimensional.
Para muitos, mais que almejado.
Outros pensam que é surreal,
Todavia, por uma grande mão, tudo foi planejado.
E será pleno.
Afinal.

Começar de novo: juntos somos fortes

Graça Venâncio

De repente olhei para os relógios, calendários, fui me atrapalhando algumas vezes.

Algumas vezes respondi rápido a pessoas e demorei a responder a outras vezes, ou achei melhor o silêncio.

Reaprendi com outras pessoas, outras gentes outras culturas e outros povos.

Escutei os pássaros cantar, cachorros latir e me identifiquei com os animais que sofrem.

Aprendi que o exemplo engrandece a alma e que o escritor tinha razão só se ver bem com o coração

Com outra escritora que na primavera pode-se deixar cortar, mas voltar sempre inteira.

Separei presentes e cartões.

Aprendi em confiar desconfiando

Nada de admitir líderes que não tem responsabilidade com a vida

Apenas quer muitas idas a hospitais e cemitérios.

Nada oferece para os que querem aprender

Sei que más energias conduzem péssimas energias

Aprendi que para alguns sou difícil

Então evitar para que não se lembre das inúmeras vezes que fui fácil

Que tem gente que gosta de restos

Rezei por tantos outros.

Minha mãe tinha razão não acredite em quem é falsa.

Rezei para Nossa Senhora com tantos nomes, mas sempre será Maria no meu coração e minha mente.

Maria das Graças de Menezes Venâncio

Crônicas e poesias publicadas nos livros: “Tanto Canto em versos, artes e prosas”, “A mulher em estações” e “Bendita a mulher e sua literatura – Coletânea”, “Mulheres dos Rios” (org. Flauzineide Moura) e. publicações da Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguares – ALAMP e “Até quando o Carnaval chegar”, Editora Persona. Curitiba, Paraná, 2021. Outras crônicas publicadas na imprensa de Natal Rio Grande do Norte onde nasceu e mora. Pintora de aquarelas e artesã de colares e peças de tricô.

MARAVILHADO

Vejo o sol de um incandescente dourado
Reinar no céu de um celeste azulado
E velejar nos ares nuvens como espumas.
O céu noturno de brilhantes é pontilhado
E o luar é de um color ouro prateado;
Cai do céu um véu tal um manto de brumas.
Resplendor que vem do elevado etéreo
Num misto de sabedoria infinda e mistério
E que perdura por toda a eternidade.
Luzes do cosmos à terra são refletidas
À natureza, mãe de todas as vidas,
Vem de um poder supremo de infinidade.
Maravilhado fico ao ver tanta harmonia e beleza,
O soprar dos ventos, os astros e toda a natureza,
As montanhas, serras, vales e o verde das matas.
O azul dos mares e verde dos mares bravios,
O alvar das dunas, geleiras, o desaguar dos rios,
O relampejar, trovoar, o «canto» terno das cascatas.
Qual dia e noite não é acaso o ocaso e a aurora,
O arco- Iris, a fauna diversa e diversa flora,
A procela e a brisa são obras da criação.
O misturar das cores nas flores em diversidade;
A vida na terra e marinha em imensidade,
É desde o princípio completude, a perfeição.
Meus pensamentos vão ao alto até o além,
Respostas para as perguntas é de onde vem
Que tudo é fruto das mãos divinas do Criador,

Pois, tudo pode, pois, é a Supra Onipotência,

E tudo sabe, pois, é a Supra Onisciência,

É a Supra Onipresença do mais infinito Esplendor!

GSFreire

Centelha de vida...

Em uma espiral ascendente
sigo o fluxo da felicidade
sem fugir da realidade
vivo a eternidade dos instantes
no caminho sigo o sol
sinto sua luz
a cada passo um novo brilho
mais uma oportunidade de ser luz
energia consciente
dissipada pelo trajeto

Ingrid Mohr

O ZÉ DAS QUEBRADAS

Encantos mesmo são poucos
Só reflexos de uma paixão doentia,
Quebrando um coração de pedra
De um jeito que nada resolvia.

Ah! Outrora, as alegrias juvenis
A ideia então era viver sozinho.
Mas, diacho, ai apareceu umazinha,
E mudado lá está ele, Caidinho.

É segredo. Ninguém desola o gigante,
que baboseiras, essas coisas do coração,
Até então, até então... porque, eis que,
Derretido mergulhou de vez na paixão.

E muda ainda a indumentária dos panos
Ajeita com um “cometa” uns perfumes,
Desfila com uma bota de caubói americano
Que brilhava mais que luz de vagalume.

À turma dos drinks afastou de uma vezada,
Parou com as mexidas e idas lá na venda,
Era um tipo de sérios fins matrimoniais.
Pediu aos amigos que a isso compreenda.

Assim quedou, casou, mudou, não voltou,
Mergulhou no mar de paixão de verdade,
Feito homem sério, agora da vaidade apeou

É prisioneiro de um amor e uma saudade.

Nas bocas do outros virou mais um frouxo.
não truca e muito menos dá as cartadas,

Bah!Fez como qualquer por ali sempre fará.
casou? findou de vez com todas patuscadas.

Escrito por **João Cláudio**

Cuidado, é ai que esta Jesus!

Sabemos muito bem
Onde está Jesus
Vamos seguindo Ele
É Ele que nos conduz

Ele está no pequeno
Que vive sofrendo
Opressão do maior
Ele está a favor
Daqueles que lutam
Por mundo melhor

Ele está na criança
Que vive chorando
Por falta de pão
Ele está no caboclo
Que vive perdendo
O seu barracão

Autor: **Joaquim dos Santos Marques**
Urucará/Amazonas

Arguta Manhã

Arguta manhã,
de gestos leves,
sem plantonistas,
sem réguas de medir.

Arguta manhã que me
chameia de entrelaços,
com os nobres de
castelos falidos.

Sei que daqui não passo mais,
não com o rimo, nem o desvelo,
sou balanceado e desvendado;
sou troco de duas moedas
e dono de sinceras celas
avulsas.

Procuro dentro de mim
as poucas respostas
que deviam resplandecer
no lago azul,
com margens corridas
e cerradas folhagens.

Sei que já estive aqui
por uma vez.
e por não saber contar

o tempo,
digo agora, ou depois,
mas certamente,
me alvorecei
de palha,
de cetim com brocados
e pedras.

E fali no estalido
do copo de cristal.

Se foi agora
foi por muito tempo,
se foi longe, também
foi um tempo tão
longo,
que dá até pra atravessar
o céu em cem anos.

Mas, não me perco no ardor
de pensamento.

Sou homem de falhar.

Não tenho mais aquela festa
de flores;
sou dobradiças do tempo,
e com as mãos inquietas, rebuliço o ar
atônito, e agora sem nenhuma divindade.

E por isso,

minha canção termina aqui:

eu, sozinho, no meu sótão

de duas vidas,

ou eu sozinho junto a minha

hora que entreguei

à vida,

cheia de bondades.

José Kappel

Ticiana

Queria desenhar seu rosto

numa pedra amorfa e estilizada
para quando se for,
não fique só sua sombra,
mas o vivaz de coisa linda,
num afresco de medidas,
onde o amor brade,
e a paixão arde.

Fui de pouco.

Cansei ao largo.

Sei que tinge seu rosto
de brandura,
sei que nosso amor
entrou por uma porta
e saiu por outra.

Feneceu o brado
sem lanças de
ferir!

Mas um dia a tive com largura,
mas você fugiu com os ticianos
aqueles que raptam saudades
e deixam lembranças de dor.

Se assim foi. Assim mal será.

Adeus, pobre mulher,
de coração vigoroso.

De três anzóis e um cesto
de feixes de luz
para dar aos mais
saudosos:

Aquele que um dia enlaçou
um
grito,
por você,
por muito querer e
muito desejar!

Mas sem nada a festejar!

José Kappel

MURILO LIMA, "O Pequeno PRÍNCIPE"...

MURILO LIMA, "O Pequeno PRÍNCIPE"...

"Voa"
Com seu talento
Junto de Exupéry e Plínio Oliveira...

"Juntos"
Os três, num diálogo existencial
Metamorfoseiam a "Obra" de ontem, num musical...

A montagem dá asas e voz ao Pequeno Príncipe

"Ressignificando" a responsabilidade do Amar...

Juli Lima

Imagem - Sidicléa Lima

... a saudade aperta

Céu cinzento...

Sinto um aperto na garganta

Como se mãos invisíveis a apertasse sem dó...

Fecho meus olhos

Troco o cinza

Pelo breu...

Preciso respirar...

Mas a saudade aperta...

Juli Lima

BOLHAS BRINCALHONAS

Voa, voa bolha de sabão
Voa e rola pelos ares
Colorindo a brisa que te lança
No doce sopro de criança.

Voa e beija o verde das árvores
Vai dando rasantes nos telhados
Desvia da molecada alegre
Que pula e brinca na calçada!

Voa e abraça os pensamentos
Viajando por aí...
Não há tempo pra perder
Enquanto, há fôlego pra subir!

Bem levinha também estoura
É o momento de descansar...
Dando espaço para as suas irmãs
Que também sonham em poder voar!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Quando me formei

Quando meu curso técnico,
finalizei louvores e adoração cantei.
Foi tão bom e ao mesmo tempo,
aliviante para minha alma.

Meu coração feliz estava.
Meus olhos brilhavam.
Minha boca gratidão proclamava.
E poesias eu transpirava.

Estava tão grata.
Pois além de formada.
Já estava estagiando,
na minha profissão.

Eu fechei meus olhos,
e agradeci a Deus.
Por finalizar uma,
etapa tão árdua.
Meu coração gritava.
Eu sou técnica e
Estou formada.
E minhas poesias cores ganhava.

Liécifran Borges Martins

A HILDA HILST

Tal vinho que não envelhece
Amargo beijo forte
Em minha boca amadurece
Nublado de desejo.
Tal vinho de boa safra
No desterro da adega
Prendo entre os lábios o travo
Da incondicional entrega.
Pudesse eu da boca
Fazer ânfora que
Os restos do idílio
Os restos imola
Em purpúreo mosto.
Pudesse, e não mais teria
Feito de teu beijo
Líquido antigo vinho
Líquido nobre mortífero
Vinho veneno.

Lucimara Vaz

Transitoriedade

Eu sei que tudo passa,
Que eu tambem passarei.
A vida nos surpreende
Enquanto tentamos entende-la.
Nos vagamos pelo mundo,
Procurando nos acostumar
Com o inexplicavel.
Nao quero mais fugir,
Pois preciso me encontrar,
Descobrir quem eu sou,
Procurar o meu caminho
Para que minha jornada
Nao tenha sido em vao.

Maria Cândida

INDIFERENTE A TUDO (prosa poética)

Embriagados pelo licor da frivolidade, perderam a paz, e não sabem, ou não desejam saber.

Ei-los que se embriagam por um dia, se entristece por outro.

Deixaram de transitar por ruas estreitas, por almejar largas avenidas, correndo sorridentes em busca de novos horizontes, indiferentes a tudo!

Transitam de cidade em cidade, espairecendo, caçando prazeres, renovando emoções, como se fossem bandos de aves arrulhando nas florestas da vida, viajantes de férias intermináveis.

Fugindo de si mesmos, preferem grandes rodovias, cujo fim é infinito... Chegando querem sempre partir, partindo muitas vezes não chegam a lugar nenhum!

Pois continuam indiferentes a tudo!!!

Maripenna

Marisa Costa

No universo da fantasia escrevo emoções.... Gosto de pensar que me move a liberdade de criação...

Quem sou? Nem sei. Apenas me permito ser o que sou. Ser ser mais. Sem fabricar um ideal de mim mesma.

Cheiro de Folhetim

Das pautas dum bolero
versos com cheiro de folhetim
poetizam folia duma paixão...

tórrida, seduz...
quereres, escancara...
doida, enfeitiça...

momento em que o tempo para...

corpo molhado, carinho e amor nega não
por toda noite desejo sacia, alívio da solidão
dia amaldiçoa, prazer roubado.

Mas, ah, refrão em gritos roucos
vil e sem clemência, estilhaça:
“ Vontade lasciva é ilusão que se acaba”

jogando-a contra a parede
geme notas descompassadas
sem rimas, sem efeitos
dor visível...

e está só e a noite.

Música: Um bolero, uma paixão (Elymar Santos)

Marisa Costa

FILHA

Você é a alegria que contagia,

É a luz que ilumina.

É o canto que encanta

É a melodia

De todo dia!

É o sonho mais

Lindo que sonhei

E a realidade

Que virou felicidade!

É o nascer do sol

Mais espetacular

É o sorriso mais

Doce...

É o brilho do luar...

E a vida do jeito

Mais bela....

É a mais colorida

Aquarela

Marisa Sá

Sol envolvente

Ao abrir a janela não consegui mais avistá-lo, somente sentia um vento forte murmurando entre a abertura da janela do quarto, o qual balançava os meus cabelos no retrato que sobrou da nossa história de amor.

Seu rosto ainda sem rugas me lembra daquele dia no nosso baile de formatura ao som das melodias emocionantes.

Hoje só guardo na memória os momentos de quase dez anos que passamos juntos.

No imaginário das lembranças não apagadas pelos versos e refletidas no retrato em cima do criado-mudo no qual o silêncio vazou entre sorrisos, felicidades, amor e lealdade que ficou logo ali no passado distante, que nem aparece mais naquele horizonte que avisto, naquele monte nas frestas da janela cúmplice de um amor que se transformou em dor.

Lembro que naquela tarde o sol ardia em nossas faces e o seu brilho envolvia em nosso olhar, nas ondas das emoções sob o mar, reencontramos no mesmo lugar que nos conhecemos.

A paixão que ficou na frieza de um retrato reacendeu neste sol envolvente, neste dia reatamos os nossos laços de amor e hoje estamos novamente juntos e espero que seja para sempre.

Marisa Sá

Da Púrpura Amora...

Para falar do amor
atravessarei pontes
abrirei caminhos...

Afogarei manhãs,
ressuscitarei noites

Remendarei pergaminhos!

Vencerei batalhas
em terras de linho,
esquecerei glórias e dores,
pois nas mãos terei, enfim
o resgate dos sonhos...

Então beberei goles de só amar,
aflorarei mel de mil cores

E assim...

Em seus lábios irei provar,
[como se, da púrpura amora]
o doce vinho

*

Foto: ©Marise Castro
Marise Castro13/09/2022

MINIBIOGRAFIA

Simplesmente **Martha Maria Maia de Almeida Moreira,** conhecida como Dra.Martha, mora atualmente em Macapá/AP.

Tem uma família maravilhosa: o marido José Ariousy Moreira; três filhos: Roberta, Ricardo e Tatielly; e dois netos: Marco Antônio e Arthur.

A autora é seu esposo são formados em Odontologia. Martha possui especialização em Radiologia Odontológica, entre outros cursos na área Odontológica.

Trabalho publicado: Antologia Chá das Cinco. Editora Recanto das Letras. - Ano 2021

Antologia SONHOS impressos. Editora Becalete. - Ano 2022

Escrever é a arte que estava adormecida em sua alma e aflorou com muito esmero.

Maiores incentivadores são seu pai, Osmar Sampaio de Almeida e marido, José Ariousy Moreira.

LENTAMENTE !!!
"INDRISO"

Te encontro casualmente
Fico feliz em te ver agora
O corpo vibra lentamente.

Um abraço apertado sentindo
Calor do seu coração pulsar
Fantasia da alma querendo.

Mil motivos para te ver.

Poder sentir para escrever.

□Marthamaria Moreira□

Bucólico dia

Galhos desnudos e caídos

Garoa fria, nuvens escuras

O sol dormente, escondido

Sobreviver, muita bravura...

A neblina encobre imagens

Coração afoito que reclama

Sem mais as tuas mensagens

E na escuridão ela te chama.

Sentir teu doce singelo olhar

Ouvir a tua voz contagiante

E naufragarmos em abraços...

E nos bucólicos dias contemplar!

Na garoa fria ficarmos radiantes

E na vida fortalecer nossos laços.

Texto e imagem: Miriam Carmignan

GENTE SEM DEIXAR DE SER!

Tem gente que a gente ama!
Tem gente que ama a gente!
Tem gente que a gente escolhe,
Mas que não escolhe a gente!

Tem gente que se demora
E espera a chuva passar.
Tem gente com tanta pressa,
Que nem vê a chuva chegar.

Tem gente que é alegria,
Que traz paz, contentamento.
Tem gente que faz história
E não coloca a gente dentro.

Tem gente que é da hora,
De tão bacana e legal.
Tem gente que sequer chora
Com o nosso triste final.

E assim se passa a vida
Que vai conduzindo a gente:
Um sai curando feridas
Outro escondendo o que sente.

E nessa gangorra insana
Chamada de "bem viver"
O melhor a fazer, é verdade,
É ser gente sem deixar de SER!

Nara Minervino

SONETO AO "POETINHA".

Enobreceu-nos, mostrando o teu concerto
Em sátiras do amor e do mundo, com a alegria do soneto,
Independente de ser ou não ser aceito,
Ao divergir, pois sei que tiveste o direito.

Oh, vultoso poeta que foste no modernismo
Um dos poucos a se inspirar ao nacionalismo.
Nascido à benção do branco e com o axé da Bahia
Onde se inspirou a canção e a poesia.

Sei bem que tiveste de partir
Porém, foi-se a alma, mas permaneceu o pensamento
Onde sempre uniu o amor, ao desejo e ao sentimento.

És a referência de quem a poesia vai seguir
Marco da Bossa Nova, com exemplos morais,
Poeta por completo, teu nome é Vinícius de Moraes.

Rio de Janeiro, 03 de Abril de 1992.

(Ao poeta: Vinicius de Moraes)

Natomarkes

[Amor sem polêmica, é AMOR e ponto!] (Dueto)

"Tempo pra se esquecer"

Vozes e pensamentos

Dizem

[... o que se vê?

Tempo de dor

Sofrimentos

Ausências

[... o que se pensa?

Pandemia

Distanciamento

Novo lidar co'as emoções

[...o que se vivencia?

Almas

Corações

N'outra dimensão

[...o que se deseja?

Encontros

Reencontros

Redescobertas

[...o que se quer?

SER

N'outro

Completude

[...o que se sente?

Amor

Física Quântica

Amor-quântico?

[..."o observador define a realidade", conceitua a Quântica

Amor "Real"?

Virtual?

Amor?

[... a realidade a partir da vontade e da ação

O "amor" poderia ser... "pensado"?

[Deve!

Poderia o amor ser aprendido nas universidades?

[Pesquisado, compreendido, revalidado

[...o salto quântico encurta a distancia

Amor... à distância!

Embora, às vezes longe, não se nega

(só por que não estão perto... os que se amam)

[Quântico amar

Existe alguma regra ou lei a definir que para que seja amor

... os amantes devem estar... "próximos"?

[Refuto tal premissa

Longe é perto

No tempo da luz

Alma é luz

Felizes os que podem se amar (mesmo à distância)

É o que assim eu creio

[E te AMO

Amor virtual...

Amar virtualmente?

Não, não é um amor "imaginário"

Não s'está vestida a mente d'uma fantasia ou delírio

Nem é uma consolação só por que os que se amam não estão próximos

Nos instantes que se vivem

Não, não são momentos vãos

São instantes "presentes de eternidade e d'energia"

Movimentos dinâmicos nas almas... agraciadas e vivas

Amor virtual!

O que se poderia mais dele se dizer?

Não é ilógico nem tampouco uma ironia dos tempos modernos
Se não somos tanto – como dizia o incrível compositor – "amantes à moda antiga
Dos que ainda mandam flores" ... não seria porque as circunstâncias também mudaram?

Amor que não se limita n'algum espaço
E menos ainda s'esgota no tempo

Do real amor que se segue, mesmo que todos os relógios parem
[... por que se negar as interconexões Alma-Alma?

Amor... amor... amores...

Estudar o "amor" é se adentrar n'um campo além da própria "Metafísica"
Ou quem sabe, como dizia Balzac, ser o amor..."a poesia dos sentidos"

[...a quântica nos une
Quanticamente amamo-nos
Amor sem polêmica, é AMOR e ponto!

Paulo da Cruz & Juli Lima *(livro: Entre o Céu e a Terra)*

Imagem - Juli Lima

A VIDA OU A LIBERDADE: O QUE VALE MAIS?

"Independência ou morte"
Ao que assim gritava Dom Pedro I às margens do rio Ipiranga

Que outras vozes mais se levantaram em favor da liberdade?

As correntes que presas estão ainda nas pernas de tantas almas
Até quando?
Quantos dominadores nos açoitam a cada dia!
E por que aceitamos ser maltratados e oprimidos?
E será que o poder dos tiranos não se faz pelo qu'então lhes permitimos?

Quem pode conhecer os cenários e os personagens de sua vida?
Estranho pelo que ninguém se revolta
(e tudo aceita... sem protestar)
Surpreendo-me pelo que quase todos consentem os abusos por parte d'outros
E por que os poderosos não se cansam de dominar... (e de humilhar)?
Ou até mesmo de afligir e atormentar a vida dos mais fracos?
Ah! Quanto prazer muitos têm em maltratar [outros]!

Todavia, não quero aqui falar de despotismo político
Longe de mim tal...
Foco-me, nest'hora, no que é vital (para cad'um):
A vida e a liberdade
Retornemos, então...

Independência... ou... morte?
Não há dúvida

Quem arriscaria a sua vida em nome de sua liberdade?
E por que quase ninguém luta por ela?

E neste momento alguém poderia dizer:
"Mas, eu só poso provar a liberdade enquanto vivo estou"
Será qu'está mesmo vivo?
Será que um pardal preferiria estar enclausurado n'uma gaiola d'ouro
... a voar [livre] pelos ares (qual uma ave vagabunda)?

E eis que alguém um dia disse:
"Vende a vida inteira
pelo pão de cada dia
a liberdade boia, fria" (Goulart Gomes)

A vida... ou... a morte?
O que mais escolhemos?

E o que é vida?
E o que é morte?

Independência...
Sinônimo de "liberdade"
Mas, o que é de fato... liberdade?
Quem é livre... neste mundo?

Dependência!
Oh! Quantas formas e exemplos de "dependência" existem!
Dependência d'alguém... para ser feliz (dependência emocional)
Dependência financeira (para poder viver com dignidade e conforto)
Dependência química ou de álcool (de vícios ou compulsão)
Dependência da boa vontade d'outro (a esperar dele sua solicitude e disposição)
Dependência do amor d'alguém (obsessão)
Dependência de prazer (hedonismo neurótico)
Dependência ao patrão (submissão... subordinação... a estar nas mãos dele)
E tantas outras mais...

Dependência!
Sinônimo também d'escravidão, oh, não!?

Quem é livre... no tempo?
Pergunto-vos outra vez

E o que você mais valoriza seria a vida ou a sua liberdade?
Segundo o grande Hegel, vede [aqui] o seu raciocínio:
Quem escolhe a liberdade à vida converte-se em seu senhor
E quem opta pela vida à liberdade torna-se, pois, escravo

Senhor de si mesmo, oh! que bênção!
Escravo d'outrem, ai! quão lamentável!

Mas, afinal, o que é a vida [real]?
E o que é... "dignidade"?
Quanto vale a sua?
Você a venderia por quanto?
(ou jamais a venderia?)

Entregar a alguém a sua sagrada liberdade
E co'ela a dar-lhe a sua vital dignidade

Dignidade!?
Quando alguém terá consciência dela?
Qual o preço de sua carta de carta de alforria?

A vida [real]
Quem a ama (com dignidade)?

"Qui amat animam suam, perdit eam;

et, qui odit animam suam in hoc mundo,
in vitam aeternam custodiet eam"
"Aquele que ama a sua vida, a perderá;
ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo,
a conservará para a vida eterna" (João 12:25)

Palavras enigmáticas
E para a maioria... incompreensíveis
No entanto, repletas da mais dourada verdade

O que vale mais, a vida ou a liberdade?
Insisto em saber

E eis que nestes dias um'alma iluminada disse:
"Às vezes é melhor perder a vida do que a liberdade"
(Marcelo Queiroga, ministro da Saúde no governo do Presidente Bolsonaro)

E ele não estava errado
Pelo contrário, estava certíssimo
Contudo, para a maioria, bastante incompreendido
(e até mal falado por parte de muitos)

E dado ao que estudado foi acima, não estaria ele a dizer
... o que Hegel e Cristo afirmaram?

Quando descobriremos que a liberdade (no tempo) vale mais que a vida?
Mas a verdade é que [no tempo] nós abrimos mão dela
A preferir sermos (durante quase todo o tempo)... escravos!

***Paulo da Cruz** (Livro: Entre o Céu e a Terra)*

Encontro de sonhos ao mar

Marisa Sá & Roselves Alves

No encontro do sol com o mar

O despertar da emoção brilha,

Os raios e as águas fluem

Energias clarificadas, límpidas.

No encontro do luar com o mar

O encanto se reflete a sonhar

Com a regência a se renovar,

E a revelar o infinito de amar.

No encontro da luz com o sonho

A vida tem novo tom,

Tem elevo de mutações

Com a plenitude reveladora.

No encontro da luz com o amor

O sonho é como brisa ao luar

Qual se precisa respirar

Pra poder oxigenar o ar d'alma.

A paisagem no alvorecer,

Na areia do mar,

Encontrei com você,

Lindo como o pôr do sol ao entardecer.

Refletindo raios de emoções,

Em dunas de sensações,

O brilho do sol no seu olhar,

Pude realmente te amar.

Revela-se sonhos passados,

Ao acordar do seu lado,

Entre maré de ilusão

Conquistei o seu coração.

Na areia contemplamos a vida,

Em cascatas perdidas,

Nosso destino revelou-se

Que com o amor o sonho não apagou.

Brilha como a lua,

Esquenta como o sol,

Entre ondas de cristais,

Revela-se o som que acalma.

Entre sonho e amor,

Conseguir separar a dor,

A vida tem revelações,

Entre a luz lunar te sentir em todas as estações.

No tom mais límpido d'alma,

No céu apontam-se estrelas,

Que nos acalma,

E ao te sentir,

Me fez renascer.

Ipê Amarelo

Naquela cidadela
No final da viela
Tem ao lado da capela
Um ipê de flor amarela.

A árvore revela
Poética querela
Que debaixo dela
Ocorre na primavera.

Quando o inverno apela
A vizinhança, pela janela
Sempre dá uma olhadela
Naquela árvore tão bela.

Silvâni Silva

Rio de Janeiro

Chá de paz

O chá de paz é raríssimo.
Raro também, tomá-lo
antes dos quarenta (anos de idade).
É uma iguaria que pede tempo
e alguma sabedoria.
Alguns nunca poderão tomar
(suas folhas são de difícil semeadura).
No entanto, é imprescindível que seja semeado
mesmo que o sucesso na colheita seja falho...

Solineide Maria

“Poetando ao amanhecer”

Lanterna da vida!

SoniaS

Na busca da Eterna claridade...

Vamos procurando caminhos.

Clareando estradas.

Descobrindo o valor dos “ ninhos”.

Toda escuridão d’alma...

Toda busca...

Ao longo da vida,

Necessita da “Luz “

Que ilumine o caminho!

Sorte de quem a encontrar,

Com certeza terá:

A claridade da paz.

A rota definida.

Na busca do Eterno,

Irão descobrindo os verdadeiros,

Os melhores caminhos!

(Imagem autorizada - por Piedra Maranini)

TRANSEUNTE

Troya D’Souza

Sou filho da natureza
Descendente do amor
Galã de vida vadia
Um esimel sonhador
Originário dos sonhos
Colibris e beija-flor.

Com essência do carinho
E o cheiro da apegação
Desejo com toda força
Que vem da imaginação
Amo com intensidade
Regras do meu coração.

Desprovido de vingança
Bebo na fonte da vida
Me perco e me acho fácil
Na largada e na partida
Fantasiando os meus medos
Dando e buscando guarida.

Produtor das ilusões
Dos devaneios, quimera
Um viajante do tempo
Que o seu motor acelera
E eu tento junto com ele
Me reencontrar noutra era.

Muito lúcido, meio louco
Anos, dia, meses, hora

Em paz no meu «habitat›

O meu eu nem ri e nem chora

Fecundo os meus pensamentos

Ao novo romper de aurora.

Um amante das estrelas

Nas noites de solidão

Caso é descaso com a lua

Na minha desilusão

Por isso tão inconstante

A sombra de uma paixão.

Um cavalheiro de outrora

Que surge em plena alvorada

E assim como chega, sai

De maneira inesperada

Qual orvalho da manhã

Cintilando a madrugada.

UMA GOTA DE ESPERANÇA

Troya D'Souza

Eu já vivo desolado
De tanto narrar tristeza
Seja pelas mãos do homem
Ou obras da natureza
Catástrofes e genocídios
Tem sido grande a dureza.

Temos piratas nos mares
Saqueando a embarcação
Tem imigrantes fugindo
Do terror, da explosão
E quantos refugiados
Implorando salvação.

Nagasaki, Hiroxima
Que foram mesmo demais
Austrália, França, Alemanha
"Carandi", Minas Gerais
Porto Príncipe um dia desses
A boate kiss logo mais.

Nós temos óleo no mar
Matando a vida marinha
Nossos recifes, corais
Ganância é erva daninha
Com nosso rio poluído

Não há vida ribeirinha.

Isso tudo são problemas
Que o mal desencadeou
A guerra entre Iraque e Irã
Que o mundo não acabou
Cabul, Arábia Saudita
Eu já não sei onde estou.

Reservas são invadidas
Os índios assassinados
Desmatamento, queimadas
São rolos desenfreados
Que o nosso meio ambiente
Tem lixo em todos os lados.

Todo dia um fato novo
Surge a noite ou de manhã
Guerra na Faixa de Gasa
Camboja e Vietnã
Paz no Oriente Médio
A Síria também é irmã.

Há um dano irreparável
Na camada de ozonio
Parece que a natureza
Está consumindo o hormônio
Fermento para extinção
Deste nosso patrimônio.

Nossos mares agitados
As geleiras desabando
Agredindo o efeito estufa
O solo se degradando
Agrotóxico, pesticida
O mundo se devastando.

Tem muito de C O 2
Amônia, enxofre, hidrogênio
Aquecimento global
Cianeto, nitrogênio
Tem lixo atômico jogado
Pra poluir um milênio.

Com a imprudência do homem
A natura se revolta
E feito um bicho voraz
De vez enquado se solta
Mostra o preço e cobra a conta
Sem arrodeio nem volta.

Em defesa da floresta
Da fauna, flora e pomares
Dos cânios, desfiladeiros
Ecossistema dos mares
Vale, bachio, manguezais
Das encostas até os ares.

Mas onde o sol é escuro

E as cortinas são de pó

As chuvas são de tormentos

Lágrimas de sangue só

Melodia harmonizada

Em tristeza, ré e dó.

Sei que tudo vai da certo

E o bem há de vencer

Posso até não estar vivo

Quando isso acontecer

Mas para Deus nada custa

Nem um novo amanhecer.

MEU PAPAGAIO

Meu papagaio é muito engraçado. E um tanto cabuloso!

Dentro de casa é uma alegria. Gosta de jogar bola.

De fazer cafuné. De brincar com as crianças de esconde-esconde.

Pede café, almoço e jantar. Até doce e picolé.

Canta, faz oração, chama até palavrão.

Sabe o nome de cada um, dos pequenos então até o sobrenome.

Ama imitar os donos, tanto sorrindo, como falando.

E quando estou estudando repete o que estou falando.

E engraçado é imitando os roncos de alguém dormindo.

Que até quem dorme se assusta do ronco do espertinho.

Tem medo da noite, dos fogos, do barulho das sirenes.

Todo trêmulo fica pertinho de mim, querendo proteção!

Quando a visita chega, desata gritando, fica todo mostrado, todo exibido.

E tantos dizem: OH! Que lindo! Papagaio fofinho!

Ele até gosta, mas se for fazer carinho nele, não fica nada mansinho.

Quando vai dormir, fala boa noite, dorme com Deus.

Aí, meu coração bate feliz. E se derrete de emoção!

Por esse bichinho falastrão e tão companheiro meu.

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA.

Nosso Enlaço
Dueto (TCintra e Ahavah)

Meu destino se
enlaça sobre
as águas do teu mar
inundando meu
coração
do teu amor, de tua
ingênua paixão,
espalhada
em vivos momentos!

Ouço teus passos
chegando,
não digas nada
por favor,
teus olhos vêm
brilhando,
dois luzeiros sobre mim
com muito amor!

Estou regressando
ansioso
pela carícia Encantada
desse
teu corpo cheiroso,
entrelaçados em lençóis
de seda,
que afloram
de desejos e sedução

Abre teus braços
meu querido,
quero neles me
aconchegar,
me envolva

inteirinha no teu enlaço,
vem amado me abraçar!

Sua voz macia me faz
imaginar,
as ondas do teu oceano,
quebrando-se,
na minha imensidão
e, prostrado
no regalo das minhas pedras,
de amor me desmanchar!

Chegastes bem
de mansinho,
qual Zéfiro nas tardes
mornas,
sinto agora os teus
beijos,
no meu rosto, nos
meus lábios,
quebre o silencio,
e, sussurre aos meus ouvidos
lindas Palavras de amor!

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra e Ahavah)

Uma vez, um pássaro

Um dia eu vi um pássaro, ele era uma ave que queria ser visionária, que sonhava com as estrelas, com as flores, com o futuro, o seu talvez! Um dia ele saiu voando sem direção, não sabia se ia ou se vinha, simplesmente voava sem rumo, parecia triste e solitário e em cada bater de asas buscava um motivo que explicasse porque o mundo havia mudado tanto.

O pássaro que sonhava ser livre, sentia falta de não ter alguém que pudesse prendê-lo dentro do seu coração, dentro de sua vida. Essa ave chorava a falta de um amor perfeito, apesar de ter tantos imperfeitos, devaneava com um amor que não estivesse longe dele, e que só ele pudesse ter.

Por isso hoje, essa ave tenha parado de voar; o céu que antes era azul agora longe do sol, ficara mais cinza; aquele pássaro não mais existia, ele feneceu por excesso de amor ou por não o ter, esse era um desejo platônico que não conseguiu desvendar; sozinho e triste não quis mais viver; aquele pássaro se suicidou por não ter quem tanto queria.

Walter Cintra de Souza lima

(TCintra)

FELICIDADE

Wilderley Flávio Alves de Araújo

Tento buscar a felicidade em meio a esse caos que se aumenta ao redor do meu corpo cada vez mais, sigo a buscar uma alternativa de manter a minha mente sã em todas as minhas escolhas e atitudes. Em meio a um mundo de trevas tento manter-me pleno e feliz, com tudo que está a acontecer e neste planeta onde me encontro perdido, procuro a minha felicidade e uma forma de sair deste lugar sombrio que me assola cada vez mais.

Te vi tão distante, tão pura e cristalina, teus olhos brilhantes me dominaram de tal maneira que não sabia para onde ir, encontrei-me perdido na imensidão do meu olhar e me encontrei preso nos teus cachos. Será esse meu refúgio que tanto procurei? Pode ser que sim, pois ali senti um alívio na alma e me senti mais leve sem culpa pode ser que finalmente encontrei a paz e a felicidade.

Bom, me encontro perdido e sem saber o que fazer, me sinto vazio e sem ter certeza do que fazer, talvez eu tenha encontrado uma solução para os meus problemas. Posso ir embora ou sumir por um tempo para reorganizar meus pensamentos e meus sentimentos, mas será que essa é mesma a solução? Não sei dizer ao certo se eu for, quem sabe eu consiga superar ou conviver com esses pensamentos e sentimentos ou talvez não, sinto que a saudade vai aumentar cada dia mais e me fazer pensar naquele rosto, naquele jeitinho meigo, carismático e que me cativa e domina cada vez mais, será que é possível conviver com tal sentimento? Será que eu consigo sair dessa e parar de pensar em coisas que me lembrem de ti? Não sei ao certo, mas creio que não. Sinto que não posso e não consigo ficar longe de ti. Ir para longe é pesadelo neste momento.

SEJA

Rogério Soares

Reiniciamos do fim, pois, cada dia ficamos adiantadamente atrasados, na vida ser ou não ser não é a questão, a questão é ser, ser rotulado, ser negro, ser gay, ser qualquer um que não esteja nos padrões ditos normais. Um sentimento de ódio tomou conta da sociedade hipócrita e cretina disfarçadamente, vale salientar que no inicio do século passado por causa da cor o negro era uma coisa e não gente. Sinta orgulho de ser e não de não ser, se ame se entregue seja mais você. Viva o hoje e nem pense no ontem, pois, já era e não se surpreenda com o amanhã. A vida não é pra sempre ela pede pra ser vivida e não desperdiçada com falsos momentos ou lances longos demais que não vai te render humanamente e nem espiritualmente, então deixe essa baboseira de sextou, sabadou... a vida é semanou, mensalou e eternou seja feliz sempre e não por um simples fim de semana, seja sempre alegre com os seus mais próximos, porque amigos não se faz em um fim de semana, uma balada, isso é besteira, amigo pode ser um desconhecido que passa na hora e lhe ajuda, uma pessoa que lhe estende a mão na hora precisa e não aqueles que só tiram proveito de sua amizade, seja mais seletivo, seja coerente com as suas atitudes em relação as pessoas como um todo e não por uma atitude ou uma emoção passageira, a felicidade está, onde você se sentir bem e não onde os outros estão se sentindo, não seja feliz por tabela seja autêntico se não está bem saia e procure a felicidade verdadeira, pois de falsidades nós encontramos todos os dias, não dê chance pra tristeza, pois o bom da vida, ainda e viver.

AMAR

Rogério Soares

Na plenitude da criação o criador sublinhou o amor e nele depositou toda a sua bondade, sinta o amor dele por você, amar é uma coisa de certa parte injusta, pois, se não for bilateral a coisa desanda e amar só é um sofrimento duplo, pois ama-se por dois e é um fardo aterrorizante o amor unilateral, aquele sentimento de carinho se transforma em uma frustação desastrosa e dolorosa, pois o pior amor é aquele que não é correspondi-

do e cria uma sensação de fragilidade no ser não amado. É preciso dois corpos mutuamente estarem conectados por uma série de fatores ainda inexplicáveis pela tal da ciência, a sensação de que está sendo amado(a) é uma coisa incrivelmente, um paradigma ou paradoxo do consciente em que o ódio e o amor estão intrínsecos como unha e carne, olho e lagrima. Amar na pureza e não simplesmente carnal, o sentimento mutuo atinge um êxtase de euforia e de ansiedade pela ausência ou na presença do outro ser. Delicie os gozos do amar, as arritmias inesperadas, aqueles tremores que nem Freud podia explicar, no final tudo se resume a uma ejaculação, que passa do amor ao ódio em questão de segundos e não é porque o outro não seja amado é simplesmente inexplicável, isso é o tal do amor.

Saber viver

Não se vive sem conviver
Vivendo num isolamento
Vivendo sem sentimento
Sem fundamentalmente viver

Da vida nada pode se levar
Apenas a bagagem do amor
No tempo que pôde se amar
Numa ventania que passou

A vida tem suas multicores
Na paisagem da natureza
Tem o jardim das flores
Tem a felicidade e beleza

A vida é muito boa e bela
Tem que se viver do prazer
Sob o olhar da vida da janela
Na vida é preciso saber viver

Zédio Alvarez

BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA DESTA EDIÇÃO

Elza Francisco, cognome literário Zaciss.

Mora em Lavrinhas, Estado de São Paulo

Professora, poetisa.

A fotografia registra a poética da sensibilidade.

O mundo maravilhoso da Arte chegou na maturidade

para desvelar os sorrisos da alma.

Autora de livros de poesia e prosa infantil.

Barbantinha

Especial escrito por crianças

ANO II - NÚMERO 16 - NOVEMBRO DE 2022

Carta aos pequenos e pequenas leitores(as)

Querida criança, estamos bastante felizes por ter você aqui! A Barbantinha tem como objetivo estimular a leitura, a escrita, o desenho e a criatividade. Todo mundo pode tornar-se um artista! É só pegar um lápis e um papel e soltar a imaginação! Vamos lá?!

O nosso desejo é o de recebermos muitas colaborações de crianças do mundo inteiro que queiram mostrar os textos que escrevem e suas pinturas e desenhos. Por isso, pedimos aos pais, às mães, responsáveis, professores e professoras que incentivem suas crianças na arte da escrita e do desenho, para que possam compartilhar conosco dessa alegria.

A Barbantinha foi presenteada nesta edição com a imagem de capa de Joey Willians Silveira Mota, 10 anos, morador da cidade de São Paulo, estudante da Escola E. Romão Puiggari. Agradecemos aos seus professores por nos proporcionarem esta alegria.

A nossa Barbantinha está recheada de ilustrações e poemas das crianças da Escola E. Romão Puiggari do Estado de São Paulo e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Nova da cidade de Passo de Torres no Estado de Santa Catarina.

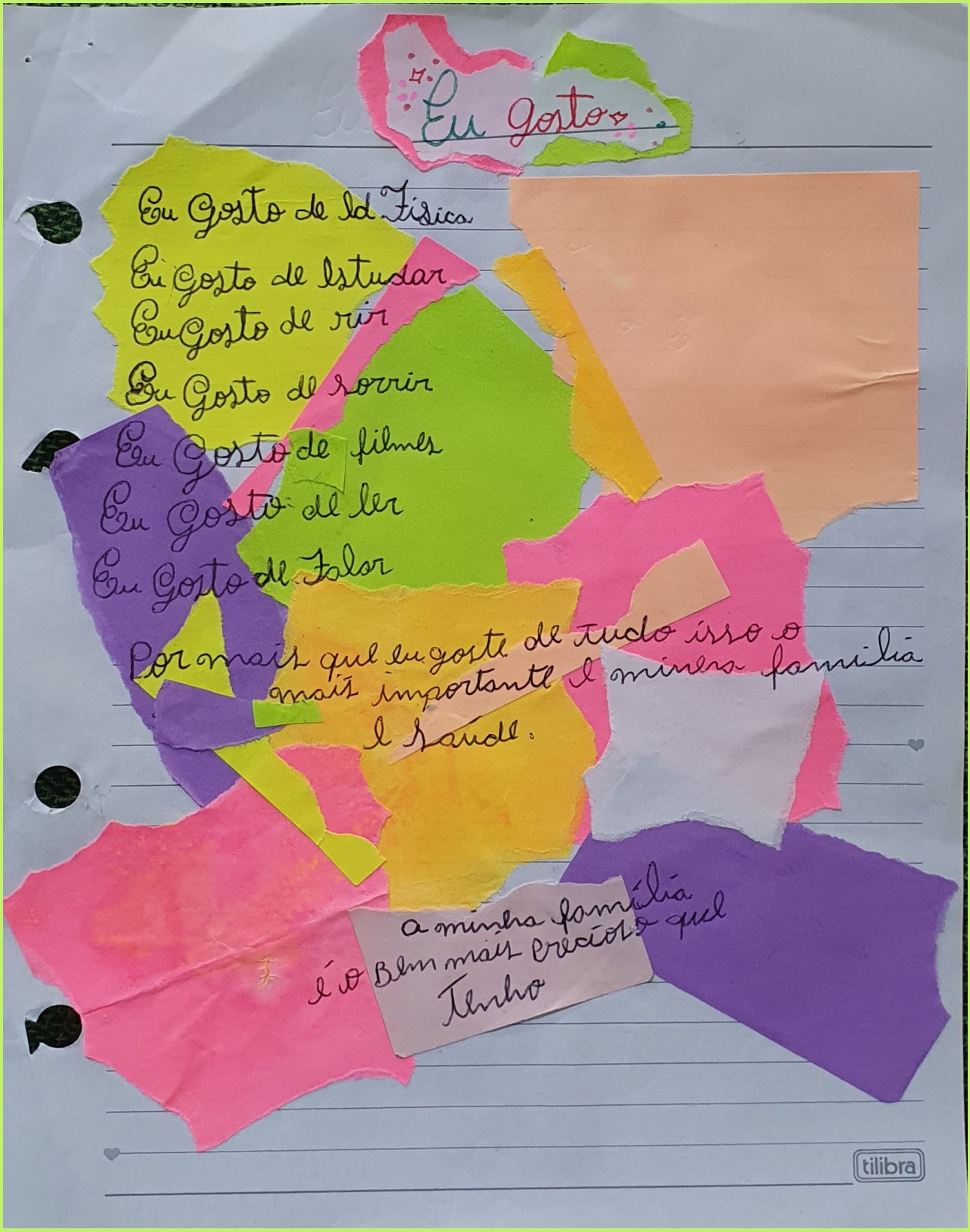
Contamos ainda com dois belíssimos poemas vindos de longe do nosso Brasil querido!

Venham, meninos e meninas brincarem de ser barbantes junto conosco!

Um abraço,

As editoras.

Ilustrações



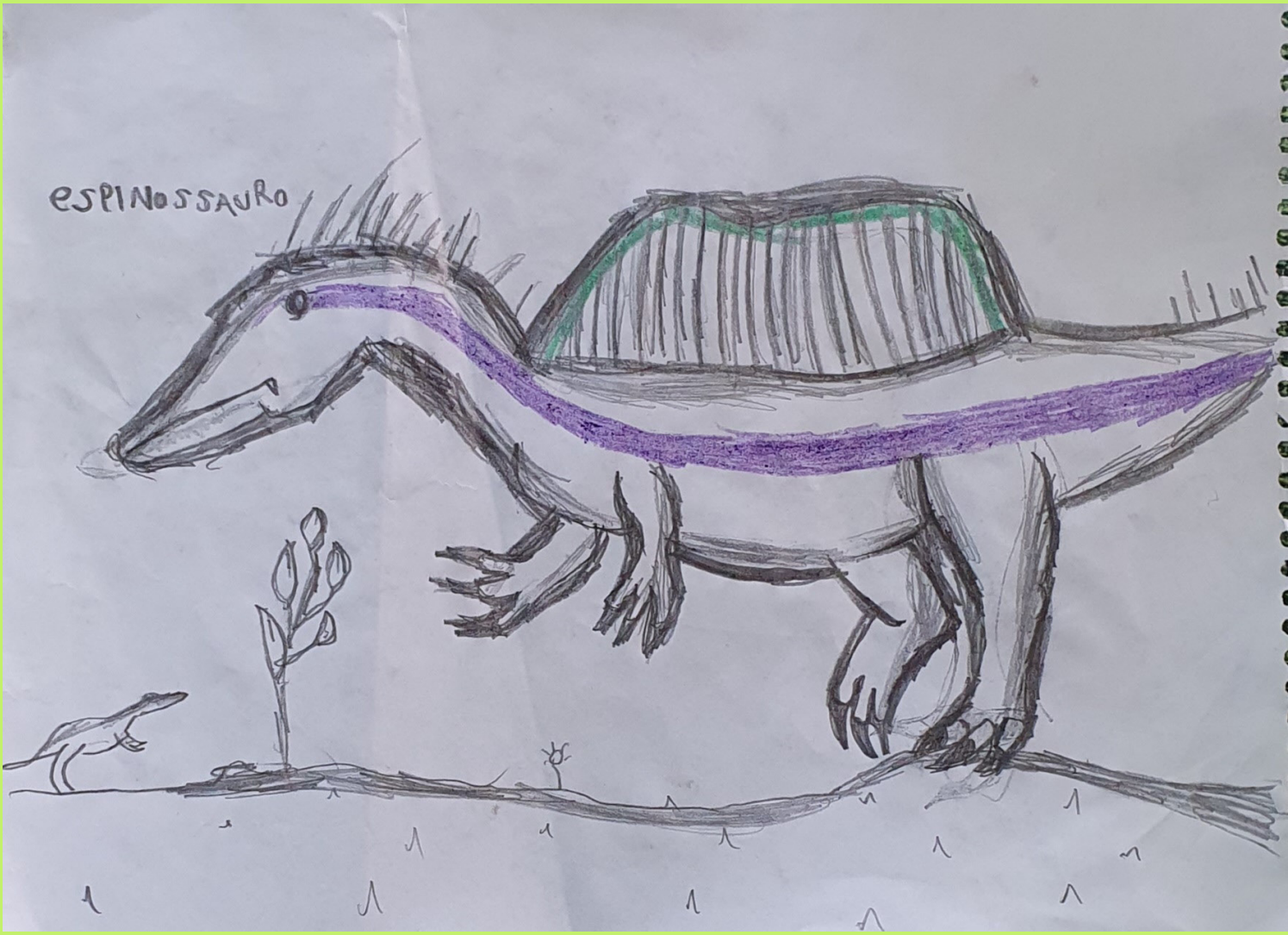
Eu Gosto

Eu Gosto de Ed. Física
Eu Gosto de Estudar
Eu Gosto de rir
Eu Gosto de sorrir
Eu Gosto de filmes
Eu Gosto de ler
Eu Gosto de Falar

Por mais que eu goste de tudo isso o mais importante é minha família e saúde.

a minha família é o bem mais precioso que tenho

Ana Caroline -
São Paulo-SP



Davy Reynaldo -
São Paulo-SP

20/11/22

Nome = Elton Clemente dos Santos
São Paulo, 20 de fevereiro de 2022

Titulo
Na minha Férias

Na minha Férias eu fiquei assim de tre
em casa mais as meus irmãos e depois
meu Pai e a minha mãe falou que nos íamos
passear e ai nós fomos ao Parquinho e também
eu e meus irmão fomos jogar futebol mais o
meu Pai e a minha mãe ficou com o YAGO E o GABRIEL!

FIM

Elton Clemente -
São Paulo-SP

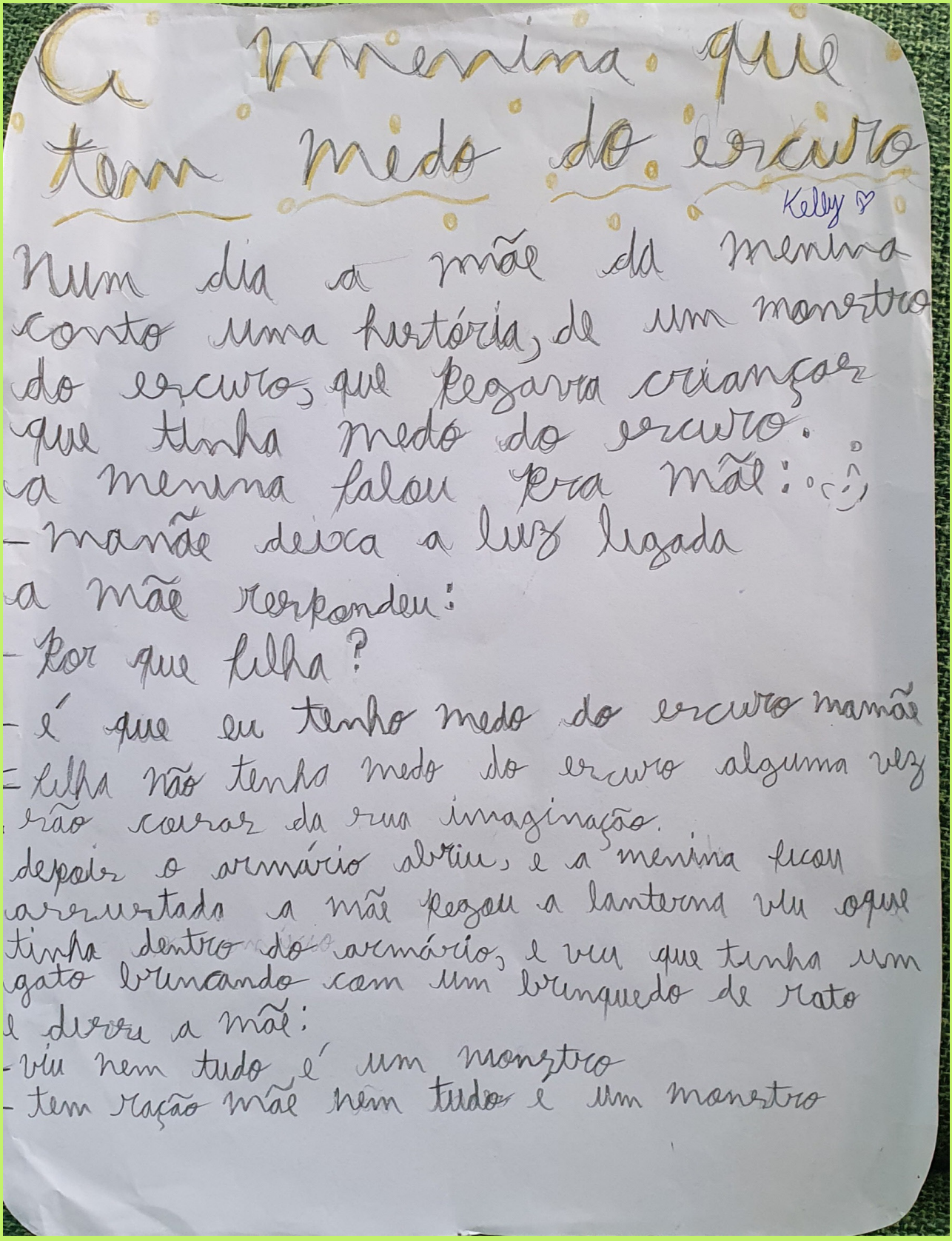
Ely Esabela -
São Paulo-SP

Gabriela Alves -
São Paulo-SP

Geovanna da Silva -
São Paulo-SP

Joey Willians -
São Paulo-SP

Kelly Pusarico -
São Paulo-SP
Parte I

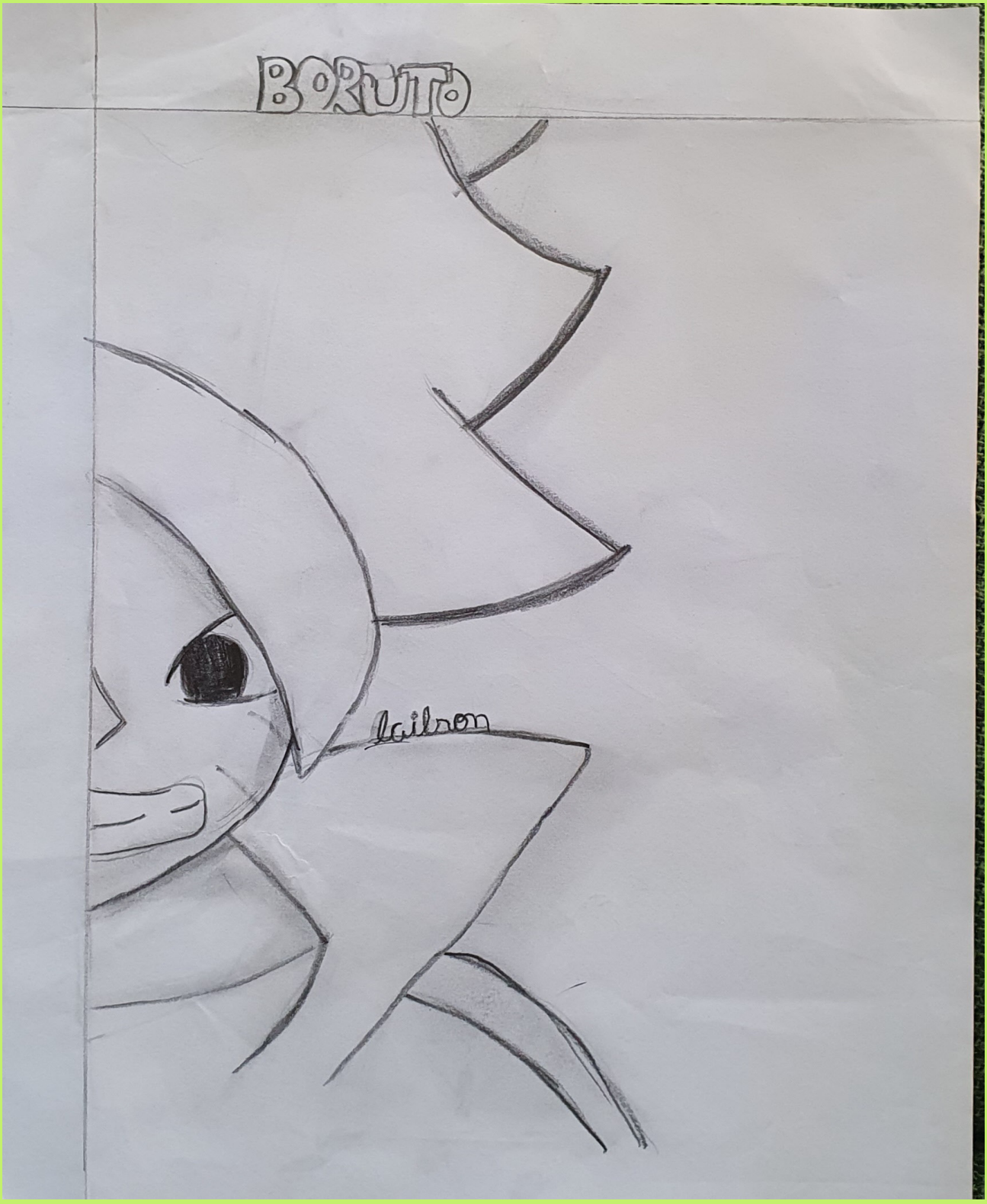


A menina que tem medo do escuro

Kelly ♡

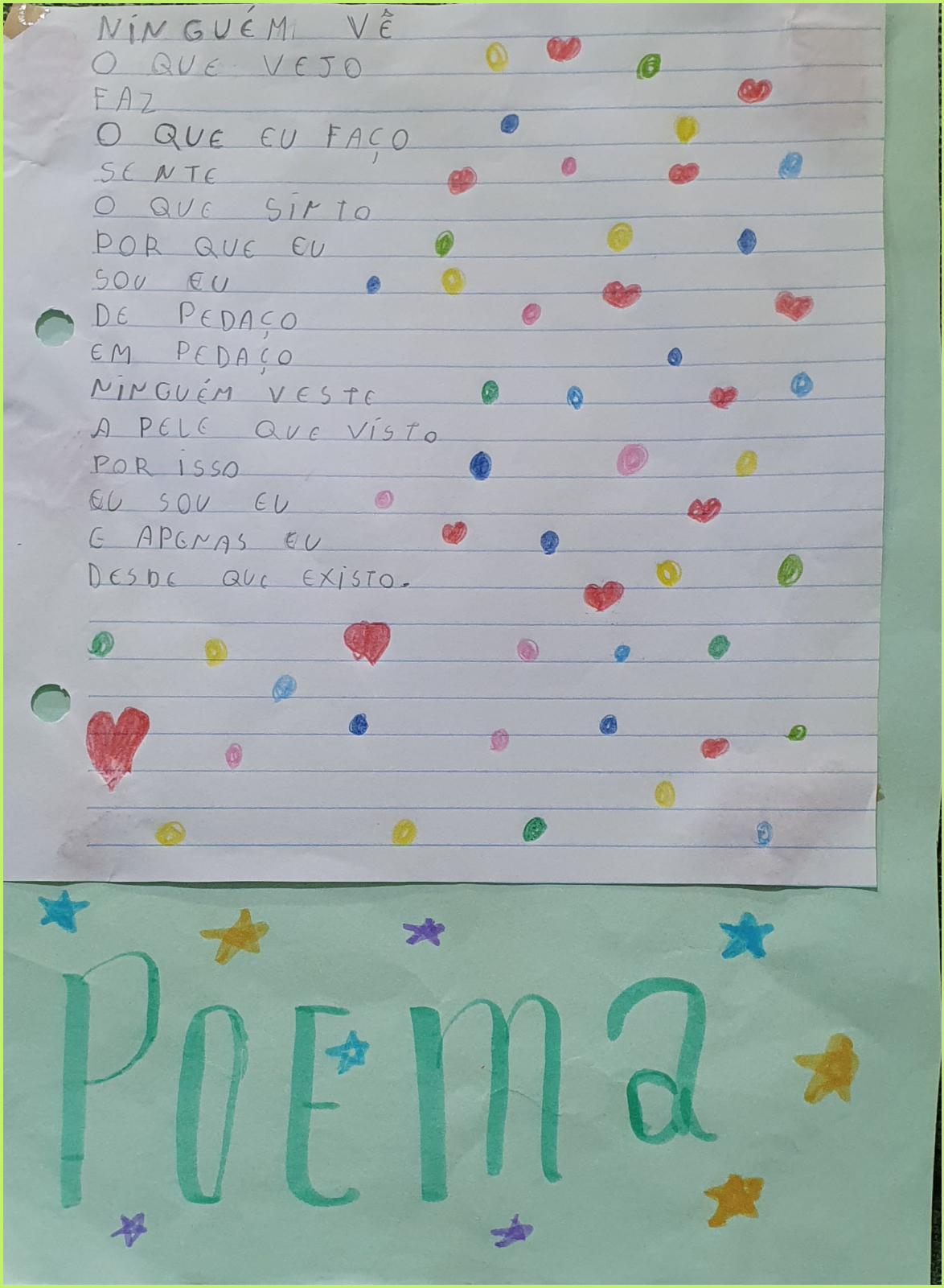
Num dia a mãe da menina
conto uma história, de um monstro
do escuro, que pegava crianças
que tinha medo do escuro.
a menina falou pra mãe:
- manãe deixa a luz ligada
a mãe respondeu:
- Por que filha?
- é que eu tenho medo do escuro mamãe
- filha não tenha medo do escuro alguma vez
são coisas da sua imaginação.
depois o armário abriu, e a menina ficou
assustada a mãe pegou a lanterna viu oque
tinha dentro do armário, e viu que tinha um
gato brincando com um brinquedo de rato
e disse a mãe:
- viu nem tudo é um monstro
- tem ração mãe nem tudo é um monstro

Kelly Pusarico -
São Paulo-SP
Parte II



Lailson Evert -
São Paulo-SP

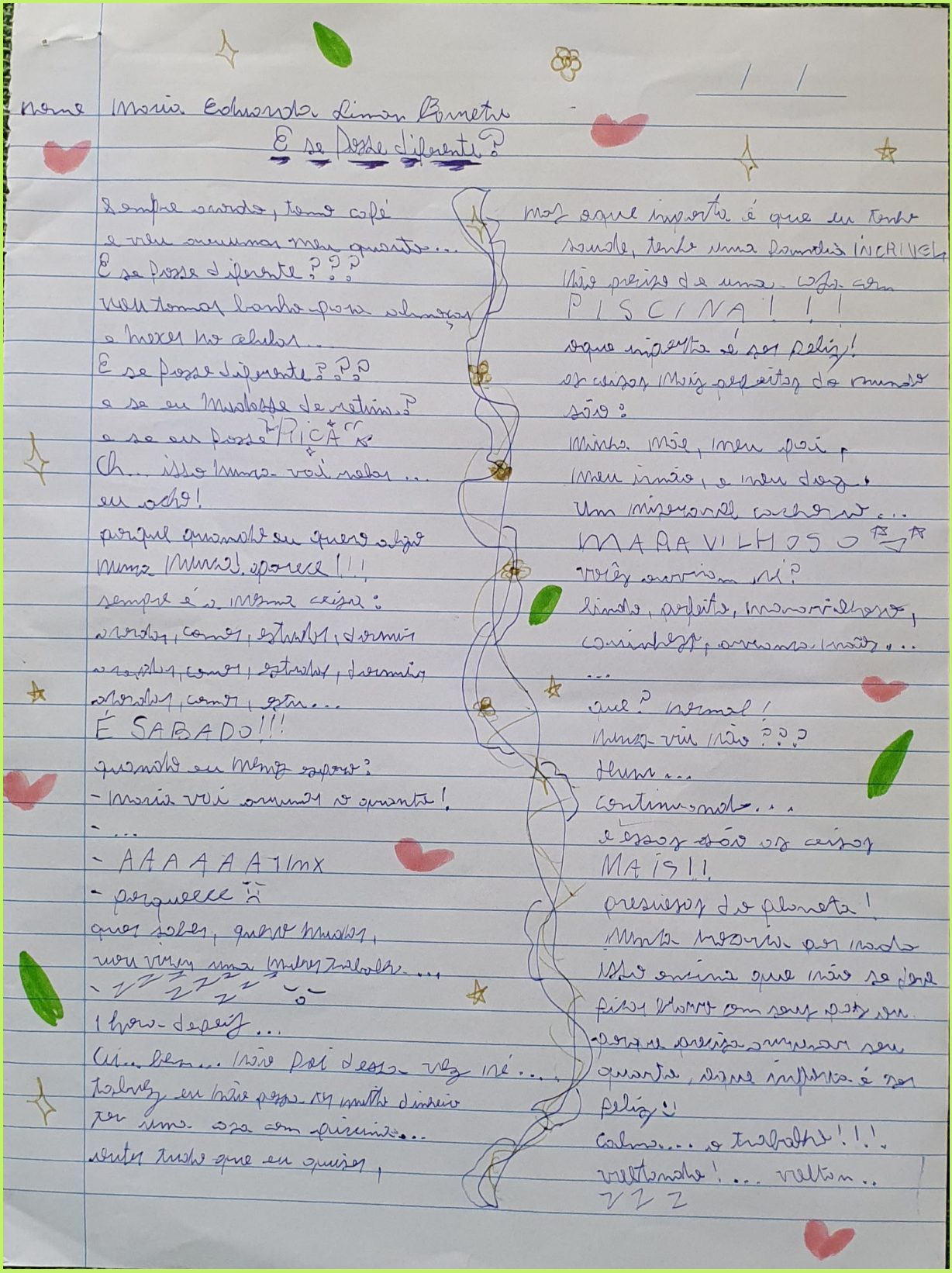
Larissa Nunes -
São Paulo-SP



NINGUÉM VÊ
O QUE VEJO
FAZ
O QUE EU FAÇO
SENTE
O QUE SINTO
POR QUE EU
SOU EU
DE PEDAÇO
EM PEDAÇO
NINGUÉM VESTE
A PELE QUE VISTO
POR ISSO
EU SOU EU
E APENAS EU
DESDE QUE EXISTO.

POEMA

Lavinia Montel -
São Paulo-SP



nome Maria Eduarda Liman Barreto

E se fosse diferente?

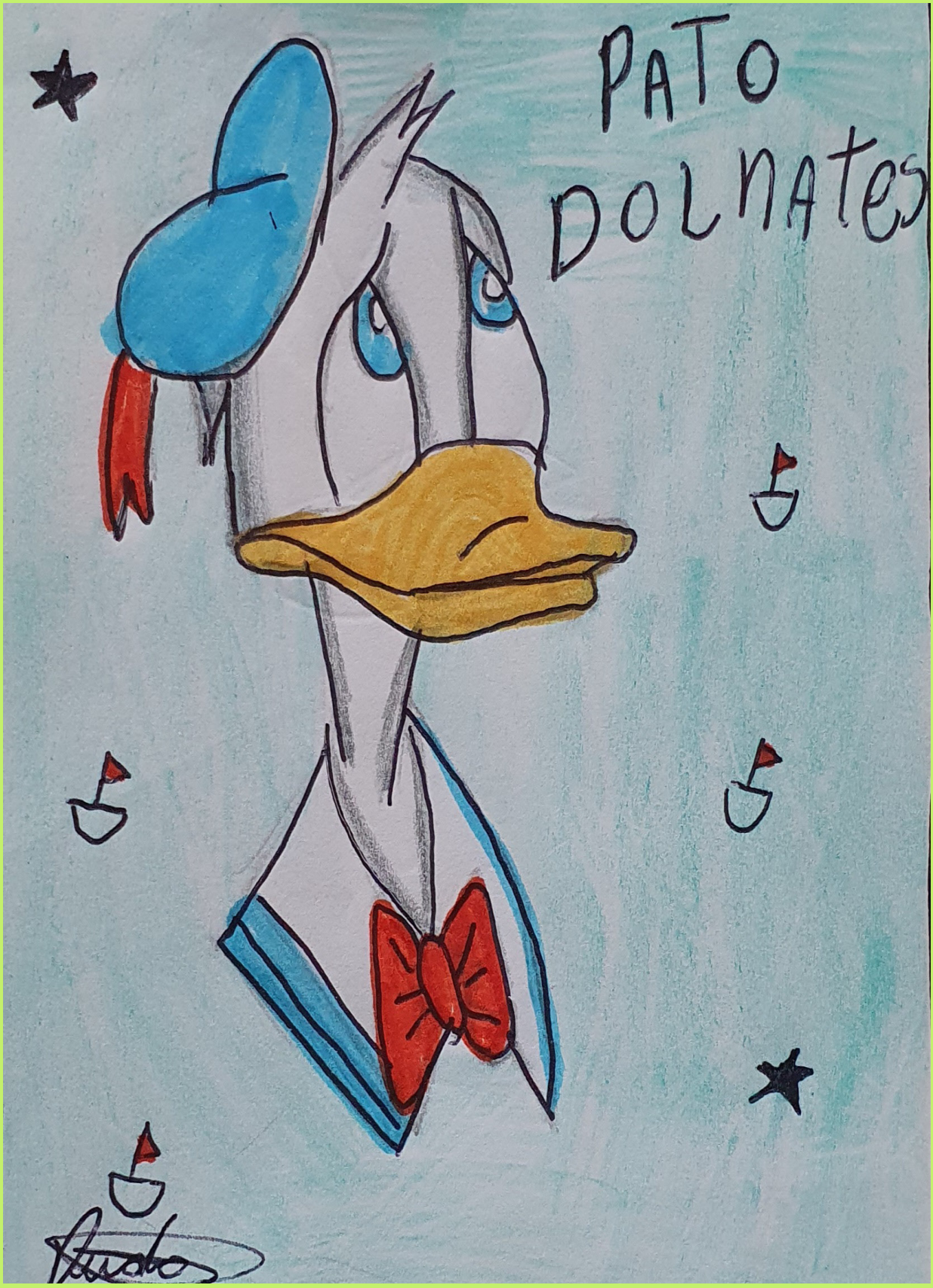
Sempre acordo, tomo café
e vou arrumar meu quarto...
E se fosse diferente???
vou tomar banho para almoçar
e mexer no celular...
E se fosse diferente???
e se eu mudasse de retina?
e se eu fosse "RICA"
Ch... isso nunca vai rolar...
eu acho!
porque quando eu quero algo
nunca nunca aparece!!!
sempre é a mesma coisa:
acordar, comer, estudar, dormir
acordar, comer, estudar, dormir
acordar, comer, estu...
É SABADO!!!
quando eu menos espero:
- Maria vai arrumar o quarto!
- ...
- AAAAAAAmx
- porqueeee
quer saber, quero mudar,
vou virar uma mulher trabalhadora...
- zzzzzzzz
1 hora depois...
Ai... bem... não foi dessa vez né...
talvez eu não possa ter muito dinheiro
ter uma casa com piscina...
outro tudo que eu quiser,

mas o que importa é que eu tenho
saúde, tenho uma família INCRIVEL
não preciso de uma casa com
PISCINA!!!
o que importa é ser feliz!
as coisas mais perfeitas do mundo
são:
minha mãe, meu pai,
meu irmão, e meu dog.
Um miserável cachorro...
MARAVILHOSO
vocês ouviram né?
lindo, perfeito, maravilhoso,
carinhoso, arranca mãos...
...
que? normal!
nunca viu não???
Hum...
continuando...
e essas são as coisas
MAIS!!
preciosas do planeta!
Minha mesma por nada
isso ensina que não se deve
ficar bravo com seus pais ou
porque precisa arrumar seu
quarto, o que importa é ser
feliz!
Calma... o trabalho!!!
voltando!... voltou..
zzz

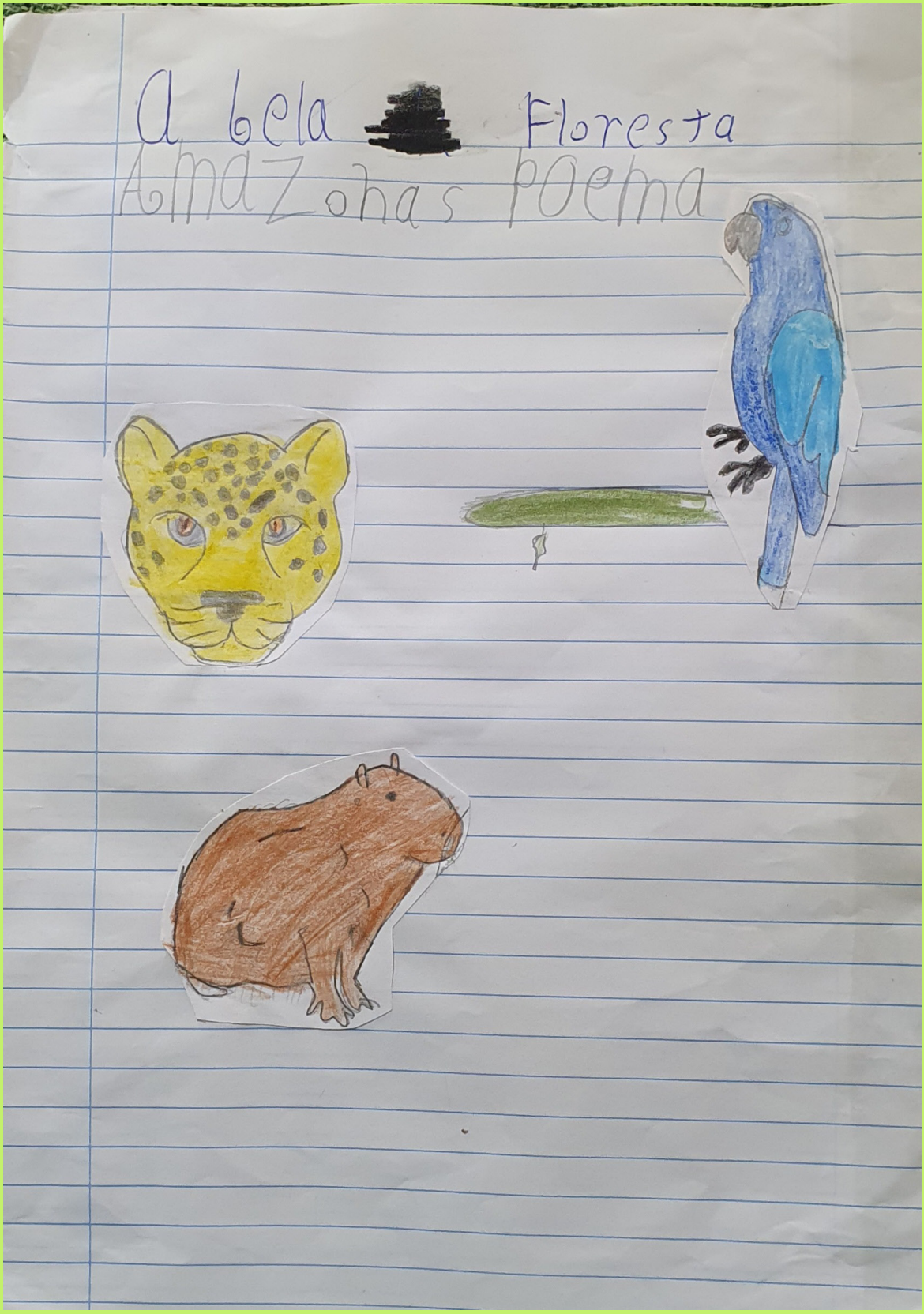
Maria Eduarda
Lima Barreto -
São Paulo-SP

Maria Luiza Alves -
São Paulo-SP

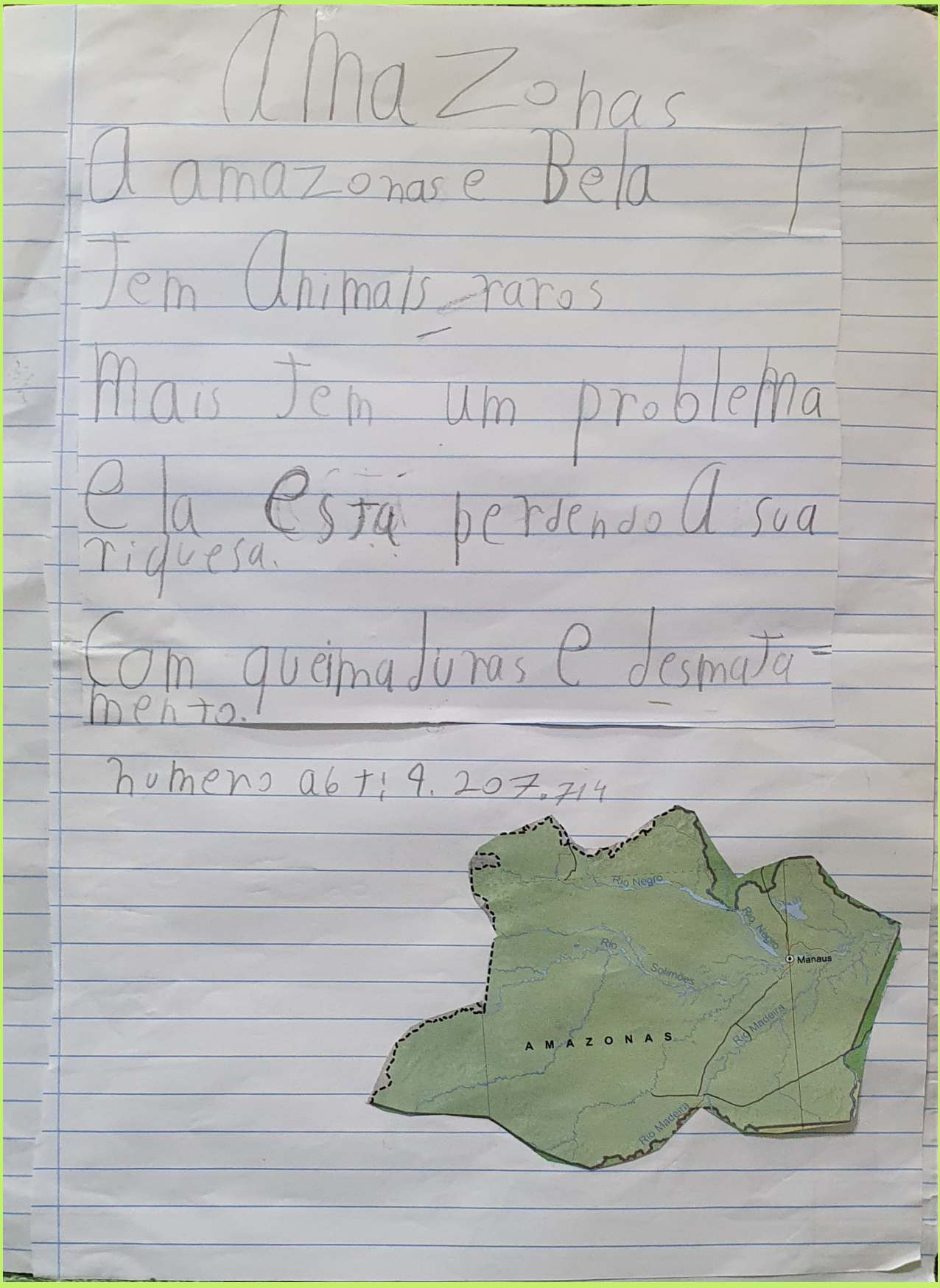
Maria Eduarda -
São Paulo-SP



Maria Eduarda -
São Paulo-SP

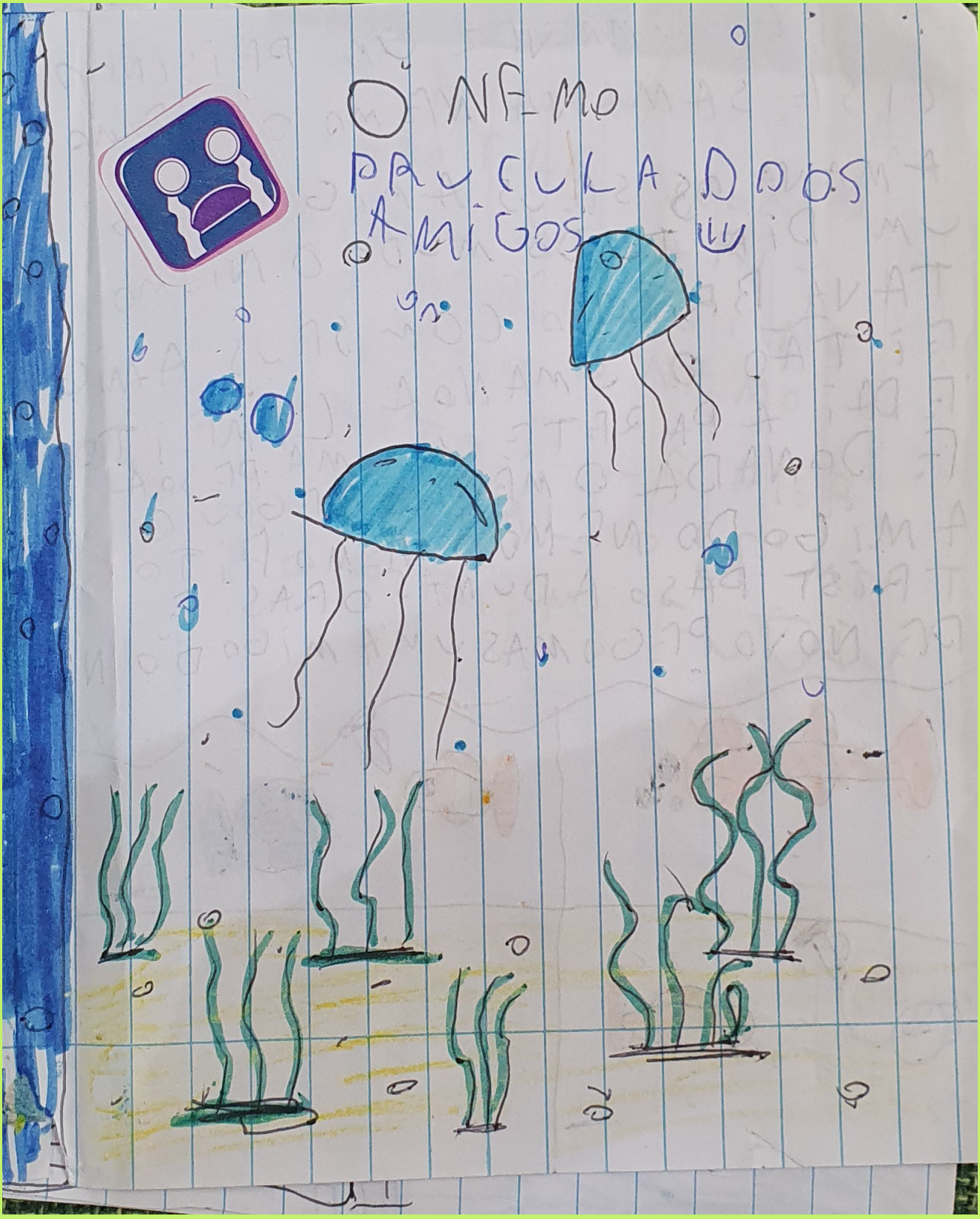


Matheus Silva Santos -
São Paulo-SP
Parte I

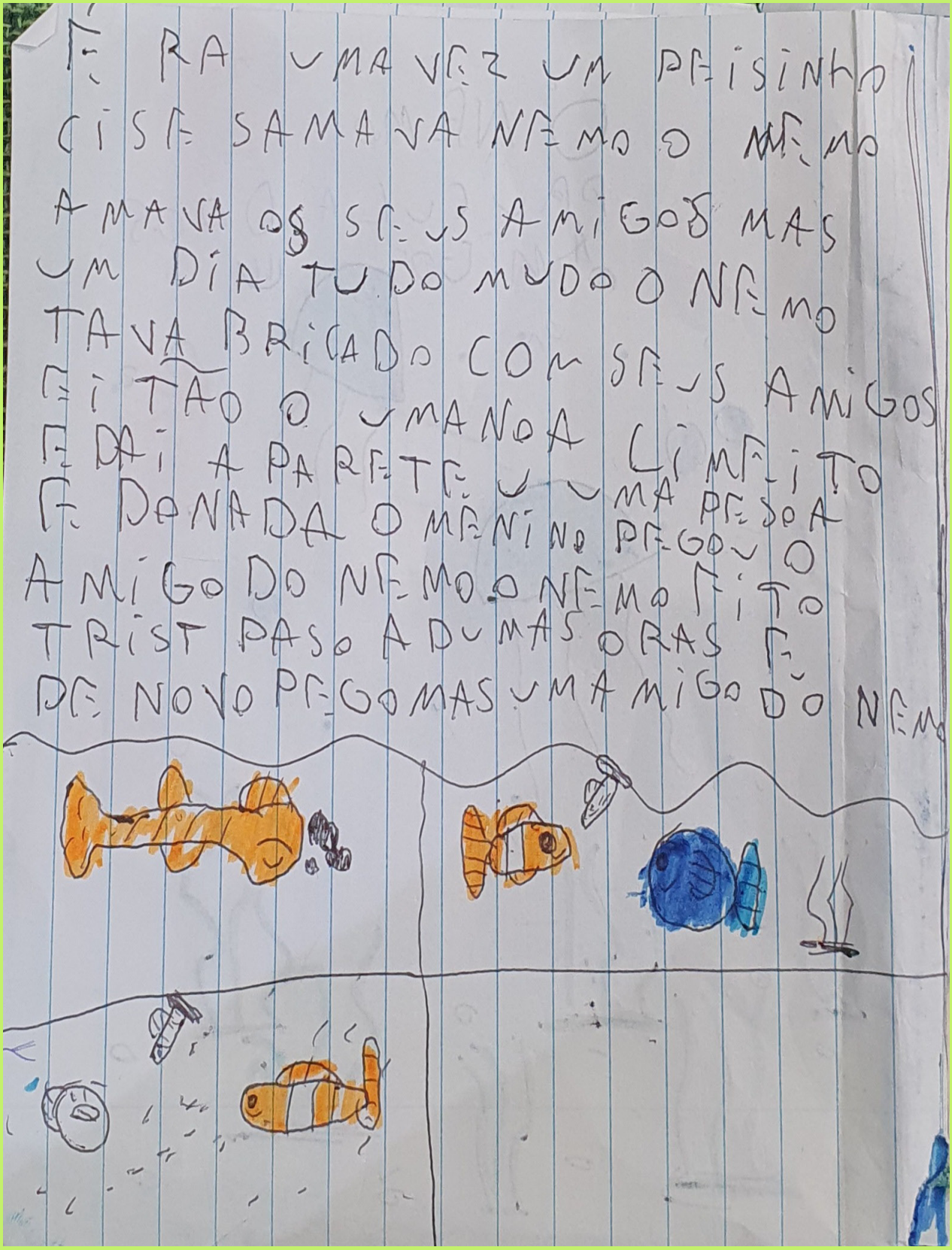


Matheus Silva Santos -
São Paulo-SP
Parte II

Neymar Corazon -
São Paulo-SP

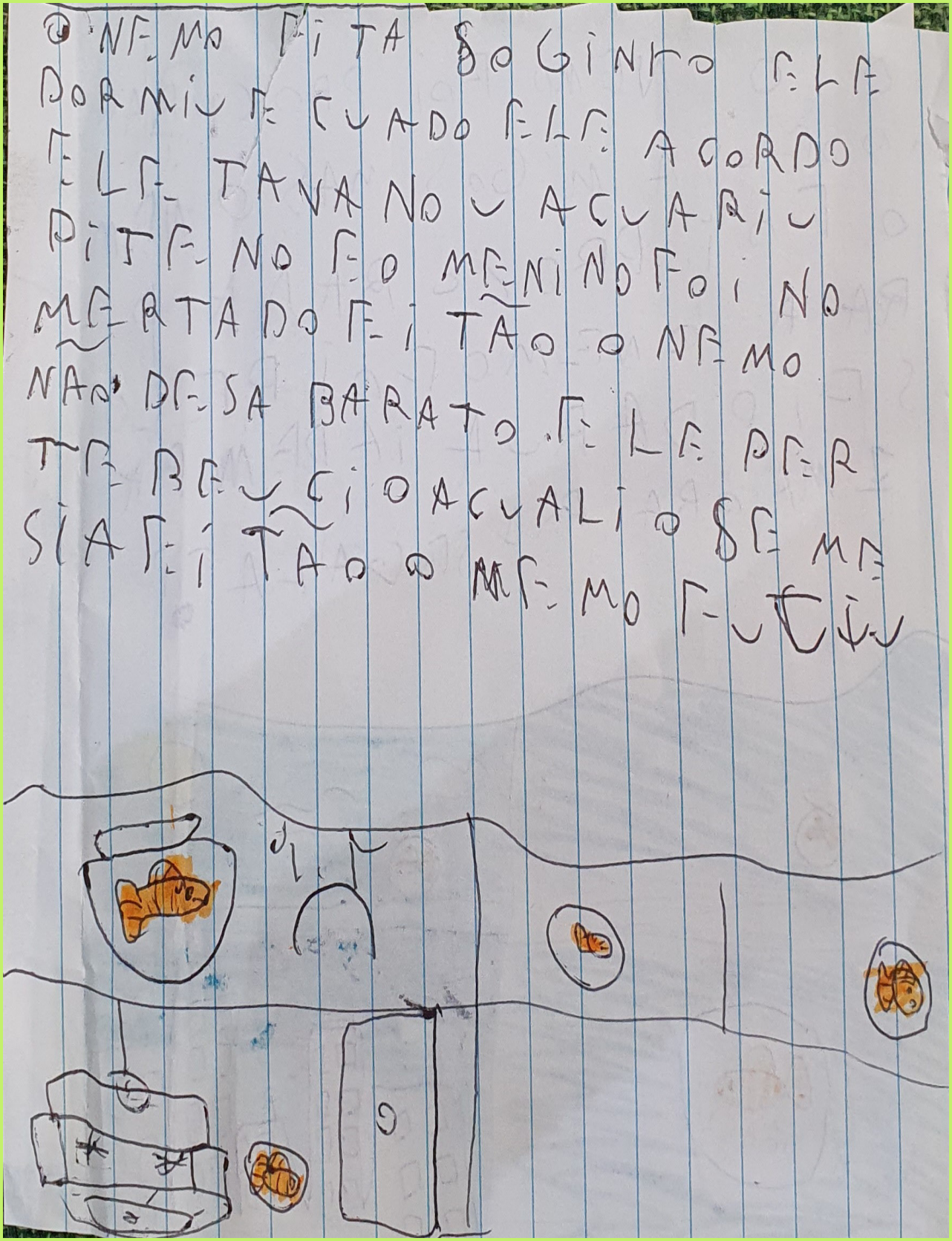


Nicoly -
São Paulo-SP
Parte I

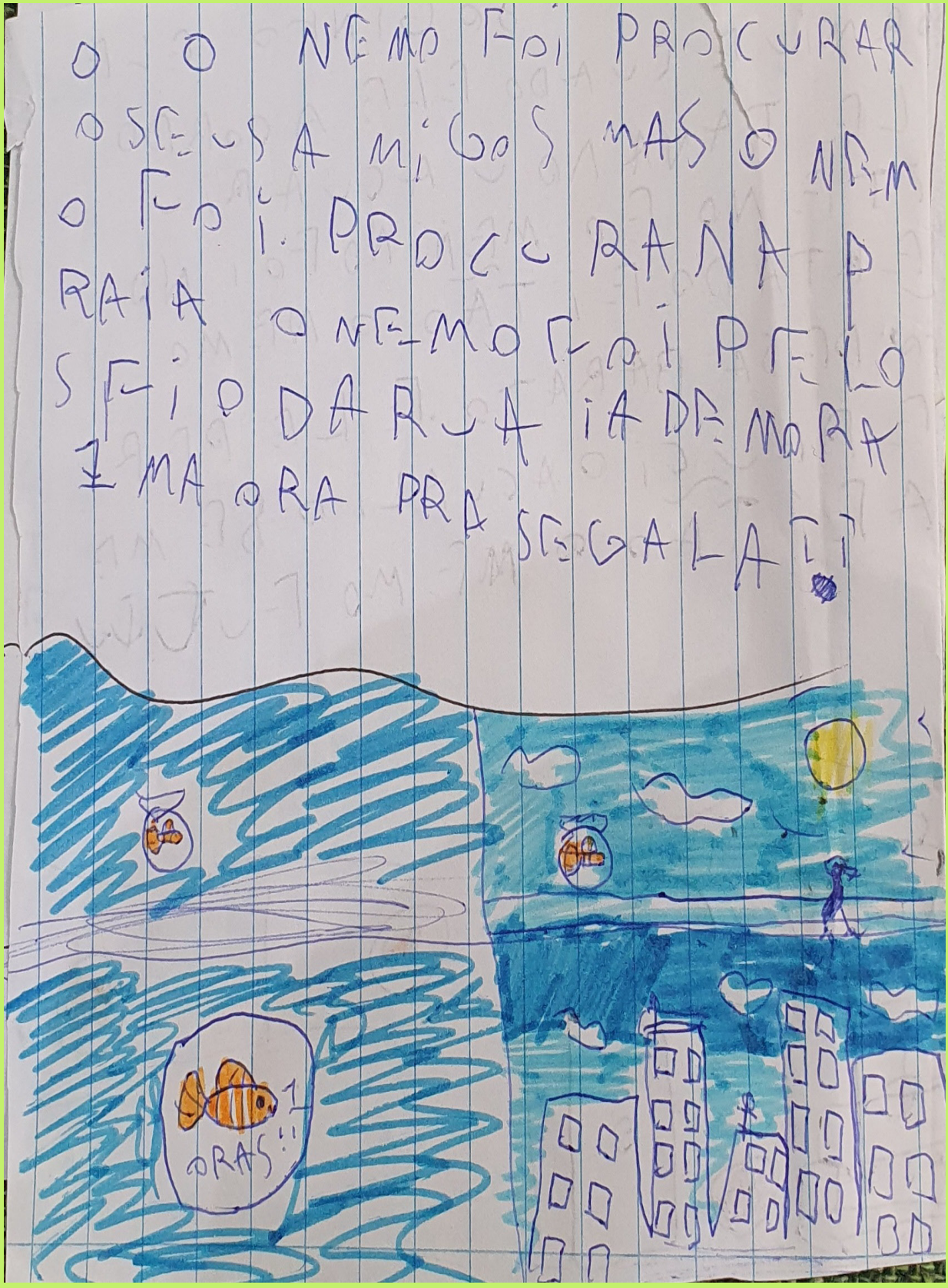


ERA UMA VEZ UM PEISINHO
CISE SAMAVA NEMO O NEMO
AMAVA OS SEUS AMIGOS MAS
UM DIA TUDO MUDO O NEMO
TAVA BRICADO COM SEUS AMIGOS
EI TÃO O UMANOA CIMEITO
E DAI A PARETE UMA PESOA
E DONADA O MENINO PEGOU O
AMIGO DO NEMO O NEMO EITO
TRIST PASO A DUMAS ORAS E
DE NOVO PEGO MAS UMA MIGO DO NEMO

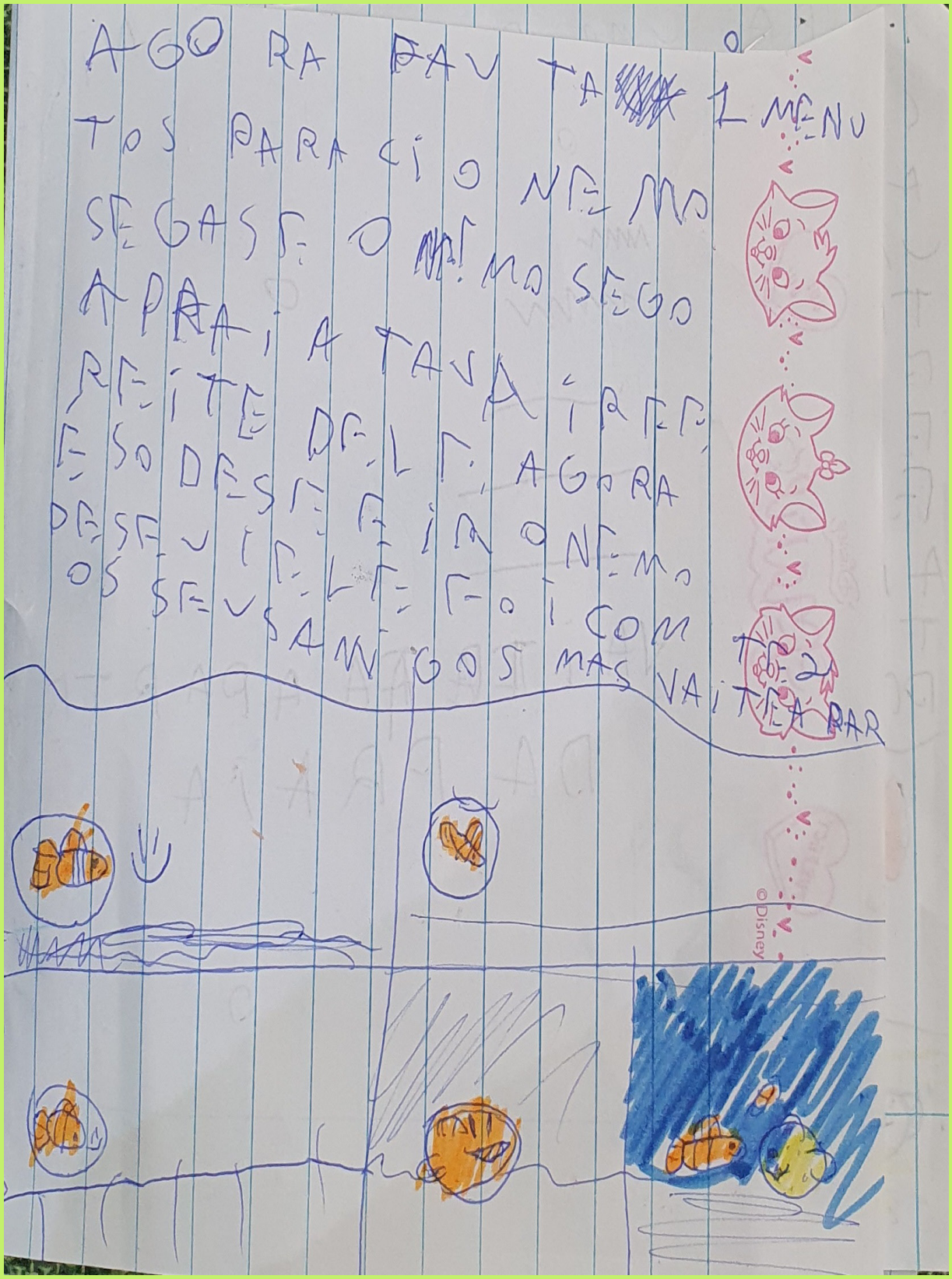
Nicoly -
São Paulo-SP
Parte II



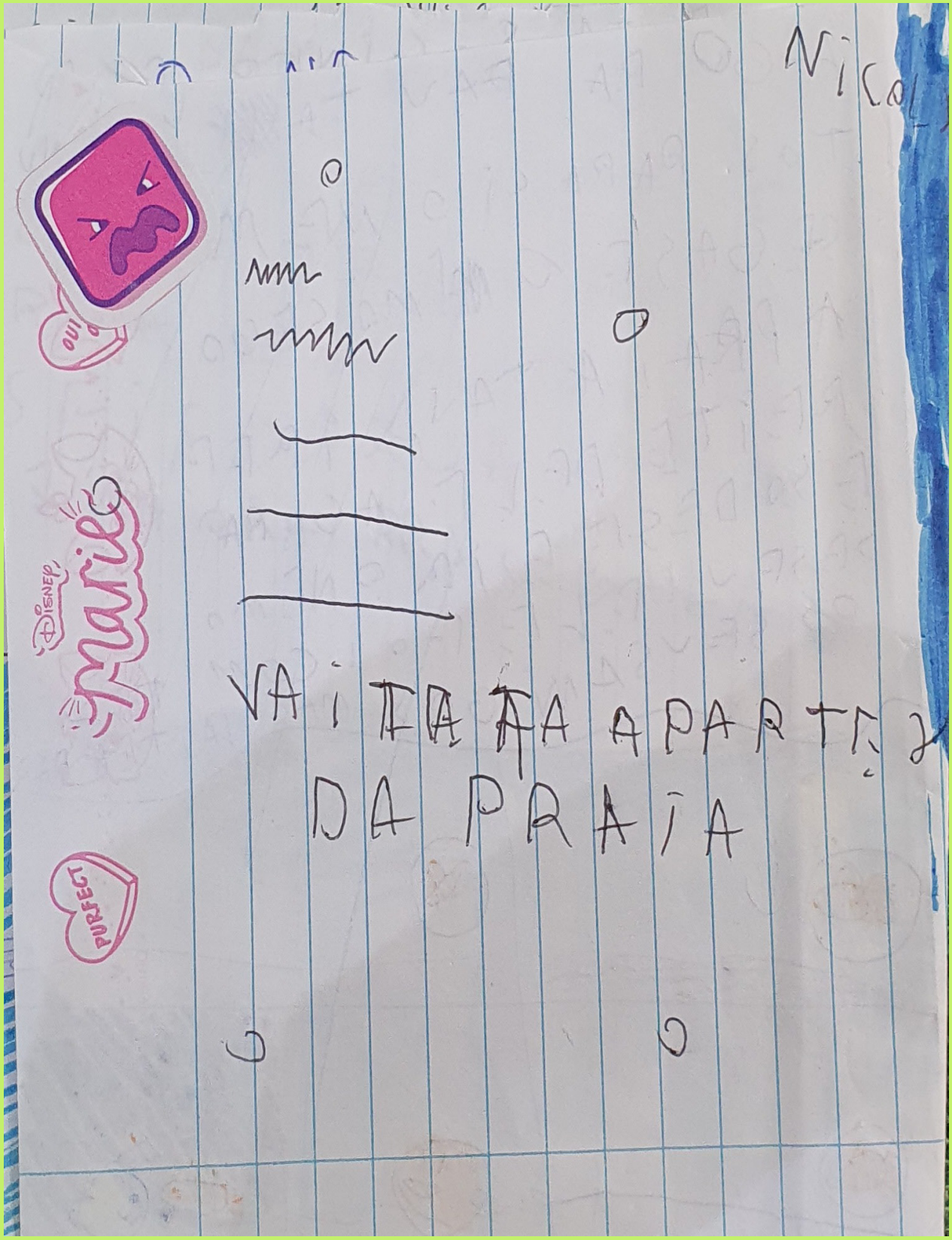
Nicoly -
São Paulo-SP
Parte III



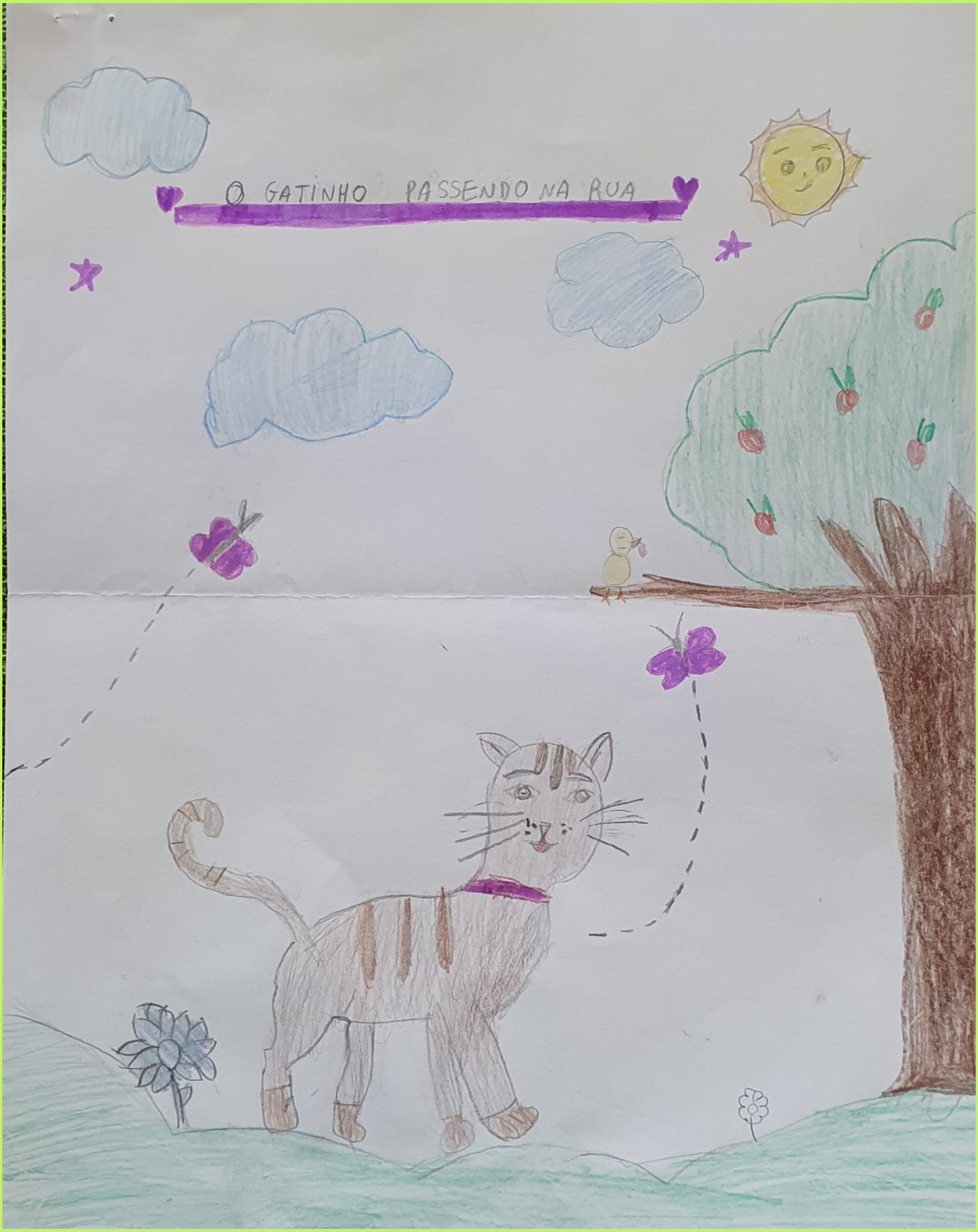
Nicoly -
São Paulo-SP
Parte IV



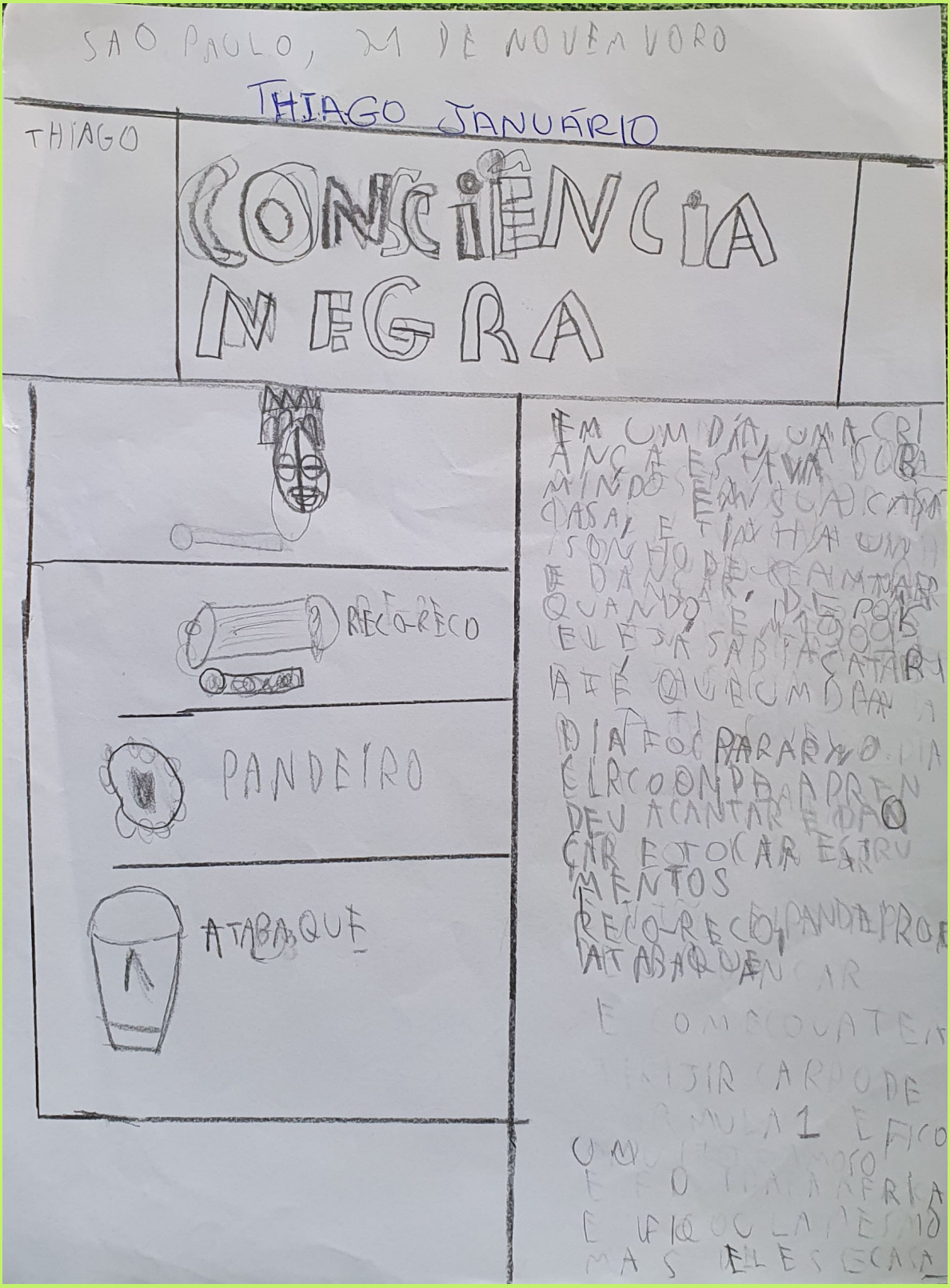
Nicoly -
São Paulo-SP
Parte V



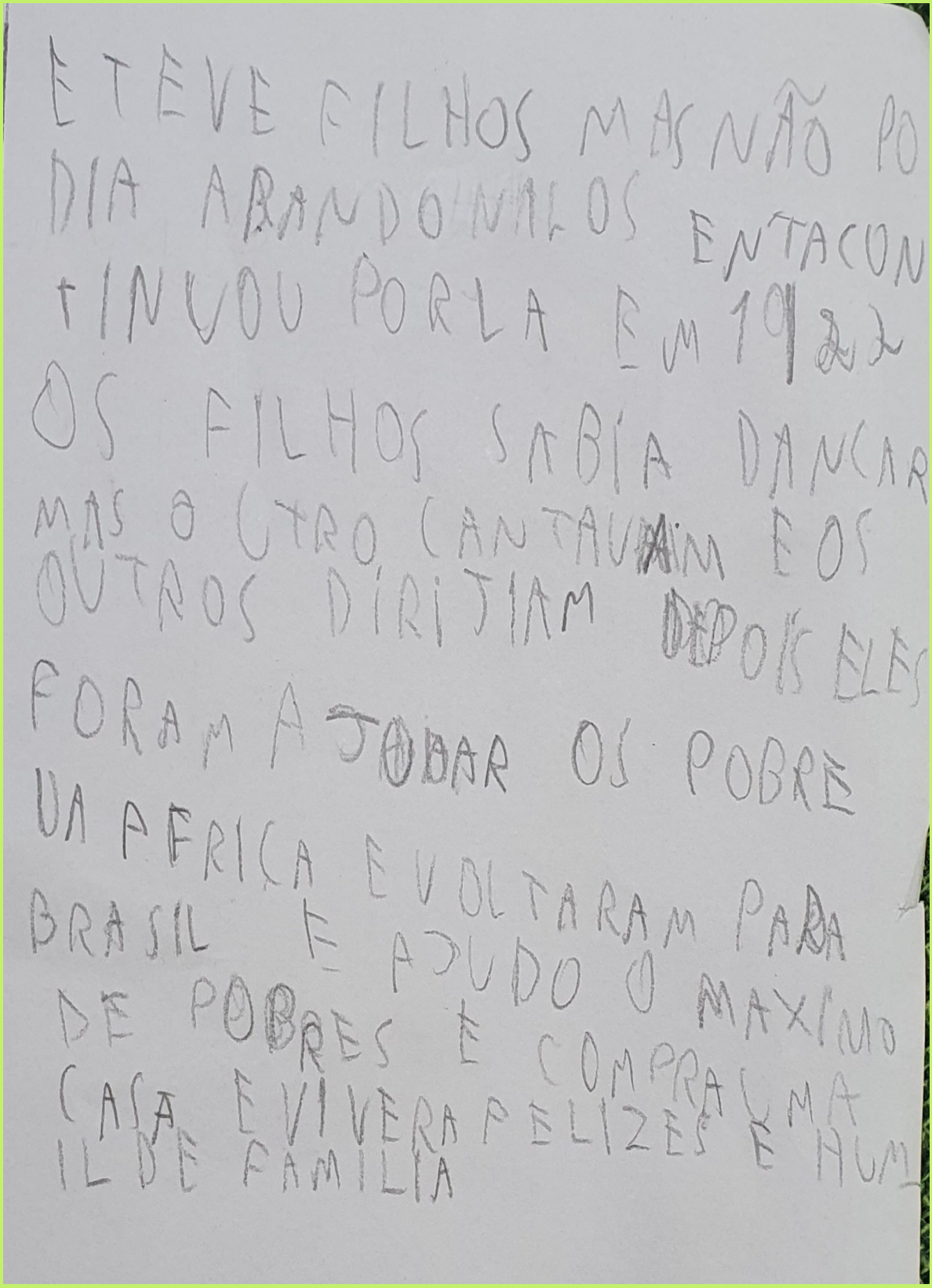
Nicoly -
São Paulo-SP
Parte VI



Rafaela Alves -
São Paulo-SP

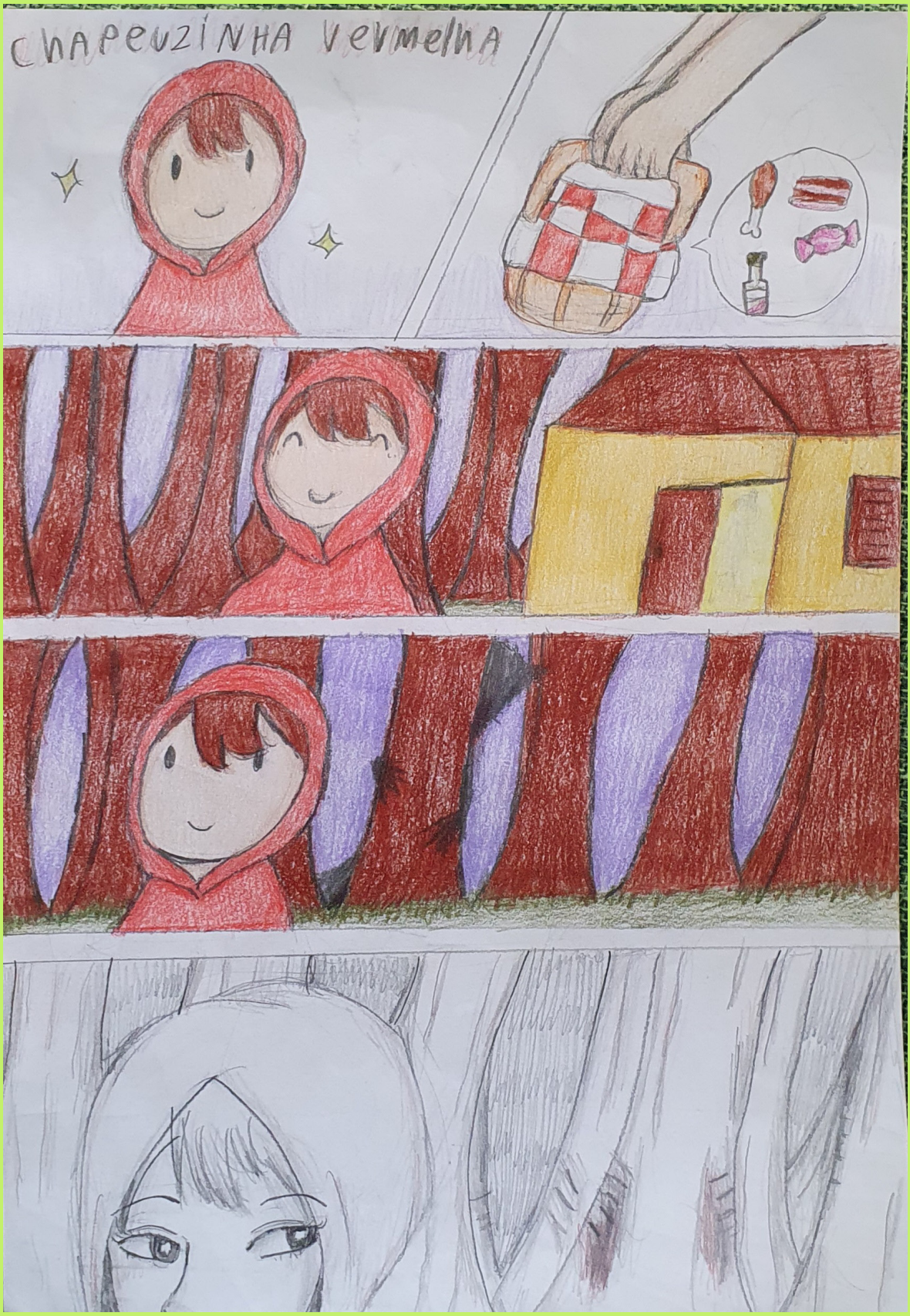


Thiago Januário -
São Paulo-SP
Parte I

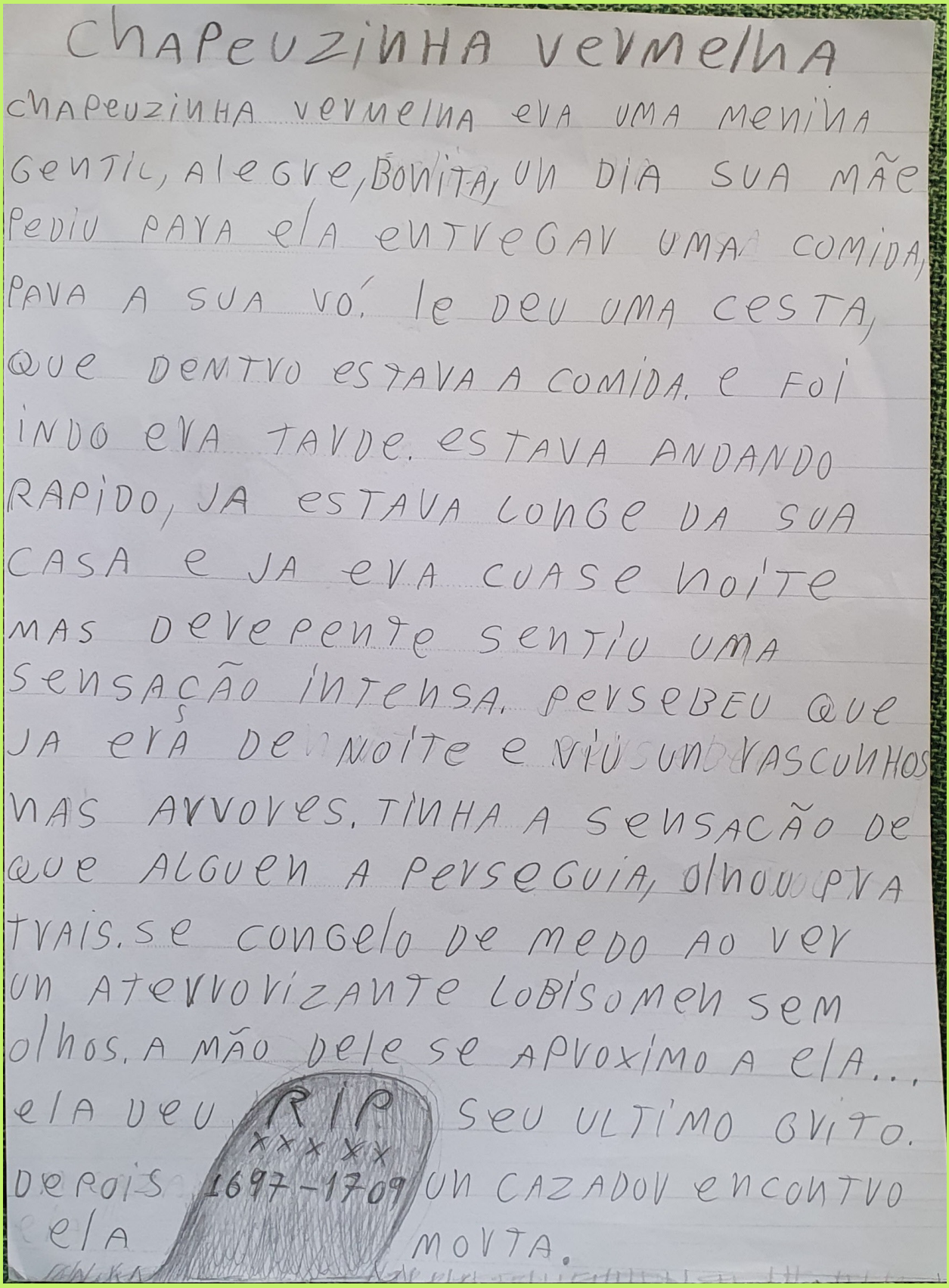


E TEVE FILHOS MAS NÃO PO
DIA ABANDONALOS ENTACON
TINUOU PORLA EM 1922
OS FILHOS SABÍA DANCAR
MAS O UTRO CANTAVAM E OS
OUTROS DIRIJIAM DEPOIS ELES
FORAM AJUDAR OS POBRE
UA AFRICA E VOLTARAM PARA
BRASIL E AJUDO O MAXIMO
DE POBRES E COMPRA UMA
CASA E VIVERA PELIZES E HUM
IL DE FAMILIA

Thiago Januário -
São Paulo-SP
Parte II



Yamile Rubi -
São Paulo-SP
Parte I



Chapeuzinha vermelha

Chapeuzinha vermelha era uma menina gentil, alegre, bonita, un dia sua mãe pediu para ela entregar uma comida, para a sua vó. le deu uma cesta, que dentro estava a comida. e foi indo era tarde. estava andando rapido, ja estava longe da sua casa e ja era cuase noite mas derepente sentiu uma sensação intensa. persebeu que ja era de noite e viu un rascunhos nas arvores. tinha a sensacão de que alguen a perseguia, olhou pra trais. se congelo de medo ao ver un aterrorizante lobisomen sem olhos. a mão dele se aproximo a ela... ela deu seu ultimo grito. depois un cazador encontro ela morta.

RIP
xxxxx
1697-1709

Yamile Rubi -
São Paulo-SP
Parte II

Yamile Rubi -
São Paulo-SP
Parte III

E. E. Romão Puiggari

Ana Caroline Ribeiro de Sousa – 11 anos - São Paulo/SP

Davy Reynaldo Ambrósio - 11 anos - São Paulo/SP

Elton Clemente dos Santos - 10 anos - São Paulo/SP

Ely Esabela Chipana - 09 anos - São Paulo/SP

Gabriela Alves dos Santos - 10 anos - São Paulo/SP

Geovanna da Silva - 08 anos - São Paulo/SP

Joey Willians Silveira Mota - 10 anos - São Paulo/SP

Kelly Pusarico Condori - 10 anos - São Paulo/SP

Lailson Evert Plata Rojas - 10 anos - São Paulo/SP

Larissa Nunes Cavalcante - 11 anos – São Paulo/SP

Lavinia Montel Carvalho - 11 anos – São Paulo/SP

Maria Eduarda Lima Barreto – 10 anos - São Paulo/SP

Maria Eduarda Silva Oliveira - 11anos – São Paulo/SP

Matheus Silva Santos - 11 anos – São Paulo/SP

Neymar Corazon Tikinson - 11 anos - São Paulo/SP

Nicoly Camargo Lima – 08 anos - São Paulo/SP

Rafaela Alves dos Santos - 10 anos - São Paulo/SP

Thiago Januário de Luna - 09 anos - São Paulo/SP

Yamile Rubi Huarachi Huaranca - 10 anos - São Paulo/SP

Agradecimentos a tod@s @s docentes, especialmente às professoras e professor incentivadores:

Cristina Oliveira dos Anjos

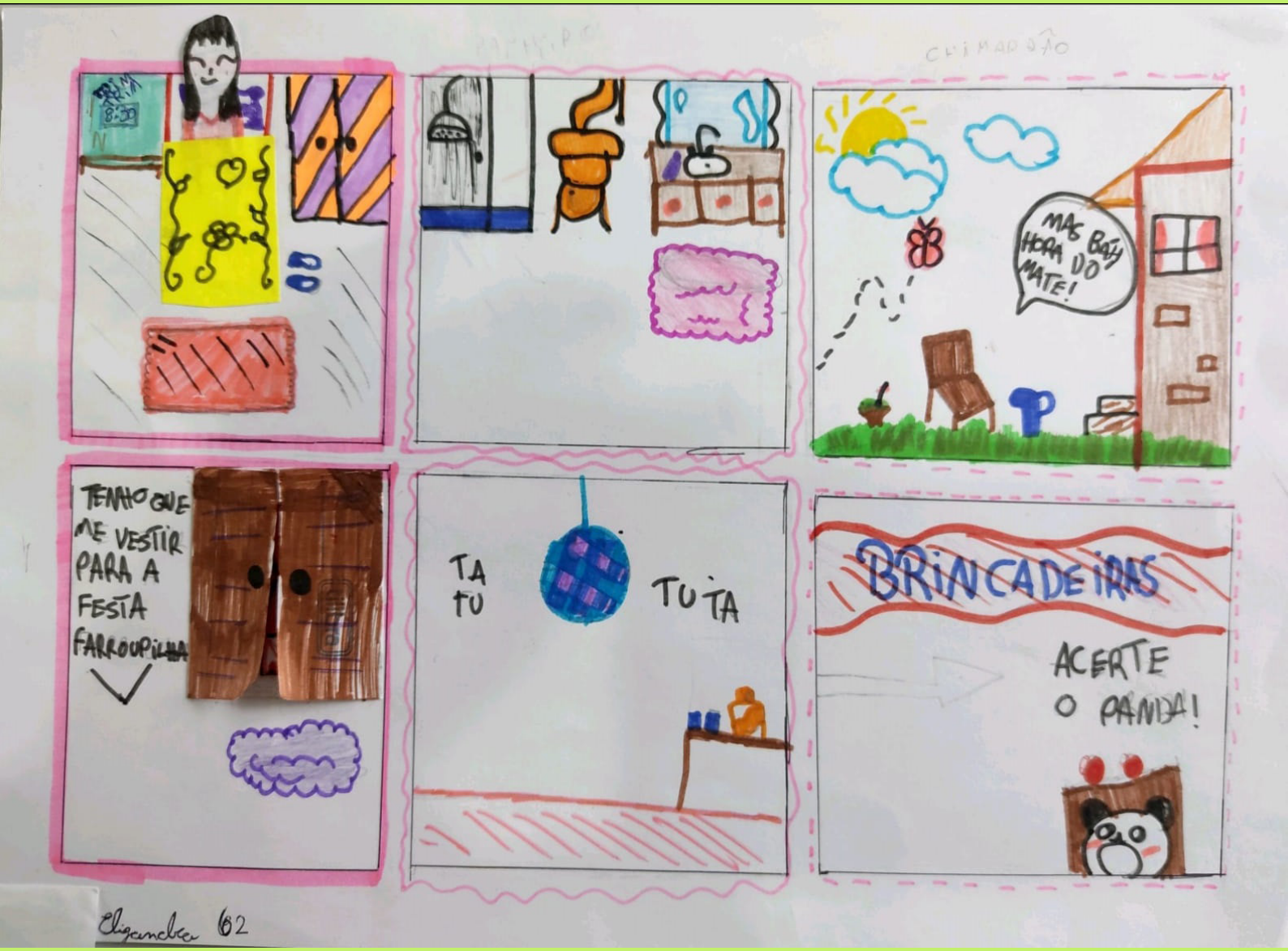
Geraldina Souza dos Santos

Sileide Falcão Obara

Wilson Persan

Ana Clara Erguy Filgueira -
15 anos - Passo de Torres-SC

BEATRIZ DA ROCHA TIZONI ESTEVAO
Escola Municipal de Ensino Fundamental
Vila Nova, cidade de Passo de Torres/SC



ELIZANDRA MAGGI DA ROSA
Escola Municipal de Ensino Fundamental
Vila Nova, cidade de Passo de Torres/SC

NICOLI FERNANDES DA SILVA
Escola Municipal de Ensino Fundamental
Vila Nova, cidade de Passo de Torres/SC
Parte I

NICOLI FERNANDES DA SILVA
Escola Municipal de Ensino Fundamental
Vila Nova, cidade de Passo de Torres/SC
Parte II

Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Nova, cidade de Passo de Torres/SC

A atividade é um trabalho de produção de história em quadrinhos, sobre a temática da Semana Farroupilha, disciplina de Língua Portuguesa, ministrada pelo professor Ronaldo Josué Faller.

A Semana Farroupilha é um evento festivo da Cultura gaúcha, que se comemora de 13 a 20 de setembro com desfiles em homenagem a líderes da Revolução Farroupilha. O evento é dedicado ao marco da Revolução Farroupilha, liderada pelo gaúcho Bento Gonçalves no século XIX.
A Revolução Farroupilha foi mais longa revolução do Brasil, ocorreu entre os anos de 1835 a 1845 e tinha como ideais liberdade, igualdade e humanidade. Durante a semana farroupilha os gaúchos montam acampamentos e comemoram, tomando chimarrão e celebrando com desfiles e shows. Usam vestimentas a caráter: as prendas usam vestidos rodados e os homens bombacha, lenço, guaiaca e chapéu. Ocorre em todas as cidades gaúchas e algumas regiões de Santa Catarina.

Poemas

Desamparo

Ando por caminhos traiçoeiros
Sinto meus passos fraquejarem
Braços desajeitados não sabem onde ficar
Meus olhos analisam todos os caminhos
Sei que aqui eu não podia estar

Sei que estou sendo seguida
Uma voz diz que eu não posso parar
Desejo não estar aqui
Minha incerteza diz que isso não terá um fim

Suspiro encarando meus obstáculos
Sinto aquele homem atrás de mim
O medo consegue me absorver
Estou quase sem ar

Ouço passos raivosos
Olhos me observam sem nenhum descanso
Sei que corro perigo
Meu coração bate doido
Aliviada viro a esquina

Mas infelizmente já é tarde
Sinto lágrimas por meu rosto
Pânico me consome
Não há como fugir

Ana Clara Lana Costa

Abraço-te, Tristeza

Hoje eu dou bom dia à tristeza
Não irei mais fugir dela,
Não irei me opor a ela.
A tristeza hoje ri, se debocha.
A dor me inunda a alma
E transborda pelos olhos.
Me fere,
Me corta,
Me sangra.
Hoje aceito minhas lágrimas.
Censurarei toda forma de alegria.
O teu riso que não me contagia.
Hoje não quero ver a luz do dia.
Não irei sair de casa
Devo colher cada grão amargo.
Que a tua existência em mim plantou.
Hoje a tristeza é quem me faz companhia.
Ela está agora naquele lugar que antes era seu.
O tolo se ilude na felicidade, delira.
Hoje a sorte se afasta.
Floresço sobre a incerteza.
A alegria não me bem-recebe

E abraço-te, Tristeza.

Mayane Alves da Silva (Sob o pseudônimo de Maya)

Expediente

Revista Barbante
Vol. X - Nº 50 - 29 de novembro de 2022
ISSN 2238-1414
QUALIS B5

10 anos da revista Barbante

Editores
Rosângela Trajano
Samuel de Mattos

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Juli Lima
Sandra Erickson
Beth Iacomini

Conselho editorial da Barbantinha
Rosângela Trajano
Ana Priscila
Angela Ferreira

Ilustrações desta edição
Elza Francisco

Diagramação
Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Revisão dos autores.